

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDA CARDIA CONSENTINO

FREUD, A CULTURA E A PSICANÁLISE
FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES DE UM EXERCÍCIO DE PENSAMENTO

São Paulo

2024

FERNANDA CARDIA CONSENTINO

FREUD, A CULTURA E A PSICANÁLISE
FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES DE UM EXERCÍCIO DE PENSAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para graduação no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, sob orientação do Prof. Ricardo Radin Bueno

São Paulo

2024

*Àqueles que, ao longo de minha formação,
abriram as portas do consultório,
me apresentando a verdadeira psicanálise*

RESUMO

A presente pesquisa explorou a visão freudiana sobre cultura - entendida pelo mesmo em sentido equivalente à civilização - e sua influência na construção da psicanálise. Partindo de uma compreensão de psicanálise enquanto processo de investigação, técnica de tratamento e disciplina teórica, examinou-se como Freud pensava a cultura, a metodologia por ele utilizada e a forma como isso se insere na psicanálise em sua constituição. Mais especificamente, através de uma pesquisa que combina história e teoria, foram analisadas as principais obras ditas sociais freudianas - *Totem e Tabu*, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, *O Futuro de uma Ilusão* e *O Mal-estar na Civilização* -, buscando compreender como a metodologia freudiana aplicada extra-clinicamente ajudou a moldar a psicanálise em seus três âmbitos. Assim, pesquisa focou exclusivamente em Freud, extraindo conceitos e ideias com apoio de comentadores, sem envolver outras escolas pós-freudianas, o que permitiu entender as interações entre sujeito e sociedade, evidenciando a relevância de uma perspectiva histórica para a prática e disseminação da psicanálise, desafiando e reavaliando práticas e conceitos para uma psicanálise mais crítica e inclusiva. Em suma, a pesquisa buscou compreender a psicanálise não apenas como método clínico, mas também em seu contexto histórico e cultural, revelando a influência dos processos culturais no pensamento freudiano e na prática psicanalítica

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Freud; Cultura; História da psicanálise; Psicanálise extra-clínica

ABSTRACT

This research explored Freud's view on culture—understood by him as equivalent to civilization—and its influence on the construction of psychoanalysis. By understanding psychoanalysis as an investigative process, treatment technique, and theoretical discipline, the study examined how Freud thought about culture, his methodology, and how these are integrated into the constitution of psychoanalysis. Specifically, through research combining history and theory, the main social works of Freud—Totem and Taboo, Group Psychology and the Analysis of the Ego, The Future of an Illusion, and Civilization and Its Discontents—were analyzed to understand how Freud's methodology applied extra-clinically helped shape psychoanalysis in its three domains. The research focused exclusively on Freud, extracting concepts and ideas with the support of commentators, without involving post-Freudian schools, which allowed for an understanding of the interactions between subject and society. This highlighted the relevance of a historical perspective for the practice and dissemination of psychoanalysis, challenging and reevaluating practices and concepts for a more critical and inclusive psychoanalysis. In sum, the research aimed to understand psychoanalysis not only as a clinical method but also within its historical and cultural context, revealing the influence of cultural processes on Freudian thought and psychoanalytic practice.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Freud; Culture; History of Psychoanalysis; Extra-clinical Psychoanalysis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. METODOLOGIA.....	13
3. PSICANÁLISE ENQUANTO MÉTODO.....	17
3.1 PSICANÁLISE E CULTURA: PSICANÁLISE APLICADA, EM EXTENSÃO OU EXTRAMUROS.....	24
4. FREUD E A CULTURA: AS BASES PARA O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.....	31
4.1 TOTEM E TABU.....	36
5. O ESTABELECIMENTO DE UM PRINCÍPIO METODOLÓGICO.....	45
5.1 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU.....	48
6. A APLICAÇÃO DO MÉTODO.....	60
6.1 O FUTURO DE UMA ILUSÃO.....	63
6.2 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO.....	74
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	90

1. INTRODUÇÃO

Não se pode negar que Freud, ao desenvolver a psicanálise considerou, desde o início, a influência de aspectos sócio-culturais para a formação psíquica do indivíduo - os quais vão desde a função do outro para a formação do Eu, através de processos como a identificação, até as dinâmicas sociais, como grupos e massas, que suscitam uma série de questões subjetivas individuais.

Longe de estudar o indivíduo em isolamento, Freud o aborda desde o começo como um ser social; ele é não apenas cerceado pelos fatores sociais, como é também o portador das proibições sociais, das normas sociais, dos símbolos sociais e das produções sociais (Gabriel, 1988, p. 186).

Isso fez com que, ao pensar a psicanálise, Freud problematizasse também a cultura e sociedade, a inserção dos sujeitos nas mesmas e seu impacto na formação das instâncias psíquicas, nas neuroses e transtornos mentais. A depender do que se considera por psicanálise, tal articulação entre sujeito e sociedade enquanto fundante de sua trama teórica e clínica pode ser interpretada a partir de diferentes óticas. Isto pois, de acordo com o próprio Freud¹, a mesma deve ser apreendida em três âmbitos distintos, ainda que intrinsecamente relacionados: enquanto método ou procedimento de investigação - *Forschungsmethod* -; método ou técnica de tratamento - *Behandlungsmethode* -; ou "nova ciência" no sentido de um "novo saber" - *Neues Wissenschaft* - que comporta o corpo teórico que sistematiza os modos de funcionamento humano (Dunker e Iannini, 2023).

Deste modo, o entendimento freudiano de sujeito enquanto ser social pode ser pensado sob diversas óticas: como forma de ampliar o horizonte psicanalítico tanto no que diz respeito aos objetos de estudo quanto ao seu alcance, testemunhar o próprio reconhecimento da psicanálise enquanto epistemologicamente irreduzível à outras ciências e saberes, desenvolver os pontos obscuros da teoria psicanalítica (Plon *apud* Debieux, 2004), ou, ainda, enquanto tentativa de estabelecer princípios metodológicos próprios de investigação e da forma de se conceber a clínica (Safatle, 2009) - ponto que conversa com os anteriores.

Tal questão se amplia e complexifica ainda mais se considerarmos, para além da teoria produzida, as práticas psicanalíticas que, iniciando-se no consultório particular, em um determinado momento extrapolam a lógica privada e passam a compor, também, as políticas públicas de saúde da população. Me refiro aqui ao exercício das clínicas públicas realizados

¹ definição essa estabelecida no artigo "*Psicanálise*" e "*Teoria da libido*", no ano de 1923. Ver cap. 2. *Psicanálise enquanto método*.

por Freud e seus discípulos na década de 20 e início de 30, essencial para se pensar a psicanálise tanto em sua constituição, como nas formas que adquiriu até chegar nos dias de hoje (Danto, 2022).

Ainda que por um bom tempo essa faceta da história da psicanálise tenha sido em boa parte esquecida ou negligenciada, houve um movimento recente de recuperá-la, protagonizado pela psicanalista e historiadora norte-americana Elisabeth Danto (2022). Não cabe aqui pensar no porquê desse movimento, mas constatar que ele não só ganhou forma, como vem se fortalecendo cada vez mais. Isso fica evidente não apenas pelo fato do livro de Danto ter vencido um dos principais prêmios literários do ocidente², mas, principalmente, pelo advento das inúmeras clínicas públicas e coletivos autônomos de psicanálise, junto de novas formas de se pensar a clínica psicanalítica: na rua, em grupos, nas favelas, nos dispositivos de saúde pública, no acompanhamento terapêutico, etc.

Com o advento do capitalismo e mudanças estruturais na cultura e sociedade em que vivemos - que já não mais se assemelha àquela em que viveu e pensou Freud - novas necessidades passaram a se impor para a psicanálise, sob a forma de questões às quais cabe a nós, futuros psicanalistas, com todo rigor necessário e sob orientação da ética psicanalítica, se haver com e buscar por respostas.

Se por um lado as discussões acerca da relação entre sujeito, cultura e sociedade para a psicanálise ganharam força e vêm se mostrando cada vez mais essenciais no momento atual, por outro, foram por muitos recusadas e rechaçadas sob a justificativa de que o campo de atuação de um analista deveria se restringir ao um-a-um da clínica. De acordo com Safatle (2009), embora essa última proposição enquadre-se enquanto verdadeira, a mesma apresenta uma falsa conclusão, na medida em que tais peculiaridades enfatizadas do campo de atuação psicanalítico não implicam que a forma como os sujeitos investem libidinalmente os vínculos sociais deva ser ignorada e negligenciada, o que faz dos estudos das mesmas ainda mais fundamentais.

A clínica psicanalítica foi concebida para ser constantemente atualizada, e o próprio Freud já defendia isso ao se preocupar, por exemplo, com a institucionalização da mesma, pensando a questão da formação de analistas e formalização do tratamento, com a validade da mesma, protegendo-a dos médicos, padres e antissemitas, ou com a inserção da mesma no mundo das ciências, buscando postulá-la como científica e reconhecendo sua sujeição à mudanças diante dos avanços futuros do conhecimento.

² o prêmio Goethe, do qual o próprio Freud também chegou a desfrutar

É evidente que para pensar em uma nova psicanálise que se adeque às demandas atuais não basta nos atermos exclusivamente às obras escritas há um século atrás, esperando nelas encontrar respostas definitivas para as infinitas questões que nosso tempo nos impõe - de modo que se fazem necessárias tanto a atualização de antigas teorias como a produção de novas. No entanto, novas produções requerem todo um rigor científico, que deve ser levado em conta, e nisso as teorias já existentes não podem, de forma alguma, serem descartadas ou deixadas de lado. Pelo contrário, deve-se partir de uma compreensão radical que já foi produzido para, diante de seus impasses, barreiras e insuficiências, pensar em novas respostas e tratar de novas problemáticas. E, nesse sentido, não há nada mais essencial para o exercício da psicanálise do que retomar suas origens, realizar um retorno à Freud, como já dizia Lacan. Isto pois, como coloca Paul Roazen (1973),

A fim de evitar mais um início errado na utilização da teoria psicanalítica, é conveniente ter-se em mente um esboço do crescimento e desenvolvimento das idéias de Freud. Não importa quanto os teóricos prefiram conceitos arranjadinhos em compartimentos bem arrumadinhos; se focalizarmos bem nossas vistas na gênese de qualquer ideia científica, veremos inevitavelmente quanta confusão existe na verdade. Os tateios e tropeços de um homem como Freud podem nos ensinar quase tanto sobre a qualidade de sua mente quanto suas próprias descobertas científicas (p. 57)

É isso que a presente pesquisa pretende realizar: um retorno meticuloso à Freud, orientado pela forma como o mesmo, ao conceber a psicanálise, pensou sua relação com a cultura e civilização. Isto pois, no momento em que Freud analisa e se detém sobre questões sociais - no sentido de questões voltadas a pensar a civilização e sua relação na constituição psíquica - e atribui à prática psicanalítica uma responsabilidade social - no sentido de reiterar a necessidade da mesma compor a saúde pública³ - surgem alguns questionamentos voltados ao que se pretende a clínica psicanalítica, quais especificidades ela adquire ao partir de um princípio metodológico que nega a oposição sujeito-sociedade, como e por que isso se dá. É evidente que tais questões se apresentam demasiado complexas, por envolverem uma compreensão radical do que consiste de fato a clínica psicanalítica, quais são seus fundamentos e implicações, como ela se relaciona com a teoria produzida, qual é e como se dá sua inserção no meio histórico-social e até no debate acerca dos saberes científico e não científico - entre diversas outras complicações que vão muito além do pensamento freudiano acerca da cultura.

³ no momento em que, em 1918, no Congresso de Budapeste, a afirma enquanto essencial para a saúde pública, na medida em que as doenças mentais deveriam ser tidas como tão graves quanto as físicas (Freud, 1919/2021)

No entanto, tudo requer um ponto de partida, o qual, ainda que não encerre as problemáticas estabelecidas - se é que isso é possível - auxilia em sua investigação e elucidação. Diante de tais questionamentos de ordem maior - impulsionados pelo momento histórico em que vivemos, onde a psicanálise vem-se mostrando essencial e ocupando os espaços das mais diversas e criativas formas; pelas leituras que, ao longo da graduação, vim realizando acerca da obra freudiana; pelos interesses de ordem pessoal, que me levaram optar por determinadas direções e traçar certos caminhos, ainda se encontrem em seu princípio -, escolhi como ponto de partida um retorno minucioso a Freud orientado por seu exercício de pensar a cultura. Digo minucioso pois, em minha pesquisa, tratarei não apenas de Freud psicanalista, pai da psicanálise, mas Freud pensador da modernidade, Freud arqueólogo do inconsciente, Freud poeta, Freud sujeito histórico e Freud indivíduo cindido, faltante, gente como a gente.

Partindo do Freud pensador da cultura⁴, em uma pesquisa que combina história e teoria, busco compreender como seu trabalho investigativo extraclínico se desenvolveu, tanto a partir da metodologia por ele utilizada quanto pela inserção do mesmo na constituição da psicanálise, a fim de obter ferramentas para uma compreensão mais ampla e direcionada da clínica psicanalítica.

Partindo do objetivo geral de apreender o movimento do pensamento freudiano voltado à temática da cultura e a forma como o mesmo poderia atribuir uma certa especificidade à clínica psicanalítica, a presente pesquisa baseia-se na leitura de alguns dos principais textos ditos sociais de Freud visando, mais especificamente, demonstrar como a psicanálise enquanto método ou processo de investigação se estabelece através de tal exercício e a forma como o mesmo compõe a construção da psicanálise enquanto dimensão que garante a universalidade e objetividade dos processos psíquicos presentes na clínica (Mezan, 2019). São eles *Totem e tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*, a partir dos quais se acredita fazer possível extrair diferentes perspectivas a respeito da concepção psicanalítica-freudiana da cultura, seja por comporem diferentes momentos teóricos e históricos, seja por tratarem de diferentes temáticas, em vista de pensar a função da mesma para a constituição da psicanálise - conforme apresenta Freud em 1923, enquanto método tratamento, processo de investigação e como novo saber.

⁴ aqui faço uma brincadeira com o título do livro de Renato Mezan (2019), *Freud, Pensador da cultura*

Isto posto, para melhor compreender e esclarecer os objetivos de pesquisa aqui pretendidos, faz-se necessária uma investigação anterior e concomitante que abranja, para além dos textos freudianos em si, aspectos como 1. no que consiste a psicanálise - a partir da definição de Freud acerca da mesma -, 2. em que concerne sua metodologia - pensada em um sentido amplo, que envolve tanto método clínico quanto investigativo - e 3. como se deu sua constituição e inserção no contexto histórico em que foi concebida - principalmente levando em conta o âmbito do saber médico-científico, ultra valorizado na época.

É importante enfatizar que a pesquisa utiliza-se de recursos históricos na mesma medida em que se serve da teoria, e isso se dá por diversos motivos. Primeiramente, pelo fato de que a forma como a questão social aparece nas origens da psicanálise foi, em muito, ignorada e esquecida pela produção histórica e teórica posterior - em geral, voltada para a sustentação de uma clínica individual e privada. Isso fica claro pelo fato de que muitos pós-freudianos consideraram seus textos ditos sociais como puramente sociológicos, portanto, ausentes de valor psicanalítico e desprovidos de interesse clínico e metapsicológico (Iannini, 2023).

O estudo acerca história da psicanálise, nos termos de Rafael Alves Lima (2019), "considerada por alguns circuitos psicanalíticos por muito tempo como uma espécie de 'patinho feio' das disciplinas vizinhas, [...] tida sempre como um saber acessório, secundário, um saber 'onde tudo cabe' (p. 295)", tem se revelado, cada vez mais, de suma importância e dignidade, na medida em que "ler texto sem contexto se tornou um expediente inaceitável (p. 295)" - ainda mais em um caso onde o "contexto" foi sendo distorcido ao longo dos anos, e o texto se perdendo cada vez mais do primeiro. Isso se deve principalmente ao fato da produção histórica da psicanálise ter sido muito influenciada pelo "modelo hagiográfico" de Ernest Jones, que adotou uma postura conservadora para proteger a psicanálise das ameaças nazistas durante e após a Segunda Guerra, resultando em práticas autoritárias e acríicas na transmissão da psicanálise (Dunker, 2023).

Assim, pensar a psicanálise a partir de sua história é essencial não apenas para compreender suas raízes teóricas, mas também para reconhecer as dinâmicas sociopolíticas que influenciaram seu desenvolvimento e aplicação: além de oferecer um entendimento mais profundo das ideias freudianas, a abordagem histórica permite identificar como contextos culturais, políticos e sociais moldaram sua prática e disseminação. Através dessa perspectiva, podemos desafiar e reavaliar práticas e conceitos que, ao longo do tempo, podem ter se tornado dogmáticos ou descontextualizados, abrindo espaço para uma psicanálise mais crítica e inclusiva, capaz de dialogar com outras disciplinas e responder de forma mais eficaz às

demandas contemporâneas. Como colocam Alves Lima e Fernandes (2021), "da história da psicanálise, disciplina que soube centralizar como nenhuma outra o conflito na qualidade de experiência humana inexorável, espera-se, ao menos, que se vasculhe mais" (p. 390), e é isso que pretende realizar, ao menos em parte, esta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Visando esclarecer a relação entre Freud, a psicanálise e a cultura, a partir de um estudo sobre o exercício de pensar psicanaliticamente a cultura, a presente pesquisa centrou-se em quatro das principais obras freudianas sobre o tema: *Totem e tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*, além de outras fontes secundárias que contribuíram para a análise. A partir das mesmas, buscou-se investigar como a psicanálise se estabelece enquanto método ou processo de investigação e como ela garante a universalidade e objetividade na compreensão dos processos psíquicos, validando-se em seus três âmbitos: clínico, teórico e metodológico.

Tendo em vista a pretensão de, através de um estudo teórico-documental, escutar não apenas o Freud pensador da cultura e sua produção literária, mas também Freud autor, sujeito moderno, histórico, analista e fundador da psicanálise, entre outros, o trabalho aqui realizado enquadra-se enquanto uma pesquisa teórica sobre psicanálise, característica por uma revisão qualitativa teórico-conceitual baseada em bibliografias voltadas ao horizonte interno do saber psicanalítico - podendo estas corresponderem tanto a obras propriamente da psicanálise, como também históricas, sociais ou voltadas para outras áreas do saber. Assim, antes de adentrar propriamente no caminho percorrido, vale expor brevemente no que concerne este tipo de pesquisa e quais foram os princípios metodológicos tomados como base para a presente investigação, a fim de melhor esclarecê-la e fundamentá-la.

Em um artigo a respeito das modalidades de pesquisa em psicanálise, Couto (2010) se vale de diversos teóricos para tratar da modalidade teórica, como García-Roza, Demo e Ribeiro - os quais apresentam contribuições significativas no que diz respeito ao estabelecimento da metodologia em que se pautou essa pesquisa. O primeiro, defendendo a pesquisa teórica enquanto única modalidade possível de se tratar da psicanálise na academia, aponta para a mesma como um estudo que visa submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica, tendo como objetivo verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos e as condições de sua possibilidade, o que condiz com a ênfase apontada por Demo acerca do objetivo em aprimorar os fundamentos teóricos a respeito da mesma (Couto, 2010).

Já Ribeiro aponta para possibilidade de emprego do método histórico-sistemático utilizado em análises de obras filosóficas - elaborado pelo brasileiro Henrique de Lima Vaz em *Antropologia filosófica* (1991-1992) -, o qual acrescenta elementos históricos à análise teórica tal qual apresentada pelos outros dois autores, envolvendo exames críticos em dois momentos: primeiro, visando a compreensão histórica do desenvolvimento dialético dos

conceitos estudados ao longo do tempo, então, buscando elaborar sistematicamente a gênese, natureza, função e desenvolvimento dos mesmos (Couto, 2010).

Do mesmo modo, Mezan (2006) e Safatle (2009) optam por ler Freud enquanto filósofo ou pensador da modernidade. O primeiro, justifica tal leitura pelo sentido de buscar através dela apreender tanto a articulação de conceitos como a lógica subterrânea que comanda a produção freudiana, na medida em que "uma leitura desta ordem é sempre um primeiro passo, a ser completado por um estudo que vincule o autor a seu tempo e aos quadros conceituais mais amplos em cujo interior se torna possível seu discurso (Mezan, 2006, p. XVII)". Assim, Mezan (2006) aposta em uma leitura da obra freudiana que privilegie seu aspecto sistemático, a qual, orientada a partir da trama conceitual, busca compreender a dificuldade que atravessa e mobiliza o progresso de seu pensamento, marcado por uma série de contradições e diferentes momentos - os quais devem ser levados em conta e não apagados em nome de uma "sincronização" de suas diferentes concepções, ou, ainda, da priorização de determinadas construções teóricas em detrimento de outras, tomadas enquanto "verdadeiras", como fizeram muitos. A teoria deve ser encarada em seu contexto, feito de múltiplas dimensões, sendo impossível avaliar o impacto e sentido da psicanálise sem antes passar por uma sistematização de seus conceitos e historicidade de sua elaboração progressiva (Mezan, 2006).

Já Safatle (2009), adotando uma tarefa mais semelhante à que se pretende aqui de estudar Freud a partir de alguns de seus textos ditos sociais, apresenta como justificativa tanto a impossibilidade de compreender o desenvolvimento das ciências humanas no século XX sem levar em conta a psicanálise, na medida em que utilizaram-se sistematicamente desta última para a compreensão de fatos sociais; quanto pelo fato de que ao fazê-lo, a reflexão filosófica sobre a modernidade é colocada à prova, particularmente o horizonte de racionalização nela presente, permitindo um exame crítico da mesma.

A partir dos princípios metodológicos acima expostos e considerando os objetivos gerais de analisar a relação da psicanálise com aspectos extra-clínicos desde sua constituição, a presente pesquisa limitou-se a uma revisão voltada à Freud, sua vida e sua produção, de modo que os conceitos e construções teóricas aqui abordados foram extraídos principalmente de seus escritos e biografias, com o apoio de alguns de seus comentadores, sem envolver outras escolas pós-freudianas.

De acordo com Mezan, baseando-se em uma abordagem histórica, problematizante e interpretativa que utiliza o método psicanalítico e suas ferramentas, Laplanche propõe um método de pesquisa psicanalítico que visa uma leitura analítica dos textos, portanto, que

saliente pontos dissonantes, e busque reconstruí-los a partir dos mesmos, sob orientação da temporalidade específica da psicanálise que, por sua vez, envolve enfatiza aspectos como a repetição e o retorno do reprimido. Isto pois, Laplanche argumenta que há um paralelismo entre o objeto da psicanálise, o inconsciente, e o discurso que o descreve, sendo ambos processos que refletem e refratam suas dinâmicas próprias, o que legitima o uso do processo psicanalítico de investigação para estudar as próprias produções de psicanálise (Aguiar, 2006). Neste sentido, pensando também na colocação de Gay (2021) de que Freud, para pensar cultura, colocou-a no divã, pode-se dizer que aqui se realizou um processo semelhante com os textos freudianos - ainda que não exclusivamente pautado por isso.

Assim, para além de uma leitura transferencial, foi produzido um estudo que, de acordo com o que defendem Mezan (2006), Safatle (2009) e os autores trabalhados por Couto (2010), combina história e teoria, através do qual foram abordadas as produções freudianas selecionadas que tratam da cultura também a partir de uma perspectiva histórica - levando em conta não apenas o contexto histórico geral em que foram produzidas, mais voltado à Europa, como os momentos da vida pessoal de Freud e da constituição e inserção da psicanálise no mundo. Isso implicou uma investigação prévia que, partindo da definição freudiana de 1923 acerca do que corresponde à psicanálise, em conjunto do exame acerca da especificidade de sua metodologia e de sua constituição no contexto histórico-científico da época⁵, pôde estabelecer uma melhor compreensão do problema de pesquisa, inserindo-o em um debate histórico-teórico que o justifica e fundamenta.

Assim, é importante destacar que os argumentos acima apresentados servem de fundamentação para a leitura aqui realizada acerca da obra de Freud, que visa não somente sua compreensão a partir da inserção em um contexto histórico-teórico e de cujo princípio de análise se baseia pela lógica argumentativa das mesmas e a função que estabelecem para a constituição da psicanálise como um todo, como também - e a partir disso -, que abrange o debate acerca de sua relação com os demais saberes, adotando a perspectiva de que a psicanálise não se resumiria a uma clínica das subjetividades, enquadrando-se simultaneamente como teoria das relações sociais.

Em vista disso, para além dos escritos freudianos, a análise utilizou-se como apoio principalmente as obras biográficas de Freud - como as biografias de Peter Gay, Elisabeth Roudinesco e Ernest Jones⁶ -, junto de outros estudos que abordassem a psicanálise e suas

⁵ para o qual foram utilizadas majoritariamente as obras *Ciência pouca é bobagem* (Dunker e Iannini, 2023) e *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica* (Dunker, 2021)

⁶ respectivamente, *Freud: uma vida para nosso tempo*, *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* e *A vida e obra de Sigmund Freud* (v. II e III).

produções de modo contextualizado, através de um enfoque histórico e sistemático - como o dicionário de psicanálise de Roudinesco e Plon e trabalhos de autores brasileiros como Gilson Iannini, Vladimir Safatle e Renato Mezan⁷. Paralelamente à análise histórica, foi realizada uma análise teórica das obras aqui selecionadas baseada principalmente em sua construção argumentativa, na medida em que, em um movimento semelhante ao que Mezan (2006) realiza em sua dissertação de mestrado, buscou-se apreender o sentido das obras freudianas estudadas, não a veracidade de suas afirmações. Servindo-se de seus termos,

Tomamos a obra freudiana como um conjunto de significações a que a morte do seu autor após um ponto final, sem nos preocuparmos com as diferentes interpretações e dissensões ou com as críticas que eventualmente se possam fazer às posições freudianas. (...) desejamos apenas verificar que uso se fez do arsenal teórico nascido da clínica e cuja finalidade era compreender o que ali se passava (Mezan, 2006, p. XVI e XVII)

À essa colocação, vale acrescentar que, aqui, a investigação estabelecida orientou-se não apenas pelo desejo de verificar o uso freudiano de seu arsenal teórico clínico mas, também e principalmente, àquele nascido e desenvolvido através do exercício de análise da cultura.

⁷ respectivamente, comentários e notas editoriais das obras abordadas em no volume *Cultura, sociedade e religião* das Obras Incompletas de Sigmundo Freud, *Curso integral: Freud como teórico da modernidade e Freud pensador da cultura*.

3. PSICANÁLISE ENQUANTO MÉTODO

Para realizar um trabalho que tem como pretensão pensar a relação entre cultura e psicanálise enquanto fundamental para a constituição desta última, faz-se necessário o estabelecimento de duas principais problemáticas: no que consiste a psicanálise e o que se entende por cultura. Dado que nossos objetivos se pautam em uma pesquisa histórica e conceitual orientada pela vida e produções freudianas, nenhum lugar melhor para buscar tais definições do que no próprio Freud.

Sobre a empregação freudiana do conceito de cultura, veremos ao longo do trabalho que ela carrega consigo uma série de implicações tanto teóricas quanto políticas, envolvendo um debate filosófico próprio do contexto histórico vigente. Esses aspectos serão trabalhados - direta e indiretamente ao longo de toda a pesquisa, não sendo necessário abordá-los aqui. Deste modo, por ora é suficiente apenas pontuar que, por cultura, Freud concebe algo equivalente à civilização, envolvendo "tudo aquilo em que a vida humana se ergueu acima de suas condições animais e que se diferencia da vida animal (Freud, 1927/2020, p.233)" - sendo que toda vez em que o termo for aqui utilizado, será de acordo com tal concepção.

Tendo esclarecido isso, partimos para o segundo ponto fundamental para nossa pesquisa: no que consiste a psicanálise. Ao longo de quase cinco décadas de prática clínica e produção teórica, Freud apresentou inúmeras definições acerca do termo que nomeia seu método particular de tratamento e a disciplina teórica por ele fundada - que, posteriormente, culminou em uma escola de pensamento -, aparecendo pela primeira vez como "psico-análise"⁸ em um artigo publicado em 1896 a respeito da hereditariedade e etiologia das neuroses, designando um método cujo emprego se deve aos resultados da investigação realizada (Roudinesco e Plon, 2022).

Dentre as muitas definições que estabelece, a mais clara e precisa delas de acordo com diversos autores⁹ é a apresentada no verbete "Psicanálise" do *Dicionário de Sexologia* publicado em 1922¹⁰, onde Freud identifica a psicanálise como

PSICANÁLISE é o nome: 1) de um procedimento para a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; 3) de uma série de

⁸ Sendo que o termo só é aceito em alemão enquanto *psychoanalyse* ao invés de *psychanalyse* - equivalente no português a psicanálise ao invés de psico-análise - no ano de 1909, e em francês, dez anos depois, em 1919 (Roudinesco e Plon, 2022)

⁹ Roudinesco e Plon (2022), Laplanche e Pontalis (2022), Dunker e Iannini (2023), dentre outros

¹⁰ Republicado posteriormente enquanto "*Psicanálise*" e "*Teoria da libido*" (*Dois verbetes para um dicionário de sexologia*, 1923)

conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica (Freud, 1923/2021, p. 274).

Ou seja, a psicanálise tal como concebida por seu criador compreende algo que se constitui e opera através de uma pluralidade, de modo que ao tratar da clínica, a teoria deve necessariamente ser considerada e vice-versa: Freud mesmo dizia que um dos méritos do trabalho analítico é que nele pesquisa e tratamento coincidem, ainda que a técnica utilizada para cada um seja distinta e, inclusive, em alguns pontos oposta. No entanto, como pontua Dunker (2021), "da afirmação de Freud que, em psicanálise, investigação e tratamento não se dissocia, não se conclui que sejam a mesma coisa (p. 270)", o que, se por um lado impõe a essencialidade de pensar ambos os métodos - clínico e de investigação - conjuntamente, devido a ligação intrínseca que estabelecem de mútua utilidade prática e teórica (Dunker, 2021), por outro faz de sua distinção fundamental - principalmente ao avaliar como se aplica o julgamento de sua cientificidade ou validade (Dunker e Iannini, 2023).

Sobre a definição por Freud estabelecida em 1923, Dunker (2021) chama a atenção para a forma como se estabelece uma hierarquia nas esferas do saber, uma vez que o procedimento de investigação coloca-se não apenas primeiramente, mas como fundamento para o método de tratamento, sendo a união de ambos o que culmina na disciplina científica, posta por último. Isto pois tal anterioridade lógica do método de investigação opõe-se a anterioridade histórica do método de tratamento, na medida em que, historicamente o desenvolvimento da psicanálise originou-se de um interesse pelo saber médico e científico, o qual se desdobra em interesse terapêutico pelo tratamento da histeria cujo método será estabelecido posteriormente, para que, por último, fossem desenvolvidas as regras de um método específico de investigação. Assim, diante da complexidade em tratar da psicanálise enquanto método, tanto de investigação quanto de tratamento, e visando nossos objetivos de, com essa exposição, melhor situar o problema de pesquisa aqui proposto, seguiremos uma lógica oposta à proposta por Freud, partindo da exposição de sua construção enquanto disciplina científica, ou novo saber (*neues wissenschaft*), para, então, abordá-la nos outros dois âmbitos, pensados conjuntamente. Para isso, faz-se necessário um recorte histórico, na medida em que, como qualquer saber, a psicanálise foi atravessada ao longo de seu desenvolvimento por uma série de desafios e pressões por parte da comunidade intelectual e cultural de sua época, os quais exerceram uma importante influência na determinação de seus moldes.

Durante o início do século XX a atmosfera intelectual estava impregnada de uma forte ênfase cientificista e positivista, onde a produção de conhecimento era avaliada

principalmente sob critérios de objetividade e rigor metodológico, ocupando a lógica médica um lugar de ultravalorização. Junto disso, crescia cada vez mais o antissemitismo na Europa, impoñdo aos judeus obstáculos significativos para serem aceitos nos espaços culturais em seus mais diversos âmbitos - desde na produção de saber, até na inserção das relações sociais. É precisamente nesse cenário em que surge a psicanálise: um saber intrinsecamente associado à prática, cuja metodologia se distanciava em muitos aspectos de tais concepções tradicionais de medicina e ciência, proposto por um judeu e praticado marjoritariamente por judeus. À Freud e seus discípulos, portanto, impuseram-se obstáculos significativos para que fossem aceitos dentro dessa estrutura antissemitista e positivista, de modo que, movidos pelo desejo de garantia da sobrevivência e visando a legitimação e reconhecimento da psicanálise como disciplina e tratamento respeitáveis, foi necessário um ajuste da mesma aos padrões estabelecidos pela comunidade científica, médica e cultural vigentes (Gay, 2021).

Inspirando-se no modelo darwinista, Freud quis incluir a psicanálise entre as ciências da natureza, ou, pelo menos, conferir-lhe um estatuto de ciência dita "natural". Ora, como herdeira das medicinas da alma, ela decorria de uma outra tradição da ciência, segundo a qual a arte de curar consiste menos em provar a validade de uma dedução do que em elaborar um discurso capaz de dar conta de uma verdade simbólica e subjetiva. E foi justamente por causa dessa dupla pertença da psicanálise (ao campo das ciências da natureza e ao das artes da interpretação) que sua chamada refutação "científica" produziu-se no campo da terapêutica (Roudinesco e Plon, 2022, p. 604-605)

Ao longo de sua produção, em diversos momentos Freud apresentou tentativas de estabelecer a psicanálise primeiro como ciência, então, como científica, as quais sofreram alterações e reformulações conforme lhe eram impostas objeções e empecilhos - seja por parte da comunidade médica, científica ou dentro da própria comunidade psicanalítica.

Em 1915, no início de *As pulsões e seus destinos*, Freud postula a psicanálise enquanto ciência natural argumentando que seus conceitos fundamentais poderiam ser evidenciados e transformados mediante investigação empírica, ainda que, na prática, ele tenha se deparado com algumas dificuldades em responder tais exigências - considerando que o objeto da psicanálise, o inconsciente, se define a partir de qualidades imateriais, portanto, não evidenciáveis, do mesmo modo como seu método, a transferência, apoiado em uma relação singular entre analisando e analista, não pode ser universalizado (Dunker e Iannini, 2023).

Pouco depois, nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917), a psicanálise passa a ser postulada não mais enquanto ciência da natureza - *Wissenschaften* -, na medida em que não cria uma visão de mundo própria, mas como algo que, compondo a ciência, pode filiar-se a visão de mundo científica (Dunker e Iannini, 2023). Na primeira das

conferências, Freud (1916-17/2020) fundamenta cientificamente a legitimidade da psicanálise ao determiná-la não como ciência, nem como prática médica, mas como um saber e prática científicos situados entre ambos, possuinte de uma metodologia, técnica e transmissão de conhecimento própria:

Essa é a lacuna que a psicanálise busca preencher. Ela pretende fornecer à psiquiatria o fundamento psicológico faltante; espera descobrir o terreno comum a partir do qual se possa compreender a convergência do distúrbio físico e do psíquico. Para tanto, é necessário que ela se mantenha livre de todo e qualquer pressuposto anatômico, químico ou fisiológico que lhe seja estranho, que trabalhe com conceitos auxiliares puramente psicológicos, e é por essa mesma razão que, receio, ela lhes parecerá estranha inicialmente (Freud, 1916-17, p. 27).

Essa colocação é interessante na medida em que demonstra como Freud passou a entender a inserção da psicanálise no campo da ciência: não enquanto ciência propriamente dita, mas enquanto um novo saber (*Neue Wissenschaft*) cujos pressupostos, metodologia e técnica seguem os princípios científicos - visão essa compartilhada por muitos dos pós-freudianos. Isto pois, considerando a descoberta empírica enquanto um processo que envolve a transformação de uma percepção pouco clara e inadequada de um objeto mediante sua primeira observação em uma percepção desenvolvida, reproduzível e conforme a um estilo, as recomendações metodológicas de Freud estariam em pleno acordo com o entendimento de fato científico de sua época - e, mais do que isso, convocam todos aqueles que o leem e estudam a desconfiar de um empirismo vulgar, que de início descreve os fenômenos como objetivamente dados (Dunker e Iannini, 2023).

Assim, a psicanálise poderia ser entendida como ciência somente a partir de uma concepção desta última baseada em algo não universal, distinto de um sistema completo, no sentido de acúmulo triunfal do saber, portanto, que seja passível de furos, equívocos e reformulações. Isso fica claro na seguinte colocação, do ano de 1923, onde, pensando a relação entre psicanálise e ciência, Freud aponta para tal entendimento, tomado como pressuposto pela psicanálise em sua metodologia e como disciplina:

A psicanálise não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender o mundo como um todo e depois, quando completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções. Ela se atém aos fatos do seu âmbito de trabalho, busca solucionar os problemas imediatos trazidos pela observação, segue tateando com base na experiência, está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias. Tal como a física e a química, ela tolera muito bem que seus principais conceitos sejam vagos e seus pressupostos sejam provisórios, e espera uma maior precisão deles como resultado do trabalho futuro. (Freud, 1923/2020e, p. 301).

Assim, como brevemente demonstrado, por muitas vezes Freud insistiu em fazer analogias entre investigação científica e tratamento psicanalítico: ambos correspondem à

prática de um método que envolve a produção de um saber, tem como pressupostos a natureza real de um objeto e envolvem considerações práticas e teóricas acerca do sujeito desse saber (Dunker, 2021). No entanto, o lugar onde isso fica mais evidente é na construção de sua metapsicologia: um sistema criado pelo próprio Freud para qualificar sua teoria e diferenciá-la da psicologia clássica, cuja constituição baseia-se em uma elaboração de modelos teórico-conceituais a respeito de processos psíquicos a partir dos pontos de vista dinâmico, tópico e econômico, em uma tentativa de aproximar a psicologia da metafísica (Roudinesco e Plon, 2022, Laplanche e Pontalis, 2022).

[...] (a metapsicologia) tratava-se de realizar seu desejo (de Freud) inicial de se dedicar aos conhecimentos filosóficos, não sendo a atividade terapêutica mais do que uma consequência anexa e imprevista dessa mudança de orientação. A psicologia clássica e a psicologia da consciência não podiam ser objeto de uma iniciativa intelectual cuja realização requeria um quadro teórico e uma forma de cientificidade que, pautando-se no encaminhamento filosófico, levassem a pensar a articulação dos processos psíquicos com os fundamentos biológicos (Roudinesco e Plon, 2022, p. 511)

Ou seja, a metapsicologia não consistia em um projeto puramente filosófico, que buscava encerrar a psicanálise em um sistema limitado, mas na tentativa de desenvolver uma “defesa epistemológica” contra os perigos existentes na época para o estabelecimento do conhecimento psicanalítico sob a forma de um saber generalizado de ordem científica que extrapola a prática e suas singularidades - ainda que Freud compreendesse as limitações e implicações de construir tal modelo, que, posteriormente, veio a ser abandonado. Como apontam Roudinesco e Plon (2022):

Freud tinha plena consciência de que seu objetivo assintótico, a teorização da articulação do psiquismo com o substrato biológico, colocava todo o conjunto de seu trabalho à mercê das futuras descobertas da biologia, que um dia poderiam fazer ruir o edifício que ele construía pacientemente. Entretanto, longe de desanimar diante dessa perspectiva, ele parece haver considerado que a reflexão metapsicológica, com suas inevitáveis especulações, constituía a única defesa epistemológica em condições de erguer uma barreira contra as derivas psicologizantes ou organicistas que, já em sua época, constituíam o principal perigo para essa nova ciência. É assim que podemos entender esta sua declaração tardia, sob a forma de uma profissão de fé: “Sem especular nem teorizar — eu quase diria fantasiar — metapsicologicamente, não se dá um passo adiante” (p. 513).

Assim, ainda que o movimento de especular e teorizar metapsicologicamente tenha sido essencial para a origem e consolidação da psicanálise, tantas eram as implicações que envolviam tal articulação entre a investigação científica e dos processos psíquicos que, mais no fim da vida, Freud chegou a abrir mão de sua metapsicologia. Isso se deu mais especificamente com a elaboração da chamada segunda tópica na década de 20, dado que a nova compreensão freudiana dos processos psíquicos e de sua dualidade pulsional - marcada

pelos princípios de prazer e realidade, assim como as pulsões de morte e de vida - já não mais se enquadrava em tal modelo, tanto em sua formulação quanto em sua validação (Roudinesco e Plon, 2022).

Isto posto, Freud (1940/2020) nunca abriu mão de fato da pretensão de inserir a psicanálise na ciência como um novo saber, o que fica evidente em seus textos finais, em especial, *Compêndio de Psicanálise* (1938), onde trata dos limites no saber e tratamento psicanalíticos enquanto algo a ser superado, apontando para o desejo e crença não apenas na sobrevivência da psicanálise, mas também na continuidade de seu desenvolvimento e evolução para além dele e do momento histórico vigente, em vista de contribuições que as futuras descobertas científicas viriam a trazer para o mundo.

Assim, percebe-se que a discussão acerca da inserção da psicanálise na ciência apresenta uma série de implicações, tanto históricas quanto epistemológicas, sendo algo que permaneceu não resolvido até os dias de hoje - dividindo, inclusive, os pós-freudianos. Mas uma coisa é certa: ciência ou não ciência, a psicanálise nasce de uma interrogação ao modelo científico proposto em sua época, e isso se dá, antes, pelos sujeitos estudados por Freud do que por ele próprio ou pela metodologia por ele desenvolvida. Como apontam Dunker e Iannini (2023), "O sintoma histérico anuncia a implosão do método a partir do objeto, que exige a construção de uma nova forma de tratamento - clínico mas também epistêmico - daquilo que surge como um real a interrogar o saber científico (p. 225)".

Diante disso, Lacan aponta que a psicanálise, fundada no coração da ciência moderna, debruça-se naquilo que essa mesma ciência deixa de cair como resto de sua operação, do que decorre um questionamento ainda maior se existiria a possibilidade de sequer haver ciência após a descoberta do inconsciente, na medida em que põe em jogo tudo aquilo que se tinha como certeza - inclusive por parte do sujeito a respeito de si mesmo (Dunker e Iannini, 2023). É precisamente nesse sentido que Freud (1917/2020) coloca a psicanálise enquanto a terceira ferida narcísica na humanidade, como evento que promoveu o destronamento o ser humano da autoimagem grandiosa e onipotente, junto das teorias etnocentrista e da evolução de Nicolau Copérnico e Charles Darwin.

Tendo explorado, ainda que de modo breve, a constituição da psicanálise enquanto saber científico, podemos partir para a discussão da psicanálise enquanto método, na medida em que, sendo ela simultaneamente uma prática de tratamento de sintomas e uma teoria que agrupa e interpreta fatos e considerações obtidos no interior dessa prática, o julgamento de sua cientificidade só pode se dar mediante a consideração dessa pluralidade constitutiva operacional inerente à mesma - ainda que os critérios de cientificidade devam ser

diferentemente aplicados para ambos os casos, investigação e tratamento (Dunker e Iannini, 2023).

Se a prática clínica enquanto constitutiva da teoria fosse retirada de jogo, o método psicanalítico em seu âmbito teórico-investigativo poderia enquadrar-se facilmente enquanto abordagem científica, mas essa primeira não pode ser desconsiderada, o que implica uma alteração em tal postulação, na medida em que, como colocam Dunker e Iannini (2023), "a clínica, seja ela qual for [...], jamais foi e jamais será uma ciência (p. 104)", mesmo que seus procedimentos e fundamentos tenham como base as modalidades e estilos de raciocínio científico. Ainda de acordo Dunker (2021), é justamente dessa ligação problemática entre método de tratamento e de investigação que decorre a peculiaridade epistemológica da psicanálise: "de ser ao mesmo tempo uma forma de discursividade e uma ciência sem que uma esteja garantida pela outra (p. 268)".

Isto pois, ainda que interdependentes, ambos os métodos apresentam diversas singularidades. A começar pelo fato de que a prática tem como condição uma experiência - a de análise -, não podendo ser adquirida mediante treinamento ou demonstração, o que coloca o tratamento analítico enquanto discurso único, distinto do universitário ou médico, dependente da relação emocional particular entre aquele que diz e aquele que escuta (Freud, 1916-17/2020), o que o enquadra na forma de estrutura fechada - no sentido de algo peculiar, específico, mas não fixo ou imutável. Em contraposição, a investigação psicanalítica pode ser exercida por qualquer um - psicanalistas ou não psicanalistas -, na medida em que ignora as regras que constituem o método de tratamento, ou melhor, pressupõe outras regras: deixando de lado as normas particulares do universo oral da fala - que envolvem transferência, associação livre, sintoma e interpretação, essenciais para o método clínico -, o método de investigação suporta a temporalidade da escrita, constituindo-se enquanto estrutura aberta, no sentido de comunicar-se diretamente com outros discursos e estratégias de poder e investigação. Disso resulta o fato que esse último, devido sua heterogeneidade e particularidade, não se assemelha ao primeiro, mas o fundamenta, constituindo entre ambos uma relação de ligação intrínseca, de mútua utilidade prática e teórica (Dunker, 2021).

Aqui vale ressaltar que o que se trata enquanto método de investigação psicanalítico difere-se da noção de psicanálise aplicada, comumente utilizada para referir-se à incursão da mesma nos âmbitos extra-clínicos. Isto pois, em primeiro lugar, enquanto essa última refere-se exclusivamente ao objeto estudado, o procedimento ou método de investigação tal qual referido por Freud em 1923 diz respeito a todo um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para abordar e analisar o objeto, podendo esse ser clínico ou não (Dunker, 2021).

Isto posto, pretendemos nos debruçar nas investigações freudianas que abordam fenômenos culturais, considerando a concepção acima estabelecida de psicanálise enquanto método, na medida em que, como coloca Safatle (2009),

[...] vale a pena lembrar que, desde Freud, a psicanálise não se contenta em ser apenas uma clínica da subjetividade, mas quer ser reconhecida também como teoria das produções culturais que procura desvendar aquilo que poderíamos chamar de “economia libidinal” dos vínculos sócio-políticos. Isto a ponto de Freud afirmar que: “mesmo a sociologia, que trata do comportamento dos homens em sociedade, não pode ser nada mais que psicologia aplicada. Em última instância, só há duas ciências, a psicologia, pura e aplicada, e a ciência da natureza (Freud, Novas conferências introdutórias à psicanálise, p. 194)” (p. 2).

A extensão da psicanálise enquanto método investigativo para questões extra clínicas, voltadas à cultura, relaciona-se diretamente com essa preocupação freudiana em não reduzir a mesma a uma especialização terapêutica, mantendo-a de acordo com os três âmbitos acima referidos - procedimento, método e disciplina. Isso se mostra não apenas na produção de diversas obras ao longo de sua vida destinadas a pensar a cultura, mas também em outros momentos, como por exemplo na discussão acerca da questão da análise leiga, onde a defesa dos psicanalistas não médicos extrapola o âmbito clínico, envolvendo também o fato de que a proibição dos mesmos de exercer psicanálise a limitaria no que diz respeito ao seu corpo teórico, dado que a diversidade de conhecimentos acerca de outras disciplinas é o que contribui para a produção de textos que pensem a cultura e questões para além da clínica (Mezan, 2019).

No entanto, para melhor compreender o exercício de se pensar a cultura através da psicanálise, faz-se necessário também adentrar na discussão acerca da psicanálise aplicada, ainda que levando em consideração todas as implicações que envolvem o termo, na medida em que foi o termo utilizado pelo Freud - e por diversos pós freudianos - para referir-se à aplicação do método psicanalítico.

3.1 PSICANÁLISE E CULTURA: PSICANÁLISE APLICADA, EM EXTENSÃO OU EXTRAMUROS

A aproximação entre a psicanálise e cultura, que ampliou seu objeto de estudo para obras de arte, personagens literários, grandes artistas e, em última instância, à civilização propriamente dita, foi um movimento que, dando-se aos poucos, envolveu toda a psicanálise, na medida em que visava estabelecê-la enquanto saber teórico. Apesar de nunca propriamente conceituado, Freud nomeou-o de psicanálise "aplicada", utilizando-se do termo para se referir à aplicação do método psicanalítico tanto na clínica quanto fora dela - ainda que o

entendimento popular acerca do termo tenha se restringido ao segundo tipo (Debieux e Domingues, 2010). Para além de Freud, o movimento contou também com outros importantes pioneiros como Carl Jung¹¹, Karl Abraham, Hans Sachs, com destaque a Otto Rank - mantendo-se ativo até os dias de hoje, ainda que sob outras denominações -, fazendo-se essencial para a compreensão da psicanálise na medida em que, como já exposto,

(..) vale a pena lembrar que, desde Freud, a psicanálise não se contenta em ser apenas uma clínica da subjetividade, mas quer ser reconhecida também como teoria das produções culturais que procura desvendar aquilo que poderíamos chamar de “economia libidinal” dos vínculos socio-políticos. Isto a ponto de Freud afirmar que: “mesmo a sociologia, que trata do comportamento dos homens em sociedade, não pode ser nada mais que psicologia aplicada. Em última instância, só há duas ciências, a psicologia, pura e aplicada, e a ciência da natureza (Freud, Novas conferências introdutórias à psicanálise, p. 194)” (Safatle, 2009, p. 2).

Para contemplar os objetivos desta pesquisa de melhor compreender a relação entre Freud, a psicanálise e a cultura, se faz necessário, portanto, um aprofundamento - ainda que sucinto - acerca de tal noção. Apesar de entendida enquanto a aplicação da psicanálise em campos externos a clínica, como a cultura, vale pontuar que, para Freud a psicanálise aplicada compreendia todas as possíveis aplicações da teoria psicanalítica, o que inclui também a própria prática clínica (Debieux e Domingues, 2010).

Antes de adentrar propriamente no que consiste a psicanálise aplicada, penso ser importante pontuar algumas ressalvas a respeito da mesma. Isto pois, como discutem diversos autores pós-freudianos, a separação entre psicanálise pura e aplicada é contraditória e equivocada, se levarmos em conta toda a discussão acima estabelecida a respeito da psicanálise enquanto método, uma vez que pressuporia a psicanálise enquanto uma ciência tal qual as demais, de cujo corpo de conhecimentos coerente e autônomo seria passível de aplicabilidade em âmbitos distintos daqueles onde foi constituído. Considerar a psicanálise enquanto passível de aplicação, seja na clínica, seja fora dela, se mostra incoerente com sua construção teórica, ignorando a dimensão essencial à metapsicologia do conflito psíquico, que vai contra o postulado da psicologia acadêmica de que o sujeito compõe uma unidade, negligenciando todas as implicações que envolvem pensar a psicanálise enquanto método e inserindo-a em uma lógica médica-científica, cujos pressupostos envolvem a ideia de causalidade e ignoram o processo de gênese da teoria - aspectos esses que Freud tentou combater ao longo de toda sua vida (Mezan, 2019).

¹¹ Antes do rompimento entre ele e Freud, em meados de 1913, que, inclusive, teve influência na escrita e publicação de *Totem e tabu* (Gay, 2021)

Em outras palavras, o termo "aplicada", ao envolver a noção de aplicação, pressupõe a abstração e transferência de toda uma metodologia e teoria para uma outra esfera do conhecimento - o que desvalorizaria tanto a psicanálise quanto o próprio Freud (Laplanche e Pontalis, 2022). Diante disso, alguns dos pós-freudianos se viram diante da necessidade de substituir o termo "aplicada", dentre eles Lacan e Laplanche, que passaram a utilizar "em extensão" e "extramuros", respectivamente, uma vez que, como coloca Plon (1999),

Se em Freud a "linha de demarcação" separava a psicanálise científica (teoria) de suas possíveis aplicações (incluindo a prática clínica), depois de Freud a "linha de demarcação" passou a separar o que seria uma aplicação da psicanálise aos campos não clínicos como: os fenômenos sociais, a cultura e a arte (esses assumem o sentido praticamente exclusivo do termo psicanálise aplicada) de um lado, e, do outro, o que seria a teoria psicanalítica e sua aplicação à prática clínica (esse se tornou o sentido em que se passou a falar de uma psicanálise "pura", sem adjetivos, propriamente dita). A prática clínica, colocada ao lado da psicanálise científica, passou a ser entendida como o lugar de produção do conhecimento, enquanto a psicanálise aplicada passou a ser entendida como lugar de mera aplicação e demonstração dos conceitos psicanalíticos e a ser objeto de inúmeras críticas (Debieux, 2010, p. 181).

Assim, ainda que existente até hoje, tal prática foi muito criticada, dentro e fora da psicanálise, e teve que passar por importantes mudanças e estruturações do ponto de vista metodológico, em relação ao que Freud e seus discípulos faziam (Laplanche e Pontalis, 2022).

Isto posto, podemos agora nos debruçar no que Freud entendia por psicanálise aplicada e a forma como se deu o movimento da mesma se voltar para a cultura. De cara, vale reforçar que para o autor a mesma compreendia todas as possíveis aplicações da teoria psicanalítica, o que inclui também a própria prática clínica (Debieux e Domingues, 2010). Isso fica claro quando, anos depois do surgimento de tal noção, em 1926, ao debater sobre a questão da análise leiga, Freud diz que, "por motivos práticos adotamos o hábito, também em nossas publicações, de distinguir entre análise médica e aplicações da análise. Isso não é correto. Na realidade, a linha de separação é entre psicanálise científica e suas aplicações nos âmbitos medicinal e não medicinal (Freud, 1926/2021, p. 180)".

Para Freud, a aplicabilidade da psicanálise, fosse empreendida junto ao divã ou à escrivãzinha, era universal. É verdade que a situação analítica oferecia uma oportunidade única para gerar e verificar suas hipóteses. Hermética, altamente profissional, praticamente irreproduzível, essa situação sempre se manteve para Freud uma fonte inesgotável de informações, um ponto para muitas partidas.* Mas, ao contrário da maioria dos psicanalistas que o sucederam, Freud considerava todas as suas investigações analíticas igualmente instrutivas e igualmente importantes. Reconstruir as origens da civilização a partir de materiais escassos e especulativos era totalmente diferente de avaliar dados clínicos. Mas Freud não se sentiu constrangido nem achou que devesse se desculpar por invadir os domínios da arte, da política ou da pré-história, com os instrumentos psicanalíticos nas mãos (Gay, 2021, p. 526)”.

De acordo com Roudinesco e Plon (2022), antes de 1900, quando publica *Interpretação dos Sonhos* - uma de suas primeiras e principais obras - Freud já sugeria, em trocas de cartas com Fliess, acreditar estar desenvolvendo algo para além do estudo do funcionamento psíquico, apesar de, até então, suas poucas produções se restringirem ao âmbito clínico. Apesar disso, tanto os autores quanto Zimerman (2008) defendem que foi a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras que possibilitou pela primeira vez a realização de discussões a respeito da aplicação da psicanálise em outros campos como a arte, religião, história, literatura etc.

A Sociedade, criada por Freud e outros quatro contemporâneos¹² em 1902, foi o primeiro grupo psicanalítico da história, permanecendo ativo durante 5 anos - até 1907 -, quando foi diluído e substituído pela WPV¹³, que, poucos anos depois viria a se desdobrar na IPA¹⁴. O círculo consistia em um "laboratório de ideias freudianas", onde, através de debates realizados entre médicos, filósofos, educadores ou meros estudiosos¹⁵, os poucos participantes "[...] inventaram dia após dia a técnica da psicanálise, a clínica do tratamento, a exposição dos casos e a conceituação da doutrina (Roudinesco e Plon, 2022, p. 710)".

Em vista disso, é interessante pensar que a psicanálise aplicada surgiria no mesmo momento e espaço em que se daria o estabelecimento da psicanálise enquanto método, teoria e, principalmente, instituição, estando presente, portanto, desde o início de sua constituição. Não à toa, tinha como intuito ampliar a teoria como um todo, libertando-a de qualquer possível estigma ou *establishment* aprisionador e concebendo-a enquanto disciplina completa:

Era realmente este o objetivo essencial: libertar-se da tutela médica, escapar ao simples registro do procedimento terapêutico, para não ficar reduzido a servir à psiquiatria, e com isso, fazer com que a psicanálise — que Freud fazia questão de estabelecer que não era uma daquelas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) às quais poderia enriquecer — pudesse encontrar seu lugar na ordem das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). (Roudinesco e Plon, 2022, p. 607)

Em uma troca de cartas com Hendrik de Man, em 1925, Freud revela, que sempre foi "da opinião de que as aplicações extramédicas da psicanálise são tão significativas quanto as médicas, e na verdade aquelas talvez possam ter uma influência maior sobre a orientação

¹² Alfred Adler, Wilhelm Stekel, Rudolf Reitler e Max Kahane

¹³ *Wiener Psychoanalytische Vereinigung*, primeira instituição psicanalítica da história, que serviu de modelo para as demais sociedades

¹⁴ *International Psychoanalytical Association*, associação internacional que reuniu todas as sociedades oficiais de psicanálise

¹⁵ sendo que desses, apenas alguns eram de fato psicanalistas

mental da humanidade" (Freud *apud* Gay, 2021, p. 318). Tal posicionamento merece destaque na medida em que torna clara sua opinião acerca da psicanálise aplicada, cuja importância extrapola a psicanálise em si, voltando-se também para as ciências humanas como um todo e na forma como se produzia conhecimento até então, mas também demonstra sua pretensão em, através desse exercício de pensar a cultura, estabelecer uma teoria cuja influência se daria acerca da orientação mental da humanidade e, portanto, na forma de se produzir conhecimento.

Não à toa em 1917 Freud (2021) coloca a psicanálise enquanto a última das feridas narcísicas da humanidade, as quais consistem nos três momentos na história em que, nos termos freudianos, o "amor-próprio da humanidade" sofreu "duras afrontas por parte da pesquisa científica", ou seja, em que os rumos epistemológicos acerca do entendimento do mundo sofreram importantes mudanças - sendo esses a negação do geocentrismo por Copérnico, a rejeição darwiniana de que o ser humano seria superior ao reino animal e a recusa pela psicanálise de que o homem seria soberano em sua própria psique.

Um exemplo interessante a respeito dessas intenções freudianas de conceber a psicanálise enquanto um saber que extrapola a prática clínica, traduz-se na icônica frase a ele atribuída ao viajar para os Estados Unidos, onde teria afirmado: "eles não sabem que estamos levando a peste"¹⁶. Isto pois, ao colocar a psicanálise enquanto subversiva, associada à uma "peste", Freud não se refere à psicanálise clínica - ao menos não somente - mas àquela que investiga também os fenômenos sócio-culturais e políticos, pretendendo-se contribuir com ao mesmo tempo que perturbar as ciências do espírito - no caso, "desvelar as ilusões presentes na sociedade americana" (Debieux, 2004, p. 335).

Isto posto, tais objetivos foram, em parte, materializados e contemplados através da criação em 1912 da revista *Imago*¹⁷: um periódico inteiramente destinado à publicação de textos exclusivamente teóricos, voltados a aplicação da psicanálise, o qual marca, portanto, os rumos que essa última tomava como um todo dentro do pensamento científico (Gay, 2021).

A revista surge como substitutiva da coleção de Monografias de Psicologia Aplicada¹⁸ - fundada por Freud em 1907 através da publicação do ensaio *Delirios e Sonhos na Gradiva de Jensen* - na medida em que "essa série revelou-se estreita demais para garantir o desenvolvimento de um setor em plena expansão (Roudinesco e Plon, 2022, p. 607)",

¹⁶ A respeito de tal frase, a mesma nunca foi de fato comprovada. A mesma foi confessada em 1955 à Lacan por Jung, que disse tê-la ouvido de Freud em uma viagem que ambos realizaram a Nova York, no instante em que avistaram a Estátua da Liberdade (Leite, 2020)

¹⁷ fundada por Otto Rank e Hans Sachs, com incentivo e colaboração de Freud

¹⁸ *Schriften zur angewandten Seelenkunde*

fazendo-se necessária a criação de algo mais abrangente. A revista *Imago*, onde foram publicados os quatro ensaios de *Totem e tabu* - dentre diversos outros textos -, durou até 1939, quando, diante da ascensão do nazismo, foi fundida com a IZP¹⁹.

Ademais, algo interessante de se pontuar é que são declarados enquanto objetivos da IPA - representante da institucionalização e expansão da psicanálise - os mesmos atribuídos aos periódicos acima referidos - representantes da materialização da psicanálise aplicada -, sendo esses “cultivar e promover a ciência psicanalítica fundada por Freud, tanto como pura psicologia como em sua aplicação à medicina e às ciências humanas; facultar o apoio recíproco entre os associados, em todos os esforços para adquirir e disseminar os conhecimentos psicanalíticos (Freud, 1914/2020, p. 296)”.

Tendo dito isto, Freud, no entanto, apesar de contribuir para o movimento da psicanálise aplicada - seja através da publicação de importantes obras, como defendendo objetivamente a expansão do campo psicanalítico -, também demonstrou certa ambiguidade diante da mesma. Isto se deve, em parte, às reações despertadas no meio psicanalítico, onde muitos viam tal movimento, ao contrário do que se pretendia, enquanto risco para o crescimento e estabelecimento da psicanálise, dado que sua aplicação poderia facilmente ser mal interpretada pelo público em geral, incluindo os próprios psicanalistas, caindo em descredibilidade (Zimmerman, 2008) - e de fato foi, ainda que em parte.

Ainda assim, com essa breve exposição, fica claro como a referência cultural atuou de forma fundamental no processo freudiano de constituição da psicanálise, concomitantemente ao discurso dos pacientes e à sua autoanálise. A forma como o recurso cultural compôs - e ainda compõe - essa construção, entretanto, vai além da aplicação das doutrinas psicológicas na cultura, como muitos pensam. Em vez disso, a cultura serve como uma dimensão que garante a universalidade e, portanto, a objetividade dos processos implícitos nos discursos dos pacientes e explícitos na autoanálise. Nesse sentido, ao analisar as obras em que Freud trata de questões culturais - ou ainda textos metapsicológicos em que ele se refere a elementos da cultura, como na formulação do complexo de Édipo a partir da mitologia grega -, fica evidente que a referência cultural é uma etapa necessária e essencial para as construções que estabelece, e não apenas uma ilustração (Mezan, 2019). Da mesma forma, percebe-se que nessas obras é o retorno aos processos psíquicos, tal como percebidos na clínica, que resolve as questões propostas por Freud.

¹⁹ *Internationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse*, uma outra revista de língua alemã destinada a publicações de psicanálise.

4. FREUD E A CULTURA: AS BASES PARA O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Embora o exercício de pensar a cultura a partir da psicanálise não seja um movimento necessária e exclusivamente freudiano, Freud exerceu uma significativa influência sobre ele, como em todas as facetas da psicanálise. Do mesmo modo como o inconsciente, a cultura sempre esteve presente na obra freudiana desde o início, direta ou indiretamente - seja através de conceitos como Lei, Supereu e Outro da linguagem, seja através do conflito psíquico estrutural entre exigências da cultura e as pulsões, seja através de textos que pensam objetivamente a cultura e sua relação com o psiquismo (Fuks, 2003). Ernest Jones (1989a), discípulo de primeira geração e primeiro biógrafo de Freud²⁰, aponta isso quando coloca que

A prova de que o interesse de Freud pelos aspectos normais, não médicos, da psicologia era antigo é dada pelo fato de os primeiros dois livros que escreveu sozinho depois do período neurológico serem dedicados a estes assuntos: a psicologia da vida onírica e os "lapsos" que interferem no funcionamento mental normal. Sua compreensão de ambos os assuntos se deu cedo, em 1895, ano de que pode ser datada a psicanálise (p. 333).

Toda a trama teórica e prática da psicanálise foi sendo traçada, portanto, a partir dessa articulação entre sujeito e sociedade. Um aspecto relevante a ser ressaltado a respeito disso consiste no fato de o próprio conceito de complexo de Édipo, esse, central da teoria psicanalítica, ter ganhado forma²¹ justamente no momento em que a psicanálise se insere explicitamente no mundo cultural - logo após a produção e publicação do ensaio sobre Leonardo da Vinci, em 1910 e pouco antes da produção e publicação do primeiro artigo de Totem e tabu na revista *Imago*, em 1912 - o que reforça o argumento de que desde o princípio haveria uma relação, ainda que implícita, entre cultura e psicanálise (Roudinesco, 2021).

No entanto, antes de adentrar propriamente nessa aproximação, vale pontuar um aspecto estrutural no que diz respeito às terminologias "cultura" e "civilização"²², quando referidas na obra freudiana²³. Isto pois, de acordo com Fuks (2003), Freud, a fim de se ausentar de todo um debate político e filosófico presente desde o fim do século XIX, opta por não distinguir ambos os termos, referindo-os como semelhantes, o que implica na articulação das dimensões espiritual da vida humana e material da vida social. Assim, ao fazer alusão à cultura, Freud refere-se à "interioridade de uma situação individual - manifesta nos impulsos

²⁰ *A Vida e Obra de Sigmund Freud*, publicada em 1953.

²¹ aqui vale pontuar que desde 1987, em uma carta a Fliess, Freud já falava do mito edipiano. No entanto, foi apenas em 1910 que o termo complexo de Édipo foi empregado em suas produções textuais - apesar de em 1908 já ter utilizado-o carta a Ferenczi, identificando-o ao complexo familiar, e em 1909, em *O homem dos ratos* ter sido postulado enquanto complexo central das neuroses (Gay, 2021)

²² em alemão, *Kultur* e *Zivilisation* - termos esses cuja diferenciação depende do contexto.

²³ discussão essa que será aprofundada no capítulo 5.1 *O futuro de uma ilusão*

que vão desde dentro do sujeito - e a exterioridade de um código universal, subjacente aos processos de subjetivação e aos regulamentos das ações do sujeito com o outro (Fuks, 2003, p. 10)".

Ou seja, os termos comportam não só a sociedade e aquilo que diz respeito aos fenômenos coletivos, mas o indivíduo e seus processos individuais. Um indicativo disso é que Freud passou a utilizar o termo *Kultur* mais sistematicamente após pensar a pulsão de morte - momento esse chave para psicanálise e para a teoria das pulsões - e o mal estar - o que levou a equivalência na empregabilidade dos termos cultura e civilização na teoria psicanalítica (Fuks, 2003). Assim, pensando que a psicanálise lida com indivíduos e seus processos psíquicos na clínica e que esses, para Freud, estão referidos na cultura, essa última se presentifica na clínica, ainda que implicitamente²⁴.

Tendo isso claro, partimos, portanto, para a compreensão da incursão de Freud na psicanálise aplicada. A respeito dos princípios que conduziram suas investigações no domínio da cultura, Gay (2021) aponta que

[...] eram poucos, fáceis de nomear, mas difíceis de aplicar: tudo é lícito, tudo está disfarçado e tudo está interligado. A psicanálise, como ele colocou, estabelece laços íntimos entre "as realizações psicológicas dos indivíduos e da sociedade, postulando a mesma fonte dinâmica para ambos". A "função principal do mecanismo mental" é "aliviar a pessoa das tensões que suas necessidades criam nela". A pessoa consegue alívio em parte "extraíndo satisfação do mundo exterior" ou "encontrando alguma outra forma de empregar os impulsos insatisfeitos". Por isso a investigação psicanalítica na arte ou na literatura, tal como a investigação das neuroses, deve ser uma busca de desejos ocultos satisfeitos ou desejos ocultos frustrados (p. 320)

Armado com esses princípios, Freud percorreu os mais diversos produtos da cultura, que foram desde manifestações culturais até a civilização propriamente dita. Assim, é importante pontuar que a forma como a cultura é abordada pela psicanálise neste primeiro momento se dá do ponto de vista da interpretação, ou seja, no que diz respeito a seu sentido, não suas causas e, muito menos, sua função - tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Para isso, os fenômenos culturais são tratados como uma espécie de compensação social²⁵ de sintomas neuróticos da ordem do indivíduo (Gabriel, 1988).

Isto pois, de acordo com Gay (2021), "o que lhe importava não era tanto o que poderia aprender com a história da arte, a linguística e as demais, mas o que elas poderiam aprender com ele; Freud entrou em terras alheias mais como um conquistador do que como um suplicante (p. 320)". Ou seja, Freud sempre manteve enquanto foco o desenvolvimento da psicanálise, de modo que nunca se pretendeu a aprender com as ciências humanas, mas, pelo

²⁴ Este é um ponto importante, que virá a ser trabalhado mais a frente.

²⁵ Termo aqui utilizado no sentido de coletividade, grupalidade

contrário, acrescentá-las algo que, ao seu ver, só psicanálise poderia dar, enfatizando a importância de um diálogo entre ambas, insuficientes por si só. Sobre isso, Debieux (2004) pontua que, "apesar da ênfase dada à Psicanálise como teoria e técnica de tratamento, Freud faz uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para compreender processos individuais, além de afirmar textualmente que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social (p. 332)", salientando a relevância que ele dava ao estudo de outros âmbitos, a fim de desenvolver sua própria teoria.

Assim, todos os trabalhos da ordem da psicanálise aplicada abarcavam um objetivo teórico, que extrapola o simples exercício de aplicação. A forma através da qual se deu o processo de analisar a cultura é um importante indicativo disso, na medida em que foi pensada - tal qual mencionado anteriormente - do mesmo modo como um sujeito na clínica²⁶, como se Freud colocasse a "cultura no divã", buscando na mesma "desejos ocultos" tal como fazia com os pacientes. Mais do que isso, vinculando diferentes classes de experiências humanas e traçando entre elas paralelos reveladores, Freud investigava não só o objeto cultural estudado, mas aspectos gerais da psique humana (Gay, 2021).

Isso fica claro ao analisar mais a fundo as produções nas quais realiza tal exercício: a obra sobre *Leonardo da Vinci* extrapola uma simples psicobiografia, na medida em que investiga também os mecanismos de sublimação e a temática da homossexualidade, marcando um avanço na teoria da sexualidade; em *Totem e tabu*, o estudo acerca da origem da civilização não se limita à compreensão daquilo já trabalhado pela etnografia e antropologia, mas, pelo contrário, se desdobra na produção de uma visão própria acerca do tema, análoga a investigação de questões do âmbito da psicanálise, como a neurose obsessiva e a paranoia; no estudo sobre psicologia das massas, através da elaboração de um ensaio teórico a respeito do fenômeno totalitário, Freud lança as bases do que viria a se desdobrar na segunda tópica, onde reestrutura sua teoria (Roudinesco e Plon, 2022).

Um adendo interessante a respeito das motivações freudianas ao pensar a cultura consiste no fato de que, para além daquelas propriamente teóricas, voltadas ao crescimento e estabelecimento da psicanálise enquanto teoria, haveria também motivações de ordem pessoal - essas, presentes em toda sua obra. Como aponta Peter Gay (2021), Freud era um sujeito extremamente compulsivo, de modo que, enquanto pesquisador, não se via diante da "liberdade de recusar as solicitações de um enigma uma vez possuído por ele (p. 324)" - e, nesse sentido, não há nada mais enigmático para um estudioso do ser humano do que pensar a

²⁶ inclusive, de acordo com Gay (2021), Freud chegou a sugerir, controversamente, que personagens literários poderiam ser analisados como pessoas reais.

origem da cultura e da civilização e a sua influência na psique²⁷. Isso fica evidente quando Jones (1989a), ao se referir ao trabalho de Freud diante da produção da obra *Leonardo da Vinci e uma Lembrança sobre sua Infância* (1910), diz que “quando se pensa na concentração e na pesquisa que o livro evidencia, causa espanto a capacidade de trabalho de Freud: quem quer que tenha realizado psicanálise por onze ou doze horas diárias sabe o que isso significa (p. 346-7)”, insinuando que toda a obra em sua produção consistiu em um longo e árduo trabalho de análise equivalente àquele realizado na clínica.

Tendo isso em vista, é possível partir para uma análise mais aprofundada acerca do caminho por ele percorrido ao pensar a cultura, dando ênfase aos principais textos ditos sociais ou culturais²⁸. Existem importâncias divergências no que diz respeito ao momento em que Freud primeiro pensou a cultura explicitamente: para Fuks (2003), foi em 1895 em *Projeto de uma Psicologia Científica*, onde pontua a necessidade do outro para a constituição do bebê e inserção do mesmo na cultura; de acordo com Mezan (2019) foi em 1900, com a *Interpretação dos Sonhos* onde fala pela primeira vez sobre o mito do Édipo-Rei; para Gay (2021) em 1907, em uma palestra publicada no ano seguinte como *Escritores Criativos e Devaneios*. Isso se diverge ainda mais se forem também levadas em consideração as trocas de cartas entre Freud e seus correspondentes, como fazem Roudinesco e Plon (2022), as quais indicam que já em 1897²⁹ ele acreditaria estar desenvolvendo ideias que extrapolaram o campo médico do funcionamento psíquico.

No entanto, mais do que pensar objetivamente nesse início, vale compreender de forma geral como se deu sua aproximação da temática em questão. Como coloca Mezan (2019),

[...] a preocupação freudiana com tais temas tem raízes muito mais profundas, que mergulharam em seu universo pessoal e na complexa trama de desejos, aspirações e reminiscências que o unem a seu tempo e à sociedade na qual se insere. O fato de Freud ser um homem lido e sensível à esfera humanística, porém, não é suficiente para dar conta do surgimento de uma teoria psicanalítica da cultura. É necessário examinar o percurso por ele realizado, e que o conduz da neurologia, na qual se distinguiu por seus trabalhos anteriores, às concepções que externará ao longo de toda sua obra psicanalítica. Basta um olhar de relance à lista das Obras Completas para constatar que os títulos de psicanálise "aplicada" se estendem por quatro décadas, demonstrando um interesse permanente por esse gênero (p. 157 - 8).

²⁷ esse aspecto compulsivo, apesar de não se mostrar presente em suas obras (ao menos não de forma objetiva), fica muito evidente nas trocas de cartas entre Freud e seus contemporâneos, onde comenta abertamente a respeito do processo de suas produções, e das aflições e dificuldades decorrentes dos mesmos.

²⁸ São esses *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930)

²⁹ mais especificamente, em duas correspondências com Wilhelm Fliess, como aponta Roudinesco e Plon (2022)

Apesar de haverem controvérsias, o início do movimento freudiano de pensar a cultura se deu mais objetiva e propriamente através da aplicação da psicanálise nos mais diversos campos das artes³⁰, por onde percorreu a novela *Gradiva* de Jensen, passando pelo personagem Hamlet de Shakespeare e a escultura de Moisés de Michelângelo até chegar no artista Leonardo Da Vinci. Tendo estabelecido esse recorte, sua primeira tentativa - ao menos, em que primeiramente estabeleceu uma relação entre psicanálise e arte de forma objetiva e proposital - se deu na acima referida palestra³¹, no ano de 1907, onde tratou a questão da produção de obras culturais, pensando o papel dos devaneios para o escritor. Nessa obra é interessante notar que já é possível identificar o modelo de traçar paralelos entre diferentes classes de experiências humanas, presente nas demais produções sociais.

Desde então se faz perceptível o movimento antes mencionado de "colocar a cultura no divã", onde traça paralelos entre processos psíquicos e fenômenos culturais. Tal movimento é entendido por Mezan (2019) enquanto decorrente da problemática clínica da repressão, a qual levou Freud posteriormente a se interrogar a respeito de questões mais amplas como a origem da moralidade e sua relação com a sexualidade. Foi, portanto, a partir de um obstáculo de ordem clínica, percebido principalmente através das neuroses obsessivas - nas quais se fazem presentes importantes características da moral, como a proibição, castigamento e coerção - que o mesmo veio a investigar a moral, a religião e a civilização. A respeito disso, o próprio Freud aponta em uma passagem de *Totem e tabu* "[...] como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural (p. 119)".

Tendo em vista essa breve exposição a respeito da relação entre Freud e cultura, tal qual de suas motivações em pensá-la a partir da psicanálise, parto para uma análise mais aprofundada do tema contemplando os textos *Totem e tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *O futuro de uma ilusão e mal-estar na civilização*, tendo como objetivo ampliar a compreensão a respeito do que e de como foi pensada a civilização pelo pai da psicanálise - afinal, como coloca Gay (2021), "a aplicação por Freud de suas descobertas à escultura, à ficção e à pintura foi bastante audaciosa. Mas ela se torna pálida frente à sua tentativa de escavar as fundações mais remotas da cultura (p. 331)".

³⁰ Apesar de haverem também textos previamente publicados que tratariam de questões como as práticas religiosas, moral sexual e linguagem, esses, *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* e *O Sentido Antitético das Palavras Primitivas*, publicados, respectivamente, nos anos de 1907, 1908 e 1910

³¹ publicada no ano seguinte (1908) sob o título *Escritores Criativos e Devaneios*

4.1 TOTEM E TABU

Em 1912, aos 55 anos, Freud publica o primeiro de quatro artigos de *Totem e tabu* na revista *Imago*, uma obra que, nos termos de Jones (1989a), “foi escrita em um dos anos setenais com que Freud associava seus mais elevados períodos de atividade criativa e num dado momento ele mesmo a considerou a melhor que já havia escrito (p. 350)”. Apesar de haver indicativos de que seu pensamento já se voltava à tal produção, a mesma se iniciou em 1911 e só foi se concluir após dois anos de trabalho intenso e obsessivo, em 1913.

Em *Totem e tabu*, Freud (1913/2021) através de uma extensa investigação bibliográfica e psicanalítica acerca de noções como totemismo, animismo e tabu e suas manifestações nos povos primitivos, busca analisar e compreender psicanaliticamente a passagem do homem animal para o homem civilizado, sintetizando diversos campos do conhecimento - dentre eles a psicanálise, a biologia, a etnografia e a pré-história.

A obra nasce, segundo Mezan (2019), sob a necessidade de uma concepção antropológica global diante da ampliação da psicanálise aplicada, que até então buscava analisar manifestações culturais, de modo que é quando primeiro ocorre a passagem da psicanálise do indivíduo para a esfera das relações sociais de fato - a qual veio a ser melhor trabalhada pouco depois, em obras como *Psicologia das massas* (1921) e *análise do eu* e *O mal-estar na civilização* (1930). Tendo isto em vista, a posição que Freud ocupava em relação à cultura até então sofreu modificações: até aquele momento, o que se buscava era ampliar o território diante do qual se debruçava a psicanálise, mas a partir de então o objetivo passa a ser o de desvendar as origens e fundamentos da cultura, de suas manifestações e das instituições sociais decorrentes dessa, como a moral e a religião.

No prefácio do livro Freud (1913/2021) aponta que os ensaios consistem em sua primeira tentativa de "aplicar perspectivas e resultados da psicanálise a problemas ainda não solucionados da psicologia dos povos (p. 14)". Sua pretensão era portanto a de atingir um público extenso composto por etnólogos, linguistas, folcloristas e psicanalistas, não a fim de esgotar as questões por esses trabalhadas, mas, pelo contrário, iniciar e intermediar um diálogo até então inexistente, na expectativa de ocasionar uma cooperação mais frequente entre diferentes áreas diante da produção de conhecimento - movimento esse que se fará ainda mais presente em *Psicologia das massas*.

De acordo com Gay (2021), a obra é ambiciosa em diversos sentidos: primeiro, por tentar alcançar tal público “culto médio”, mas, principalmente, por defender uma tese que supera muitos, senão todos, os grandes teóricos que pensaram a passagem do homem à

civilização, como Jean-Jacques Rousseau, sem ao menos atribuí-la dados concretos. Isso, sem contar com o fato de que Freud, ao propor um mito originário da civilização a partir de uma pesquisa puramente bibliográfica, foi na contracorrente de toda a evolução da antropologia moderna - que não só rompia radicalmente com as teses anteriores referentes à oposição entre o homem animal ou primitivo e o civilizado ou humano, as quais pressupunham uma hierarquia de raças, mas também renunciava a busca pelos mitos de origem em prol de estudos de campo concretos (Roudinesco, 2021).

A respeito disso, Roazen (1973) aponta que

As idéias antropológicas de Freud iam frontalmente contra os pontos de vista da grande massa dos antropólogos norte-americanos. Por exemplo, Freud comparava os costumes dos povos iletrados com os dos primitivos ancestrais do homem. Mencionava a "horda primitiva" como se constituísse um fato histórico, não querendo dizer que se tratava apenas de uma verdade psicológica. Piorando a situação, Freud apegava-se tenazmente à crença na hereditariedade de caracteres adquiridos; a culpa pelo assassinato do pai primitivo se transmitia geneticamente, segundo ele. Todo o teor das especulações antropológicas de Freud tinha de aborrecer qualquer antropologista; frequentemente falava em culturas não-letradas como "primitivas" ou "infantis", expressões estas que forçosamente ofendiam aqueles que lutaram pela emancipação da antropologia do etnocentrismo do século 19. Por fim, todo o argumento de Freud baseava-se em fontes secundárias (p. 31)

Dito isto, em nenhum momento Freud deixou de ter consciência de que sua produção viria a provocar um certo tumulto no meio acadêmico - como já havia acontecido anteriormente. Em uma carta a Ferenczi, ao mencionar que "não escrevia nada com tanta convicção desde a *Interpretação dos Sonhos*", ele prevê que "a receptividade (do ensaio) será a mesma: uma tempestade de indignação, com exceção daqueles que estão próximos de mim (Freud apud Jones, 1989a, p. 351)". E de fato foi, se considerarmos que *Totem e tabu*, apesar de uma de suas obras mais importantes consiste, também, em uma das mais criticadas, ao lado de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e *Moisés e a Religião Monoteísta* (1938)³² (Roudinesco e Plon, 2022).

No tocante à pesquisa literária, Freud chega a desabafar com Ferenczi, em uma carta escrita no final de 1911, onde diz: "O trabalho sobre o Totem é um negócio brutal. Estou lendo grossos livros sem estar realmente interessado neles, pois já sei os resultados; meu instinto os diz para mim. Mas têm que percorrer seu caminho através de todo o material sobre o assunto (Freud apud Jones, 1989a, p. 351)". Essa fala demonstra claramente sua posição e a forma como vê a psicanálise diante das demais esferas do conhecimento: essas, limitadas e

³² aqui vale destacar que essas três obras pertencem aquelas voltadas a psicanálise aplicada, o que demonstra as dificuldades e impases desta última mencionados no capítulo anterior, principalmente no que diz respeito ao público externo à psicanálise, como no caso, os artistas, antropólogos e estudiosos da história das religiões

esgotadas diante das temáticas por ele investigadas, muito teriam a aprender com a psicanálise, a qual traria uma nova luz à obtenção de conhecimento.

Inclusive, no fim de sua vida, ao se referir às críticas voltadas à não modificação de opinião de Freud nas edições posteriores de *Totem e tabu*, mesmo após uma série de produções etnográficas e antropológicas posteriores rejeitando as teses nas quais ele havia se baseado - como de Robertson Smith -, ele afirma: "sobretudo, porém, não sou etnólogo, e sim psicanalista. Eu tinha o direito de extrair da literatura etnológica o que podia usar no trabalho analítico (2020/1939, p. 181)"³³ - admitindo mais uma vez sua posição diante das demais áreas de conhecimento, que tinham função basicamente instrumental para a produção psicanalítica.

Dito isto, vale pontuar que à publicação de uma obra como *Totem e tabu* jamais bastaria a extensa busca e apropriação de fontes externas à psicanálise, de modo que a experiência clínica, as teorias psicanalíticas até então desenvolvidas e também a autoanálise de Freud se fizessem imprescindíveis e estão em muito presentes na obra, seja através método de pesquisa, seja pelo conteúdo trabalhado (Gay, 2021).

Assim, para conceber a origem da civilização e das instituições culturais - retratada através de um mito fundador - Freud (1913/2020) percorre um extenso caminho que parte de revisões teóricas e passa por interpretações psicanalíticas, produzindo uma visão própria acerca de temáticas como totemismo, animismo e tabu análoga a investigação de questões próprias da psicanálise - como a neurose obsessiva e a paranóia. Quanto ao percurso conceitual e argumentativo percorrido, vale uma breve exposição dando enfoque principalmente às analogias concebidas entre tais objetos de estudo e os mecanismos psíquicos, na medida que evidenciam a forma o método psicanalítico é utilizado na análise da cultura, permitindo um aprofundamento posterior nas possíveis implicações disso para a constituição da psicanálise como um todo.

A aplicação do método psicanalítico para a compreensão de aspectos culturais, a qual, nos termos freudianos (1913/2020), "nos permitirá ver sob nova luz fatos já conhecidos das duas disciplinas (etnografia e psicanálise) (p.18)", aparece desde o primeiro ensaio, *O Horror ao Incesto*³⁴, que inaugura a comparação basilar entre povos primitivos e neuróticos. Isso se dá a partir da introdução do sistema totêmico, um sistema anterior a religião presente nos povos primitivos, que fornece uma base para a organização social e, principalmente, no qual vigora uma lei importante do ponto de vista psicanalítico: a da proibição do incesto. Essa

³³ *Moisés e o Monoteísmo*, 1939 (1934-1938).

³⁴ finalizado em janeiro de 1912 (Jones, 1989a)

última ganha destaque justamente pois é o que, em um primeiro momento, possibilita a aproximação da psicanálise à psicologia dos povos, uma vez que o horror ao incesto "constitui um traço peculiarmente infantil e uma notável concordância com a vida psíquica dos neuróticos (Freud, 1913/2020, p. 41)".

Logo após a finalizar o primeiro ensaio, em uma carta para Jones³⁵, Freud comunica seus próximos passos, indicando que desde o início já havia planejado o caminho que pretendia percorrer:

Minha contribuição *Inzestscheu* não é de modo algum famosa, mas os próximos dois artigos podem revelar-se melhores. O segundo intitula-se *tabu und Ambivalenz* e mostrará, espero, a essência desse maravilhoso 'tabu'; já está escrito até a metade e todo pronto em pensamento. O terceiro ainda não tem conformação definida; terá o título '*Die Magie und die Allmacht der Gedanken*'. Concebo esses três artigos como precursores de outro mais importante que pretendo denominar '*Die infantile Wiederkehr des Totemismus*' (Freud *apud* Jones, 1989a, p. 351-2).

No segundo ensaio, *O tabu e a ambivalência dos sentimentos*³⁶, Freud (1913/2020) direciona sua atenção à temática do tabu, delineando-o enquanto um imperativo categórico com raízes profundas, cuja coercividade persiste nos tempos contemporâneos. A ausência de fundamentação nas proibições do tabu, comparada à neurose obsessiva, revela analogias significativas: ambas carecem de motivação explícita, mantêm-se por necessidades interiores e exibem uma tendência ao deslocamento da proibição para outros objetos, sugerindo uma afinidade entre essas manifestações psíquicas. No entanto, tal analogia vai materializar-se de fato através da noção de ambivalência afetiva, na medida em que aspectos como a proibição do toque, seja em pensamento ou fisicamente, e o perigo de contágio pelo proibido, emergem como elementos comuns entre as manifestações do tabu e os sintomas da neurose obsessiva. A análise revela, portanto, uma convergência nas renúncias impostas pelas proibições, formando um terreno fértil para o entendimento da neurose obsessiva através do prisma do tabu.

Ao final do texto, no entanto, Freud destaca a importância de se pontuar a existência de uma distinção crucial entre ambos - e, por consequência proibição moral e proibição do tabu -, que permitirá futuramente uma melhor compreensão da evolução da cultura e da moral, ressaltando que este último é uma instituição social, criada pela cultura, enquanto a neurose é um mecanismo psíquico que se desdobra em "formações associativas", na medida em que busca, por meios privados, alcançar individualmente o que na sociedade é fruto do trabalho coletivo. Isto se deve ao fato de que, enquanto nas neuroses preponderam os

³⁵ escrita em 24 de fevereiro de 1912, um mês após a conclusão do primeiro ensaio (Jones, 1989a)

³⁶ apresentado na Sociedade dia 15 de maio de 1912 em uma exposição de três horas de duração (Jones, 1989a)

impulsos³⁷ sexuais³⁸, nas formações culturais regem os impulsos sociais, que comportam elementos eróticos mas, também, egoístas.

Compreender tal diferenciação se faz essencial uma vez que, como coloca Freud (1913/2020), "Esse exemplo de comparação entre tabu e a neurose obsessiva permite imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais, e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural (p. 119)". Essa citação merece destaque, na medida em que 1. indica objetivamente a visão que Freud tinha da psicanálise enquanto significativa contribuição para a compreensão de outros objetos que não a psique, 2. aponta como tal contribuição deve partir do estudo de mecanismos psíquicos presentes e próprios da clínica e 3. demonstra uma compreensão de cultura enquanto algo que dialoga fortemente com os processos psíquicos individuais³⁹ - pontos esses centrais para essa pesquisa.

O terceiro ensaio, *Animismo, Magia e Onipotência dos Pensamentos*⁴⁰, trata da temática do animismo - sistema de pensamento que projeta características humanas em objetos animados e inanimados - onde Freud, através de uma hábia equiparação entre esse e narcisismo, neurose obsessiva e mecanismo dos sonhos, constrói um arcabouço teórico que transcende as barreiras entre esses fenômenos e cria uma via de acesso a psique humana primitiva. O movimento argumentativo deste ensaio é muito interessante, na medida em que, primeiro, Freud (1913/2021) pontua a natureza do animismo enquanto primeira concepção humana de universo - seguido da religião e da ciência -; então, estabelece uma relação entre tais estágios de desenvolvimento do conhecimento humano com os estágios do desenvolvimento libidinal do indivíduo⁴¹, a qual servirá, por fim, para estabelecer uma via de acesso a psique dos povos através do estudo acerca de como a natureza seria pelos tratada pelos mesmos - na medida em que a concepção de mundo animista é psicológica⁴². Ao analisar mais a fundo a natureza do animismo, levando-se em conta os mecanismos nele

³⁷ nota-se que, a respeito do termo *Trieb*, traduzido tanto por instinto quanto pulsão, opta-se no presente trabalho por utilizar uma terceira tradução, referindo-se ao termo enquanto impulso. Isto pois, a tradução para instinto, advinda das edições inglesas, é considerada por muitos enquanto equivocada, uma vez que implica uma biologização da psicanálise (Souza, 2010)

³⁸ que fazem de sua natureza associar, na medida que busca escapar da realidade insatisfatória em direção a um mundo fantasioso, se afastando da comunidade humana governada pelas instituições sociais.

³⁹ o que nos leva a questionar as possíveis relações a serem estabelecidas em relação à clínica e a cultura, no sentido de pensar no que consiste propor um tratamento individual das neuroses tendo em vista sua influência na formação da cultura - mas isso será melhor trabalhado mais a frente.

⁴⁰ apresentado na Sociedade de Viena no dia 15 de janeiro de 1913 (Jones, 1989)

⁴¹ Freud traça um paralelo entre animismo, religião e ciência com narcisismo, escolha de objeto e renúncia do princípio de prazer/busca pelo objeto externo.

⁴² pois se dá, justamente, através do deslocamento de relações estruturais da própria psique humana para o universo

presentes, Freud (1913/2021) chega à conclusão que a fonte da primeira realização teórica do ser humano seria a mesma das primeiras restrições morais as quais ele se sujeitou: os princípios do tabu - ponto este que prepara a argumentação do último artigo.

No início de 1913, pouco antes de publicar o último artigo referente ao *Totem e tabu*, Freud anunciava aos discípulos, Jones e Ferenczi, a respeito da grandiosidade que estava a produzir:

"Estou agora escrevendo lentamente a quarta das *Übereinstimmungen* sobre totemismo, que deve fechar a série. É o mais ousado empreendimento a que já me aventurei. Sobre religião, ética e *quibusdam aliis*. Deus me ajude!"⁴³. Disse a Ferenczi, na mesma época⁴⁴, que lhe tomaria dois ou três meses, mas num supremo esforço acabou-o em um mês. [...] "Estou escrevendo Totem, no momento, com o sentimento de que é minha maior, melhor, talvez minha última boa obra. A confiança interna me diz que estou certo. Infelizmente, tenho muito pouco tempo para o trabalho, de modo que continuamente tenho de ir contra meu estado de espírito e isso prejudica o estilo."⁴⁵ (Jones, 1989a, p. 352)

"Se a psicanálise foi pioneira em descobrir a invariável sobredeterminação dos atos e formações psíquicas, não devemos recear que ela seja tentada a propor uma origem única para algo tão complicado como a religião (Freud, 1913/2020, p. 155)". Este corresponde ao início do quarto e último ensaio da obra, *O Retorno do Totemismo na Infância*, uma peça central na compreensão das teorias freudianas no que diz respeito a psicologia dos povos e a origem da cultura - não à toa que se tornou o mais conhecido -, na medida em que fornece uma análise profunda acerca da origem da sociedade e das instituições culturais, destacando a influência do Complexo de Édipo e da ambivalência afetiva no desenvolvimento do homem enquanto ser social.

É por meio do aprofundamento e sintetização entre 1. a concepção psicanalítica do totemismo, que associa o totem à figura paterna, 2. a presença da ambivalência afetiva neste primeiro - manifesta através do curioso evento do banquete totêmico, onde, após assassinar o totem, a tribo simultaneamente festeja e guarda luto pelo mesmo 3. a hipótese darwiniana de que existiria um estado primevo na sociedade humana organizado através de hordas fraternais, nas quais haveria um macho mais velho e mais forte detentor do prazer e do poder; que Freud elabora um mito fundador da cultura, onde o totemismo, tabu e animismo convergem em uma história que remete a um assassinato coletivo do pai da horda primitiva:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. [...] Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e

⁴³ carta a Jones escrita em 9 de abril de 1913

⁴⁴ em outra carta, escrita um dia após da de Jones, no dia 10 de abril de 1913

⁴⁵ essas duas últimas citações de Freud referem-se à Ferenczi, datando respectivamente 1 e 8 de maio de 1913

invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião (Freud, 1913/2020, p. 216 e 217).

Ou seja, Freud (1913/2020) argumenta que os povos primitivos se organizavam em hordas compostas por irmãos e um pai, esse último sendo o único macho detentor de todo o poder e formas de prazer - tal qual defendia Darwin. Certo dia, os irmãos, unidos pelo ressentimento e pela ambição de obter o poder e o prazer monopolizados pelo pai, se revoltaram e o assassinaram coletivamente. Esse ato de parricídio foi seguido por um banquete em que devoraram seu corpo, um gesto simbólico de apropriação de sua força e características.

Essa narrativa oferece uma compreensão psicanalítica profunda da origem da sociedade, religião e moralidade: os tabus de não matar o totem e evitar o incesto, presentes em toda instituição social, emergem como respostas coletivas à culpa gerada pelo ato de assassinar o pai primordial, e a ambivalência afetiva, que permeia desde as estruturas mais primitivas da psique até as complexas instituições culturais, manifesta-se enquanto um fio condutor essencial para a compreensão da evolução cultural e da psicologia individual. Isto se dá de tal forma que,

Dentro da lei exogâmica, o elemento perceptível da proibição do incesto é o elemento fundador da família e, portanto, das estruturas do próprio indivíduo. É por isso que a proibição representa uma verdadeira passagem entre a natureza e a cultura. É por isso, ainda, que a civilização nasce do recalque e é por isso também que a questão de Édipo deve ser tratada em termos psicológicos individuais e é decisiva para o advento da cultura. Enfim, ou há o caos (a realização da pulsão por via imediata) ou há o socius, que é incompatível com a satisfação imediata (Monzani, 2011, p. 246)

No desfecho da obra, Freud destaca que "no complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte, em plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses, até onde elas foram acessíveis ao nosso entendimento (Freud, 1913/2020, p. 238)". Ou seja, todo processo civilizatório é fundamentalmente conflitual e de natureza neurótica, na medida em que resultou de um crime cometido grupalmente por sujeitos sobretudo sexualmente excitados, os quais, por sua vez, abriram mão da satisfação em prol da coletividade (Monzani, 2011).

Essa afirmação freudiana, portanto, nos permite pensar que, em sua construção, *Totem e tabu* se desdobra enquanto tentativa de universalizar o conceito recém formulado do Complexo de Édipo, na medida em que revela-o enquanto epicentro das instituições culturais,

tal qual das neuroses. Isto pois, sendo tal complexo a expressão dos desejos recalçados de cometer incesto e assassinar o "pai", esses, igualmente contidos nos dois tabus inerentes ao totemismo, "convinha então considerá-lo um paradigma universal, uma vez que traduzia os dois grandes interditos fundadores de todas as sociedades humanas (Roudinesco, 2021, p. 195)".

Enfim, por mais que rodeemos, há sempre um ponto cardeal de toda a civilização: o Complexo de Édipo. E, também, de cada indivíduo particular. Toda a estrutura da sociedade depende desse fator. Nesse sentido, podemos dizer que a estrutura social é fruto, é resultado de um ataque levado a cabo por indivíduos sexualmente excitados. De qualquer maneira, fica claro que todo processo civilizatório é, por essência, conflitual e de vocação neurótica (Monzani, 2011, p. 245)

Tal tentativa, por sua vez, dialoga diretamente com a pretensão freudiana então trabalhada de estabelecer a psicanálise enquanto ciência, ganhando reconhecimento das demais áreas.

A respeito disso, é interessante pontuar que em seu contexto pessoal havia uma série de questões que se refletem na produção da obra, tal qual nas intenções por trás da mesma de instituir a psicanálise teoricamente. A começar pela necessidade de Freud em se opor duplamente a Wilhelm Wundt - seu antecessor, por muitos conhecido enquanto "pai da psicologia" - e a Carl Jung - seu ex-discípulo, que vai romper com ele e com a psicanálise em 1913, desenvolvendo a própria escola (Roudinesco e Plon, 2022). Isso fica evidente no prefácio da obra escrito em setembro de 1913, logo após o rompimento deste último com o movimento psicanalítico⁴⁶, onde, a respeito dos quatro ensaios, Freud (1913/2020), afirma que

Eles oferecem um contraste metodológico, por um lado, à extensa obra de Wilhelm Wundt, que utiliza as hipóteses e métodos de trabalho para a psicologia não analítica para o mesmo propósito, e, por outro lado, aos trabalhos da escola psicanalítica de Zurique [referindo-se a Jung], que buscam, inversamente, resolver problemas da psicologia individual com o auxílio de material etnopsicológico. De bom grado reconheço que de ambos os lados veio o estímulo imediato para meus próprios trabalhos (p. 14)

Outro ponto interessante abordado por Roudinesco e Plon (2022) consiste no fato que, na medida em que a psicanálise crescia, se institucionalizava e se descentralizava de Viena - movimento este fortemente marcado pela criação da IPA -, Freud foi aos poucos deixando de ocupar a posição de "pai primevo" que detinha de todo poder concernente a teoria que concebera, tornando-se um mero mestre reconhecido. "Daí o duplo distanciamento do pai em relação aos filhos e destes em relação ao pai (p. 756)": enquanto Freud temia o abandono e a

⁴⁶ que ocorre no congresso da IPA de Munique, em agosto de 1913 (Roudinesco e Plon, 2022)

heresia, os demais psicanalistas se viam cada vez mais livres a seguir os próprios caminhos - como fizeram Wilhelm Stekel, Alfred Adler e Carl Jung. Assim, *Totem e tabu* foi escrito diante de uma série de questionamentos voltados a como instituir uma ciência teórica e prática que preservasse seus princípios epistêmicos ao mesmo tempo que permitisse certa liberdade de criação e desenvolvimento, levando em conta as diferenças culturais e pressupostos teóricos. Não à toa a obra surge enquanto empreendimento em universalizar o conceito central da teoria freudiana.

O mito de Totem e tabu não se reduz a uma hipótese - aliás discutível - para explicar determinados fatos etnográficos; é, ao contrário, um instrumento essencial para permitir o progresso da teorização, ao distinguir entre diferentes personagens paternos - o pai real, o pai idealizado, o pai morto - que constituem categorias estritamente psicanalíticas e cuja função no tratamento não pode ser menosprezada (Mezan, 2019, p. 298)

Ou seja, apesar de Freud escrever *Totem e tabu* sob a finalidade, ao menos ao que parece, de apenas e simplesmente exercer o exercício de aplicar a psicanálise sobre a cultura de modo geral, a fim de compreendê-la a partir da especificidade do olhar psicanalítico, ao fazê-lo, ele estabelece bases teóricas importantíssimas para a construção e constituição da psicanálise enquanto saber e enquanto método. Isso se dá tanto 1. na medida em que universaliza o conceito de complexo de Édipo e, como aponta Mezan (2019), distingue os diferentes personagens paternos constituindo categorias psicanalíticas essenciais para o tratamento como também 2. uma vez que o mito da horda primitiva, dado que trata da origem da civilização, se desdobra na base para a compreensão de toda e qualquer instituição ou manifestação cultural.

Sobre esse último aspecto, fica evidente a função de *Totem e tabu* enquanto instituinte de bases importantes para a investigação da cultura ao longo da leitura dos demais textos em que Freud pensa a cultura, na medida em que este se presentifica, direta ou indiretamente em todos - inclusive sobre a forma de recurso utilizado na resolução dos problemas propostos. Isso é apontado por Jones (1989b) no terceiro volume de sua biografia sobre Freud, o qual, distinguindo os textos freudianos através das temáticas que comporiam, menciona os ensaios de 1914 em todas as seções em que trata das demais obras voltadas a pensar a cultura: ainda que expondo-o mais detalhadamente na seção de *Antropologia*, menciona também *Totem e tabu* enquanto um texto que compõe as temáticas voltadas para a *Sociologia* - junto de *Psicologia das massas e análise do eu* e *O mal-estar na civilização* -, tal qual para a *Religião* - junto de *O futuro de uma ilusão*, *a Moisés e a Religião Monoteísta* e os dois anteriores. Esse aspecto, no entanto, tenderá a ficar mais claro ao longo da pesquisa.

5. O ESTABELECIMENTO DE UM PRINCÍPIO METODOLÓGICO

Ao longo de sua obra, Freud tentou de diversas formas resolver a questão da coesão social. Em *Totem e tabu* (1913), ele recorreu tal explicação a um contrato social, onde os homens baseariam sua aceitação da sociedade e das relações sociais na autoconservação diante dos impulsos agressivos que apresentavam entre si e na culpa gerada pelo assassinato do pai. Anos depois, ele desenvolveria uma nova compreensão da problemática, apresentando uma explicação extremamente original a respeito da base da unidade social e sua dissolução - a qual, no entanto, só pode ser devidamente compreendida se pensada através de sua inserção no contexto do desenvolvimento da psicanálise como um todo (Roazen, 1973).

Pouco após o fim da Primeira Guerra, entre 1920 e 1921, Freud escreve e publica *Psicologia das massas e análise do eu*, período esse importante para a psicanálise na medida em que marca sua reestruturação: "Escrito em 1920, depois de *Mais-além do princípio de prazer*, *Psicologia das massas e análise do eu* constitui o segundo estágio da grande reformulação teórica da década de 1920, da qual *O eu e o isso*, publicado em 1923, seria a terceira parte (Roudinesco e Plon, 2022, p. 613)".

De acordo com Safatle (2009), esse período marca a última fase do pensamento freudiano. Isso se deve ao fato de que, aquilo que pode ser considerado enquanto o cerne de suas elaborações teóricas, a sua metapsicologia, encontra-se na teoria das pulsões, a qual, ainda que reelaborada algumas vezes, dá lugar para uma nova forma de se pensar a psique e a clínica. Para compreender tal processo, no entanto, é importante considerar dois conceitos fundamentais.

O primeiro deles, o conceito de narcisismo, foi introduzido em 1914 com a publicação de *Introdução ao Narcisismo*, fazendo-se essencial na medida em que permite a compreensão dos processos de constituição do Eu⁴⁷. É somente a partir disso que Freud, nove anos depois, é capaz de desenvolver o conceito de Supereu, em 1923, com *O eu e o isso*, que inaugura de fato a segunda tópica freudiana. Sobre esse último, o segundo termo considerado essencial para compreensão do processo de reestruturação da psicanálise, vale ressaltar que, ainda que surja somente em 1923, foi sendo desenvolvido ao longo do tempo, de modo que toda sua problemática já estava presente não apenas em *Introdução ao Narcisismo* (1914), mas em *Totem e tabu*, em 1913, onde os processos de socialização seriam pensados através da

⁴⁷ A respeito da terminologia *Ich*, traduzida para o português por Eu ou Ego, nota-se que, no presente trabalho, optou-se por utilizar a primeira tradução, que, de acordo com o tradutor Paulo César de Souza (2010) seria a mais correspondente ao termo em alemão - por vezes menos utilizado devido sua carga afetiva na língua portuguesa, onde Eu nos atingiria mais do que Ego, que se coloca enquanto exterior a nós.

internalização da Lei transmitida pelo pai, essa, responsável pela gênese da consciência moral, dos ideais do Eu e do sentimento de culpa - tal qual o Supereu. A compreensão, no entanto, de como a psique é capaz de sustentar uma instância repressiva e, em último nível, destrutiva, só se daria em 1920, com *Para Além do Princípio de Prazer*, através da introdução da noção de pulsão de morte (Safatle, 2009).

Essa breve revisão, que será um pouco mais explorada antes de adentrar propriamente na problemática trabalhada em *Psicologia das massas*, se faz necessária na medida em que não apenas situa a obra na construção da teoria psicanalítica como um todo, como também demonstra a "maneira freudiana de derivar consequências clínicas de um problema eminentemente sociológico vindo da reflexão a respeito dos processos de socialização e internalização da Lei (p. 63)", como colocado por Safatle (2009). Gilson Iannini (2023), também aponta isso, quando expõe que:

Numa famosa carta datada de 12 de maio de 1919, Freud informa a Ferenczi que havia finalizado a redação de *Além do princípio de prazer* e retomado a escrita de *O infamiliar* (Das Unheimliche). Relata ainda estar perseguindo obstinadamente o fundamento psicanalítico da psicologia de massas, a partir de uma "ideia simples". Isso mostra, por si só, como estão imbricadas a reformulação clínica e metapsicológica da teoria das pulsões, a reflexão estético-literária e a vertente política e social da psicanálise (Iannini, 2023, p. 229)

Dessa forma, é interessante pensar que, diferentemente de *Totem e tabu* (1913), escrito durante um momento onde toda psicanálise se preocupava em se ampliar, tanto no que diz respeito ao seu alcance, mas principalmente teoricamente, *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) foi escrito em um momento onde Freud voltava suas energias para uma reestruturação da psicanálise focada na teoria das pulsões - marcada pela introdução do conceito de pulsão de morte - e na compreensão do Eu - instância por muito tempo negligenciada e pouco compreendida -, assim como das demais instâncias psíquicas Isso e Supereu (Gay, 2021).

Antes de adentrar na teoria das pulsões e na formulação das instâncias Eu, Isso e Supereu, vale um adendo de que, na pesquisa bibliográfica realizada para a produção do presente trabalho, todos os autores utilizados - Roudinesco (2022 e 2021), Plon (2022), Gay (2021), Iannini (2023), Safatle (2009) - apresentam uma mesma compreensão no que diz respeito à inserção e influência de *Psicologia das massas* na composição da segunda tópica freudiana, com uma exceção: Ernest Jones (1989b). No terceiro volume de sua biografia sobre Freud, *A última fase* - em que trata da vida do psicanalista dos anos 1919 até a sua morte, em 1939 - ao destinar um capítulo à metapsicologia da década de 20, abordando a

reformulação teórica da psicanálise, Jones sequer menciona a obra *Psicologia das massas e análise do eu*. Isso pode ter relação com uma série de aspectos - que podem ir desde a compreensão do autor acerca da temática, até uma escolha propositada sua em retratar Freud e pensar a psicanálise de determinada forma -, dos quais não cabe adentrar aqui, de modo que apenas ressalto a falta de consenso entre os psicanalistas que de que o ensaio sobre as massas comporia a segunda tópica - como é quando se trata de *Para além do princípio de prazer e O eu e o isso*. Dito isto, opto, no entanto, por seguir a interpretação fornecida pelos demais autores, na medida em que não só as considero mais pertinentes ao levarem em não só aquilo que foi explicitado pelo autor na produção de uma obra, mas também aspectos implícitos, históricos, sociais, como também são condizentes com a forma como li e entendi o texto.

A respeito da teoria das pulsões tal como é tratada em *Para Além do Princípio de Prazer* (1920), vale adentrar brevemente na introdução do conceito de pulsão de morte, na medida em que possui um importante valor teórico que permeia até os dias atuais, contribuindo inclusive para a divisão dos pós freudianos no que diz respeito à forma como estes vão conceber a questão do negativo na clínica (Roudinesco e Plon, 2022).

Tal noção, que dá ênfase a um aspecto agressivo das pulsões ao apontar para uma tendência inerente a todo ser vivo de retornar a um estado inorgânico, foi de difícil receptividade dentre os psicanalistas e demais teóricos (Laplanche e Pontalis, 2022) - inclusive pelo próprio Freud, que demorou a reconhecê-la sem hesitação, por diversos motivos envolvendo desde suas rixas com Adler e Jung até defesas pessoais contra a própria agressividade (Gay, 2021).

De acordo com Laplanche e Pontalis (2022), isto se dá na medida em que ao conceber a existência das pulsões de morte Freud não só 1. aponta para os fatos de que, tanto a experiência humana é composta pela agressividade, quanto que todo sujeito possui tendências masoquistas, as quais se originariam de impulsos próprios direcionados a morte - aspecto esse difícil de ser reconhecido e aceito sem resistências; como 2. diferentemente das demais produções teóricas, baseia a noção somente em considerações especulativas, abrindo espaço para que fosse vista como carente ou ausente de fundamentação.

Diante disso, é inevitável o questionamento do porquê Freud se preocupou tanto em sustentar tal conceito, visto que o mesmo apresentava uma série de resistências internas e externas, o qual nos leva ao ponto fundamental no que diz respeito à importância do mesmo para a teoria psicanalítica: seu valor teórico. Isto pois, a grande reformulação teórica que marca a década de 1920 consistiu em reestruturar toda a psicanálise, como saber e no âmbito clínico, através da introdução do conflito entre as instâncias Eu, Isso e Supereu como aquilo

que estrutura a psique. Isso, por sua vez, só é possível a partir da concepção dualista anteriormente estabelecida entre pulsões de morte e de vida, na medida em que é o que concretiza e teoriza tal dimensão conflituosa enquanto estrutural na constituição psíquica - ainda que esta já estivesse presente desde o início da teoria (Laplanche e Pontalis, 2022).

Sobre isso, Roudinesco e Plon (2022) colocam que,

A originalidade da contribuição freudiana reside na construção de um novo dualismo pulsional, que opõe as pulsões de vida, ainda designadas pelo termo Eros, que reúnem as pulsões sexuais e as pulsões do eu, às pulsões de morte, às vezes denominadas de pulsões de destruição, ou, quando se trata de especificar a orientação delas para o exterior, pulsões de agressão. Nesse contexto, atribui-se às pulsões de morte uma posição funcional, e elas não mais decorrem do registro do inefável. [...] O que se tem aí é uma concepção global da vida psíquica cujo funcionamento seria ritmado por um movimento pendular que faz alternar certas pulsões, premidas a atingirem a meta final da vida, com outras que estão mais voltadas para fazer o percurso dessa vida durar (p. 488)

Já a respeito da ênfase que passa a ser dada pela psicanálise à compreensão do Eu e de sua relação com as demais instâncias psíquicas, é possível pensar que, apesar da terminologia ser utilizada por Freud desde o início de suas produções, a mesma passa a ser revestida de sentido propriamente psicanalítico somente na década de 1920, a partir da reformulação teórica - da qual *Psicologia das massas* não só participa, compondo uma de três obras, como "inaugura"⁴⁸ esse novo domínio da noção de Eu (*Ich*). Assim, principal distinção entre a primeira e a segunda teorias tópicas reside, possivelmente, no fato de que esta última se esforça para se adequar melhor às modalidades do conflito psíquico do que a primeira, que se baseava nos tipos de funcionamento mental - por isso o Eu, assim como Isso e Supereu, são elevados à instâncias, uma vez que são o que constitui o conflito. Tal mudança teórica é importante pois, para além do fato de conceber uma compreensão do funcionamento psíquico estruturalmente distinta da anterior do ponto de vista tópico, produz alterações também no que diz respeito a prática, de modo que a clínica psicanalítica passa a orientar-se muito mais em relação à análise do Eu e seus mecanismos de defesa do que à investigação e compreensão dos conteúdos inconscientes (Laplanche e Pontalis, 2022).

5.1 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU

Para além da reestruturação da psicanálise como um todo, a segunda tópica freudiana apresenta um papel importante na medida em que, como coloca Gay (2021), permitiu a

⁴⁸ aqui o termo inaugura aparece entre aspas justamente pelo fato de que a mudança acerca da concepção de Eu não se dá de forma tão objetiva e direta, apesar de haver um claro movimento de virada da década de 1920, que marca a reestruturação de fato da teoria. Isto pois, desde 1895, em Projeto de uma psicologia científica, já é possível identificar a atribuição de certas especificidades funcionais ao Eu que podem ser consideradas precursores isolados das noções da segunda tópica.

aproximação de Freud com sua velha ambição de delinear uma psicologia geral, que se estendesse para a atividade psíquica normal, portanto, para além das neuroses. Deste modo, "a incursão de Freud pela psicologia social foi um ensaio para afirmações mais definitivas sobre o ego (p. 411)", na medida em que marca um primeiro passo na diferenciação dos estágios de desenvolvimento do Eu e na percepção de sua interação conflituosa com seu ideal, que depois viria a ser nomeado de Supereu.

Com o objetivo de construir uma metapsicologia das relações entre indivíduo e sociedade pautada pela análise das massas e do Eu, *Psicologia das massas e análise do eu* é um texto que promete à investigação das relações entre psicanálise e cultura uma série de esclarecimentos importantes. Isto pois, a obra se insere na psicanálise tanto ao compor a segunda tópica, como ao estabelecer princípios metodológicos condutores das futuras investigações psicanalíticas - o que, por sua vez, permite a Freud pensar a psicanálise em 1923 também enquanto método, junto da clínica e disciplina teórica. Para melhor compreender esses pontos acima destacados, a presente análise terá como base uma leitura voltada à construção argumentativa da obra e a forma como a mesma notifica os projetos freudianos tanto de reformular sua teoria como de estabelecer uma validade universal da mesma - o que possibilita elucidar a função do texto para a constituição teórica da psicanálise como um todo.

A respeito do ensaio, como o próprio Freud afirma em uma carta escrita a Romain Rolland em março de 1923, "ele aponta para o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade (Freud *apud* Roudinesco e Plon, 2022, p. 613)", colocação essa que define, portanto, sua intenção sociológica e política de explicar em termos psicológicos certos aspectos do funcionamento da sociedade, com enfoque no indivíduo inserido da massa - preocupação essa presente também em diversos outros ramos das ciências humanas na época. Como aponta Roudinesco (2021),

Fazia muito tempo que ele pretendia ampliar sua análise das sociedades humanas, não como fizera em *Totem e tabu*, mas com o desígnio mais político de descrever o caminho que leva da coletividade ao indivíduo. Face aos defensores da psicologia social em plena expansão, queria construir uma metapsicologia das relações entre o eu e as massas (p. 262)

Assim, para contemplar seu objetivo, orientado através do questionamento acerca do que manteria a união de massas, para além do nível consciente e racional manifestado pelo interesse próprio, Freud (1921/2020) recorre à psicologia social, debruçando-se nas produções contemporâneas de Gustav Le Bon, Wilfred Trotter e William McDougall - movimento semelhante ao que se percebe em *Totem e tabu*. Sem abrir mão, no entanto, do

emprego de proposições psicanalíticas para a explicação da coesão social, essas, sustentadas pelas bases teóricas a respeito da compreensão psíquica da civilização estabelecidas em *Totem e tabu*, apresentam um impacto muito mais significante nas conclusões estabelecidas do que as ideias apresentadas pelas primeiras (Gay, 2021).

Tendo isto em vista, Freud inicia o livro instituindo o que Safatle (2009) denomina de "nota metodológica" onde, negando a oposição entre psicologia social e psicologia individual, ele estabelece a premissa que vai orientar sua investigação - tanto a presente como também as futuras:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (Freud, 1921/2020, p. 14)

Do ponto de vista metodológico, o estabelecimento dessa premissa se faz essencial na medida em que atribui, não apenas ao ensaio, mas à psicanálise como um todo - principalmente enquanto processo investigativo -, uma especificidade, possibilitando com que se diferencie das demais produções teóricas das ciências humanas de forma extremamente original e, portanto, inovadora. Deste modo, como aponta Peter Gay (2021), tal asserção é, do ponto de vista psicanalítico, perfeitamente lógica, ainda que muito abrangente.

É certo que, nos anos 1920, Freud estava disposto, tal como estivera nos anos 1890, a reconhecer o impacto do legado biológico sobre a vida mental. Mas, para sua psicologia social, o mais relevante é que, ao afirmar a identidade fundamental entre a psicologia individual e a social, Freud deixou claro que a psicanálise, apesar de seu inflexível dualismo, não pode explicar a vida interior sem recorrer ao mundo exterior (Gay, 2021, p. 409).

Ou seja, tudo aquilo que faz parte da psique individual, como os sintomas neuróticos, o desenvolvimento da personalidade, os conflitos centrados nas relações marcadas pelo amor e pelo ódio, são formações de compromisso estabelecidas entre pressões externas e impulsos internos, de modo que há sempre um Outro na vida psíquica individual que deve ser levado em conta (Roudinesco e Plon, 2022).

Isso atribui também certa especificidade à clínica psicanalítica, uma vez que, se a psicanálise enquanto método parte do entendimento que não pode haver distinção entre psicologia individual e social, também enquanto prática deve aplicar tais princípios, de modo

que "uma clínica da subjetividade será, necessariamente, uma clínica de fenômenos sociais. Sendo assim [...], a psicanálise deve se colocar como clínica que se recusa a deixar de operar no ponto exato de contato entre estruturas de subjetividade e modos de interação social (Safatle, 2009, p. 65)". Deste modo, é próprio da compreensão psicanalítica acerca do sujeito e de seus processos psíquicos - portanto, também das neuroses e de seu tratamento - levar em conta não apenas as questões biológicas, como fazia a ciência clássica, mas também da cultura e da sociedade, igualmente fundamentais para sua constituição.

Tal argumento inicial, todavia, para além de uma nota metodológica no que diz respeito à forma como a psicanálise entende e investiga os processos psíquicos individuais e sociais, consiste também em uma crítica voltada ao método utilizado pela psicologia social. Isso se deve ao fato de que essa última, abstraído e isolando o sujeito no âmbito de ordem sociológica - como classe, linhagem, povo etc -, passa por cima da estruturação sistêmica dos modos de interação social, o que faz de sua compreensão rasa e, por vezes, equivocada (Safatle, 2009). Isso fundamenta o argumento freudiano a respeito da legitimidade e pertinência universal da teoria psicanalítica, reforçando que as demais abordagens, em especial aquelas voltadas aos assuntos de âmbito social, deveriam retornar ao estudo das qualidades psíquicas individuais tal qual apresentado pela primeira (Gay, 2021). Esse movimento condiz perfeitamente com o contexto histórico vigente, tanto no que diz respeito ao debate acerca da ciência e da inserção da psicanálise na mesma, como no âmbito da constituição da teoria psicanalítica em si - o que se torna cada vez mais explícito ao longo da construção argumentativa do ensaio.

Ao considerar a evolução argumentativa da obra, é possível observar uma relação entre o desdobramento da incursão de Freud na psicologia social e sua tentativa de demonstrar a relevância da teoria psicanalítica. Em contraste com *Totem e tabu*, onde a exposição é contínua e baseada na análise de aspectos da literatura sobre povos primitivos, *Psicologia das massas e análise do eu* adota uma abordagem fragmentada: embora centrados nas relações libidinais, cada capítulo aborda diferentes temáticas, o que pode produzir uma impressão inicial de desconexão. No entanto, essas temáticas serão explicitamente relacionadas e sintetizadas em uma conclusão abrangente ao final do capítulo VIII - posteriormente reformulada ao longo dos três capítulos seguintes, alinhando-se com a premissa inicial da obra de que a psicologia social não deve ser pensada separadamente da psicologia individual.

A forma como a exposição argumentativa vai sendo construída, onde os capítulos têm a função de fundamentar uma conclusão posterior, permite a hipótese de que haveria um

projeto freudiano por trás da obra - podendo esse ser pensado tanto em relação à construção da segunda tópica, se considerado em nível micro, como da legitimação universal da psicanálise, em nível macro. Esse ponto está em perfeito acordo com os efeitos provocados pela "nota metodológica" inicial (Safatle, 2009), tanto no que diz respeito à crítica da construção do pensamento das ciências humanas em geral, quanto ao estabelecimento de um método investigativo originalmente psicanalítico. Para além disso, outros indicativos do ponto de vista argumentativo de que a obra poderia compor um projeto se dão, por exemplo, ao analisar posfácio que, de acordo com Gay (2021), ressalta o caráter experimental e transitório do ensaio, na medida em que é composto por uma série de "apêndices" sob a justificativa de terem se aberto ao longo da investigação diversas trilhas secundárias, as quais, evitadas em um primeiro momento, prometiam esclarecimentos. Tal hipótese, no entanto, tenderá a ficar mais clara ao longo da breve exposição da obra aqui realizada.

No início do trabalho, Freud (1921/2020) opta, assim como fez em *Totem e tabu* (1913), por recorrer a literatura já existente a respeito do tema para, então, apresentar uma compreensão própria. A partir de três perguntas iniciais - no que consiste uma massa; como ela adquire a capacidade de ser tão influente na vida psíquica individual; qual é a modificação psíquica por ela provocada nos indivíduos - constitui-se uma compreensão inicial acerca da tarefa da psicologia teórica das massas.

Através de autores como Le Bon e McDougall, Freud (1921/2020) estabelece uma compreensão inicial acerca do funcionamento das massas, característico por mecanismos como: a liberação das repressões dos impulsos instintivos inconscientes; o contágio mental, que leva os indivíduos a sacrificarem seus interesses pessoais em prol do coletivo; a sugestionabilidade, onde o indivíduo perde a consciência de seus atos - entre outros. Tal compreensão o permite, por sua vez, lançar a própria contribuição do ponto de vista psicanalítico à problemática das massas: pensando a natureza psíquica das mesmas, Freud (1921/2020) aponta 1. para a libido enquanto fundamental da alma coletiva na medida em que corresponde ao impulso mantém os indivíduos em união e 2. para o amor enquanto força que leva os indivíduos a abrirem mão de suas peculiaridades em nome da massa, pautando-se pela necessidade de conformidade com os demais.

Explorando e fundamentado a colocação acerca da centralidade da libido para a estrutura das massas diferentes óticas e exemplos práticos, Freud (1921/2020) destaca alguns pontos essenciais para o estabelecimento de uma compreensão psicanalítica acerca da problemática das massas. Pontuando a figura do líder como essencial para essa última, a partir da análise de massas complexas como a igreja e o exército, ele primeiro examina como

a ausência de liberdade individual na massa e a desintegração decorrente da perda do líder reforçam a ideia de que as ligações libidinais operam em duas direções: entre os membros da massa e entre os membros e o líder; então, identifica que essas últimas, de natureza particular, provocam uma limitação no narcisismo individual e, por fim, constata que de modo semelhante ao enamoramento ou à hipnose, a massa provoca um afastamento da satisfação sexual, seguido da colocação do objeto no lugar de ideal do Eu, o que tem como resultado o apagamento da instância crítica individual, que deixa de operar.

Assim, partir das compreensões de 1. mecanismo de identificação, 2. ideal de Eu, 3. enamoramento e 4. hipnose Freud (1921/2020) finalmente chega a uma resolução no que diz respeito à problemática da estrutura libidinal da massa:

Após essas discussões estamos preparados para oferecer uma fórmula relativa à constituição libidinal de uma massa. Pelo menos de uma massa tal como vimos até aqui, isto é, que tem um líder e não pôde adquirir secundariamente, através de excessiva "organização", as características de um indivíduo. *Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.* (Freud, 1921/2020, p. 76)

A conclusão que Freud (1921/2020) estabelece, ainda que resolva o enigma estrutural das massas - focado em identificar o que mantém uma massa coesa, e, por consequência, torna seus membros submissos à essa condição, semelhantes em seus comportamentos e desprovidos de autonomia e iniciativa própria - deixa escapar uma série de aspectos da ordem do Eu, que dizem respeito à regressão da atividade anímica dos indivíduos a um estágio anterior, semelhante àquele dos selvagens e das crianças tratado em *Totem e tabu*. Com isso, inicia-se um segundo momento da obra - ainda que isso não seja enunciado pelo autor -, no qual são estabelecidas as bases para uma análise do Eu, a partir da continuação da investigação sobre as massas.

Partindo da problemática acima exposta, Freud (1921/2020), recorre a literatura do contemporâneo Wilfred Trotter, neurologista e estudioso da psicologia social, na medida em que é um dos poucos autores que trata de tais fenômenos anímicos característicos da massa, os quais explica a partir do que denomina de instinto gregário - um instinto primário não suscetível de decomposição que exprime tendência biológica por parte dos seres vivos de se juntarem em unidades cada vez maiores. À esse pensamento, no entanto, são apresentadas uma série de objeções - às quais permitirão com que seja estabelecida uma analogia entre massa e horda primitiva⁴⁹ essencial para se pensar a análise do eu. São elas: o fato de que a noção de instinto gregário negligência o que, a seu ver, consistiria no aspecto mais importante

⁴⁹ *Totem e tabu*, 1913/2020

na compreensão da natureza da massa - a figura do líder -; e porque Trotter aponta tal instinto como primário, o que, em sua visão, estaria equivocado na medida em que o espírito comunitário seria resultante de uma exigência de justiça perante a inveja e o ciúmes existentes nas relações sociais - como trabalhado em *Totem e tabu* (1913). Isto pois, para Freud (1921/2020), o sentimento social deriva da inversão de um sentimento hostil dentro de um laço afetivo, decorrente da identificação entre indivíduos perante um objeto de amor, onde todos abrem mão de algo em prol da igualdade, ou melhor, de que sejam amados igualmente por uma pessoa - o líder -, o que remete à organização da horda primeva⁵⁰:

Ousemos então corrigir o enunciado de Trotter, segundo o qual o homem é um animal de rebanho, dizendo que ele é antes um animal de horda, membro individual de uma horda conduzida por um chefe [...]. A massa nos parece, desse modo, uma revivescência da horda primeva. Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecida a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva (Freud, 1921/2020, p. 83 e 85)

A analogia entre a massa e a horda primitiva, cuja função consiste em elucidar a questão da regressão anímica dos membros da massa, apresenta um outro aspecto interessante, válido de ser mencionado. Ela permite elaborar uma comparação entre psicologia da massa e individual, exercendo enfim o princípio metodológico apresentado na introdução. Isto pois, ao associar ambas formações, Freud (1921/2020) conclui que, desde o início, sempre houveram duas psicologias, da massa e individual - dado que sempre houveram dois papéis, dos membros da horda e do pai ou do líder - e, mais do que isso, que é possível transitar entre elas, passando da primeira para a segunda - visto que, diante da morte do líder, tal lugar passa a ser ocupado por alguém que antes compunha a massa enquanto membro, igual aos demais.

Tal percepção introduz novas questões à análise à medida que a psicologia do líder, tida como individual, implica uma série de elementos estruturalmente distintos daqueles relacionados aos membros da massa - como, por exemplo, um engrandecimento do Eu, cujos laços libidinais seriam quase inexistentes.

Dito isto, ao recorrer a *Totem e tabu* para pensar a questão das massas e do indivíduo, Freud (1921/2020) estabelece, portanto, uma compreensão mais clara a respeito da diferenciação entre Eu e ideal do Eu, assim como a dupla ligação por ela possibilitada de identificação e colocação do objeto no lugar deste último - ponto esse que, como colocado

⁵⁰ ver capítulo 3.1 *Totem e tabu*

pelo autor, consiste em sua contribuição para o esclarecimento da estrutura libidinal da massa, assim como em um primeiro passo para análise do Eu.

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois; para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não se baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica (Freud, 1921/2020, p. 91 e 92)

É a partir desse grau diferenciador no Eu e suas manifestações e consequências na vida psíquica que Freud (1921/2020) articula de modo mais direto e objetivo a psicologia individual ou do Eu com a das massas. Isto pois, partindo do pressuposto inicialmente enunciado de que "a psicologia individual é também, e desde o início, psicologia social (Freud, 1921/2020, p. 11)", a psicologia das massas seria também, desde o início, uma análise do Eu, de modo que não seria possível compreender ou ao menos pensar uma sem considerar a outra (Safatle, 2009). Isto posto, é importante ressaltar que, embora essa articulação seja trabalhada mais diretamente somente ao final da exposição, ela está presente ao longo de toda a obra através do método de investigação, como já mencionado, e é refletida no próprio título da obra, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, que condensa a premissa inicial através da conjunção "e":

A ponte que a conjunção "e", conforme agudamente percebe Assoun (2008, p. 1047), estabelece entre esses dois domínios tão aparentemente diversos pode ser cruzada nos dois sentidos como uma via de mão dupla: tanto a psicologia das massas esclarece a constituição do Eu, quanto a análise do eu ilumina os mecanismos psíquicos subjacentes aos agrupamentos humanos. "Eu" não é uma categoria transcendental ou uma categoria primária; não existe um "Eu" antes ou independentemente de uma alteridade que funciona como modelo, como objeto, como auxiliar e/ou como adversário. Ao mesmo tempo, fenômenos de massa esclarecem a porosidade do Eu: dissolvido na massa, o Eu regride, suspende inibições, submete-se mais aos afetos do que ao intelecto, inclina-se à violência, etc. Tais fenômenos só são possíveis porque a matéria em circulação tanto no Eu quanto nas massas é a libido (Iannini, 2023, p. 226)

Isso nos ajuda a pensar, portanto, como a obra não se resumiria a problemática das massas - como apontado por Gay (2021) e Roudinesco (2020) -, compondo um projeto muito maior, voltado a toda uma reestruturação da psicanálise como um todo. Assim, é interessante pensar como um novo método de análise e uma nova forma de se fazer e pensar a psicanálise surgem a partir da incursão de Freud no âmbito social - o que nos ajuda a compreender a problemática de quais especificidades essa incursão atribui à psicanálise em sua constituição enquanto práxis.

No entanto, o texto não se encerra por aí, dispondo de um capítulo final, destinado ao esclarecimento de trilhas secundárias que foram se abrindo ao longo da investigação, provisoriamente finalizada. São elas: A. a ilustração da distinção entre a identificação do Eu com um objeto e a substituição do ideal do Eu por um objeto através da igreja e do exército; B. o momento em que a humanidade transicionou da psicologia da massa para a psicologia individual, do líder, pensado através da horda primitiva de Totem e tabu; C. a distinção entre impulsos sexuais diretos e inibidos em sua meta, que, após esclarecida, é aplicada novamente na horda primitiva; D. os aspectos desfavoráveis à formação de grupos, como o enamoramento, os impulsos sexuais e as neuroses; E. uma observação comparativa do ponto de vista da teoria da libido da hipnose, neurose, enamoramento e formação de grupos.

Tais apêndices, ainda que essenciais para construção da obra, não devem ser examinados minuciosamente aqui, levando em conta os objetivos do trabalho de pensar a relação entre cultura e a constituição da psicanálise. Cabe, no entanto, destacar alguns aspectos abordados pelos mesmos, que indicam a forma como o autor vê a cultura e sua influência psíquica sobre a humanidade. O primeiro deles diz respeito à uma transição que Freud (1921/2020), a partir do estudo realizado em *Totem e tabu*, afirma ter acontecido com toda a humanidade, que em determinado momento emerge da psicologia das massas para a individual - cujas características se assemelham às do líder, do ponto de vista psíquico. Para pensá-la, o autor recorre a figura do poeta épico, de cuja fantasia teria possibilitado tal processo. Isto pois, este último, ao criar o mito heróico em que o herói, sozinho, comete parricídio, emerge da psicologia das massas através da fantasia. Ao narrar sua criação, ele produz o mesmo efeito nos demais membros do grupo, permitindo que se identifiquem com o herói e, assim, se elevem psiquicamente à sua condição. Aqui, a cultura é tida como fundamental, pois desempenha o papel de promover o desenvolvimento do indivíduo em direção à psicologia individual, tanto em sua produção quanto em sua transmissão.

O segundo aspecto importante de ser destacado corresponde à relação entre neurose e formação de grupos estabelecida na seção D. Isto pois, a partir das observações anteriores a respeito dos impulsos sexuais diretos e inibidos de sua meta, Freud (1921/2020) constata que os primeiros são desfavoráveis para a formação de grupos, na medida em que vão totalmente contra o instinto gregário, conservando um quê de atividade individual. No entanto, entendendo a neurose e sua produção sintomática enquanto derivante não apenas da repressão dos impulsos sexuais diretos, mas também de uma inibição não sucedida dos mesmos que permite com que retornem a sua meta original, Freud (1921/2020) aponta que essa última

produz um efeito desintegrador semelhante nas formações grupais, na medida em que, tornando o sujeito associal, retiram-o das mesmas.

Concomitantemente, Freud (1921/2020) destaca que as formações de grupo também podem levar as neuroses a recuarem ou eventualmente, por um período de tempo, desaparecerem - inclusive, ele aponta, "foram feitas tentativas justificadas de usar terapêuticamente esse antagonismo entre neurose e formação de grupo (p. 110 e 111), na medida em que, "abandonado a si mesmo, o neurótico é forçado a substituir as grandes formações de grupos, das quais está excluído, por suas formações de sintomas (p. 111)".

Aqui à cultura é novamente atribuído um importante papel psicológico, dessa vez voltado ao tratamento das neuroses. Isto pois, para além da ênfase dada às relações sociais e formações grupais - que como já foi visto em *Totem e tabu* (1913), são resultantes da formação cultural -, Freud (1921/2020) aponta ainda como outras instituições culturais podem apresentar o mesmo papel no que diz respeito ao recuo das neuroses, como as religiões e seitas e comunidades místico-religiosas ou místico-filosóficas. Esse aspecto vai ser melhor trabalhado em *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal estar na civilização* (1930), mas vale o destaque de que tal problemática já se fazia presente anos antes. Assim, a cultura é tida tanto como aquilo que impulsiona a emergência do sujeito da massa, como aquilo que o tira da neurose, mantendo sua estabilidade.

Um último ponto a ser enfatizado consiste em pensar estruturalmente a articulação realizada entre *Psicologia das massas* (1921) com *Totem e tabu* (1913), no capítulo X e nas seções B e C, onde a noção de horda primitiva, quando associada à massa, soluciona as problemáticas apresentadas por Freud (1921/2020) ao longo da obra. Isto pois o fato de que é a partir da mesma que se estabelece uma solução para a problemática demonstra a função estrutural da obra *Totem e tabu* (1913) para a psicanálise no âmbito da aplicação de seu método para se pensar à cultura, na medida em que estabelece bases importantíssimas a respeito de toda a organização social, assim como estabelecimento da cultura e de seus produtos e instituições. Sobre isso, Safatle (2009) defende uma continuidade importante entre ambas as obras, na medida em que

De fato, se *Totem e tabu* aparece como uma antropologia psicanalítica visando fornecer, ao mesmo tempo, uma teoria do progresso social pensada a partir de uma teoria da maturação individual, uma teoria dos bloqueios dos processos de modernização devido à permanência de estruturas arcaicas nas dinâmicas de socialização e uma teoria antropogenética da passagem da natureza à cultura, *Psicologia das massas* visa expor as consequências propriamente políticas do que tinha sido elaborado no livro de 1913 (p. 63).

A análise aqui estabelecida acerca de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* à luz do problema de pesquisa anteriormente apresentado, ficou evidente como a obra se estrutura a partir uma construção argumentativa meticulosa, a qual nos apresenta uma série de pontos importantes, como o estabelecimento de um método investigativo propriamente psicanalítico e a construção da segunda tópica freudiana via incursão na psicologia social. Retomando brevemente o percurso, inicialmente Freud estabelece as bases teóricas para compreender a psicologia das massas, destacando a influência dos processos inconscientes e da libido na formação e comportamento coletivos. Então, ele se concentra na problemática das massas e sua resolução a partir da perspectiva psicanalítica, avançando em direção à análise do Eu e explorando a associação entre a psicologia das massas e a individual através da analogia entre a massa e a horda primitiva. Esse aprofundamento inicial culmina na consolidação de um primeiro passo para a análise do Eu, que será desenvolvida posteriormente na teoria pela chamada segunda tópica.

No posfácio, novos aspectos que não foram completamente explorados anteriormente são apresentados, mas que são igualmente relevantes para a compreensão da obra e sua articulação com a teoria geral, ampliando o entendimento da relação entre cultura, neurose, formação de grupos, relações sociais e processos psíquicos. Essa estrutura argumentativa demonstra como a obra estabelece um método investigativo que rejeita a dicotomia entre psicologia social e individual, propondo uma nova abordagem para compreender a psique e a atuação do psicanalista na clínica. Assim, confere-se à psicanálise uma especificidade no entendimento do sujeito e na intervenção sobre ele, enfatizando a inter-relação entre estruturas da subjetividade e modos de interação social.

Além disso, ao recusar a separação entre o particular e o social, Freud sugere que a cura analítica não apenas trata dos aspectos individuais, mas também promove a reconfiguração dos vínculos do sujeito com a linguagem e as instituições sociais. Reconhecendo a exposição sintomática entre o campo individual e social, delineia-se um novo campo de atuação para a psicanálise, que se mostra sensível às nuances da vida psíquica e social do sujeito. Safatle (2009) argumenta que, partindo da discussão apresentada em *Psicologia das Massas*,

se todo verdadeiro fato psicológico é um fato próprio à teleologia das relações sociais, então a psicanálise deve se colocar como clínica que se recusa a deixar de operar no ponto exato de contato entre estruturas da subjetividade e modos de interação social. Recusa resultante da certeza de que um campo é sempre exposição sintomática do outro e de que, se a cura sempre obedece à particularidade do caso, ela não pode, no entanto, deixar de levar o sujeito a reconfigurar seus vínculos com a linguagem e com as instituições sociais. Como dissera anteriormente, sendo o campo de atuação restrito ao particular e sendo o set analítico um modo de interação

com uma série de peculiaridades, não se segue daí que o trabalho do analista não deva levar em conta o modo com que os sujeitos investem libidinalmente os vínculos sociais (Safatle, 2009, p. 65)

Portanto, é possível perceber como essa obra, ao estabelecer um método investigativo que nega a separação entre psicologia social e individual, compõe uma nova forma de pensar a psique e, portanto, a atuação do psicanalista na clínica. Isso atribui à psicanálise uma especificidade no que diz respeito à forma como entende o sujeito e como pretende atuar sobre ele.

6. A APLICAÇÃO DO MÉTODO

A década de 20 marca para psicanálise um importante crescimento e reestruturação, os quais, todavia, não se dão exclusivamente no âmbito teórico, com a formulação da segunda tópica, mas também em seu âmbito institucional, com o advento das clínicas públicas de tratamento, institutos de formação e sociedades psicanalíticas, que fixaram-na ao longo da Europa e do mundo. A psicanálise viera para ficar - finalmente Freud podia chegar a tal conclusão, como fez em 1935, já ao fim de sua vida, ao se deparar com sua presença institucional em Viena, Budapeste, Berlim, Londres, Holanda, Suíça, Paris, Calcutá, Japão, Estados Unidos, Jerusalém, África do Sul e Escandinávia (Gay, 2021).

Tanto *O futuro de uma ilusão* (1927) quanto *O mal-estar na civilização* (1930) são publicados nesse contexto, de modo que a compreensão dos mesmos de acordo com sua contribuição para a psicanálise - mais especificamente, visando entender a forma como o método psicanalítico é neles construído e aplicado e seu papel em relação a constituição da mesma enquanto disciplina - carece de uma compreensão, ainda que resumida, a respeito da importância da década de 20 voltada não mais ao aspecto teórico, discutido no capítulo anterior, mas às iniciativas práticas de inserção da psicanálise no mundo.

Para entender o processo de expansão que sofreu a psicanálise nesse momento, é importante retornar brevemente ao ano de 1918, onde, pouco antes do fim da guerra, Freud, ao discorrer sobre o futuro da psicanálise, introduziu um projeto de difusão da teoria e do tratamento pela Europa e pelo mundo, reiterando que a mesma possuía responsabilidade social, a qual deveria ser urgentemente assumida, na medida em que, "para ele, uma inserção orgânica no campo social era fundamental para a sobrevivência da psicanálise (Broide, 2021, p. XIV)". Isso, ainda que tenha se dado anteriormente a elaboração de *Psicologia das massas* (1921), condiz perfeitamente com a premissa metodológica lá estabelecida, de que a oposição entre psicologia individual e social deveria ser anulada para que ambas fossem verdadeiramente compreendidas.

Publicado em 1919 e traduzido para o português como *Caminhos da Terapia Psicanalítica*⁵¹, pode-se dizer que este discurso foi o ponto de partida fundamental para o crescimento que a psicanálise veio a ter nos anos seguintes, em todos os aspectos possíveis: desde a expansão territorial e alcance social, até propagação e avanço da produção teórica,

⁵¹ *Lines of Advance in Psychoanalytic Psychotherapy* ou *Wege der Psychoanalytischen Therapie*, 1919

sem falar da formação de novos analistas (Danto, 2021). Isto pois, nos termos de Freud (1919/2021),

Pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais. E que as neuroses não afetam menos a saúde do povo do que a tuberculose, e assim como esta não podem ser deixadas ao impotente cuidado do indivíduo. Então serão construídos sanatórios ou consultórios que empregarão médicos de formação psicanalítica [...]. Esses tratamentos serão gratuitos. Talvez demore muito até que o Estado sinta como urgente esses deveres. As circunstâncias presentes podem adiar mais ainda esse momento. Talvez a beneficência privada venha a criar institutos assim; mas um dia isso terá de ocorrer. (p. 291 e 292)

O discurso, voltado para o futuro da Europa pós-guerra, reitera a importância do acesso ao tratamento psicanalítico, defendendo a criação de instituições terapêuticas acessíveis - o que evidencia a necessidade, na visão freudiana, de integrar a psicanálise nos cuidados prestados àqueles para cuja a prática se mostrava inacessível, assim como nas políticas públicas, no sistema de saúde e em todos os segmentos sociais afetados pela violência e pela pobreza, abrangendo, assim, a sociedade como um todo (Broide, 2022).

Diante disso, a policlínica de Berlim foi a primeira clínica a ser fundada, no ano de 1920, e se fez extremamente importante para o movimento psicanalítico em geral, na medida em que, para além de ser a primeira instituição destinada ao oferecimento de tratamento gratuito, foi a pioneira no que diz respeito à implementação efetiva da tripartite formação-supervisão-análise pessoal em um único lugar - para além do fato de que reuniu boa parte dos grandes psicanalistas de primeira geração, como Otto Fenichel, Wilhelm e Annie Reich, Melanie Klein, Max Eitingon, Karl Abraham, Ernest Simmel, Sandro Radó, Eric Fromm. Nos termos de Freud (1930/2020) - em 1930, dez anos após sua fundação - ao instituto de Berlim atribui-se três importantes funções para o movimento psicanalítico:

primeiro, tornar nossa terapia acessível ao grande número de pessoas que sofrem com suas neuroses tanto quanto os ricos, mas não têm como custear seu tratamento; segundo, fornecer um local em que a análise seja ensinada teoricamente e a experiência dos analistas mais velhos seja transmitida a discípulos desejosos de aprender; por fim, aperfeiçoar nosso conhecimento das enfermidades neuróticas e nossa técnica terapêutica, aplicando-os e testando-os em novas condições (Freud, 1930/2020, p. 454).

Assim, a partir do congresso até o início da Segunda Guerra (mais especificamente, entre 1920 e 1938) surgem pelo menos doze clínicas públicas na Europa⁵², em sete países diferentes, sem contar com a expansão exponencial da IPA e das demais sociedades

⁵² dentre as quais as principais são: a Policlínica de Berlim (1920, criada por Max Eitingon e Ernest Simmel), a Clínica Gratuita de Viena (1922, criada por Eduard Hitschmann), a clínica gratuita de internação Schloss Tegel (1926, criada por Ernest Simmel), a Clínica de Psicanálise de Londres (1926, criada por Ernest Jones) e a Clínica Gratuita de Budapeste (1929, criada por Sandor Ferenczi) (Alves Lima, 2019).

psicanalíticas, que se deu tanto em quantidade de analistas filiados, os quais, de algumas dezenas passaram a compor um grupo de mais de 560 membros, como em alcance mundial, expandindo-se para diversos países não europeus (Alves Lima, 2019).

Concomitante às clínicas públicas, institutos e sociedades, crescia a psicanálise também no âmbito teórico, crescimento esse marcado não só pela segunda tópica freudiana, como através do surgimento e consolidação de outros dispositivos, como a implementação de periódicos psicanalíticos, o aumento e fortalecimento dos congressos internacionais, o advento das traduções das obras freudianas para outras línguas, entre outros (Gay, 2021). No entanto, junto do crescimento da psicanálise, cresceram também as críticas, julgamentos e condenações voltadas a mesma.

Com a inserção da psicanálise no meio público e, com isso, também no meio médico, passaram a surgir questionamentos voltados a questão da análise leiga, na medida em que, com a expansão de suas instituições, dispositivos formativos e alcance teórico, a prática psicanalítica que antes se restringia a lógica médica extrapolou a mesma, passando a compor-se também de profissionais que vinham de outras áreas de formação.

Assim, iniciaram-se uma série de acusações por parte de funcionários municipais e médicos voltadas ao fato de que haveriam analistas leigos, exercendo medicina ilegal e charlatanismo. O início desse movimento pode ser considerado no ano de 1924, quando Arnold Doring, membro do Conselho Superior de Saúde de Viena, solicita à Freud que ele escreva um parecer especializado tratando da questão da análise leiga. No entanto, o grande marco consiste na proibição do discípulo freudiano Theodor Reik, no início de 1925, de exercer a psicanálise, junto da restrição do acesso à Policlínica de Viena à profissionais médicos decorrente de um parecer escrito pelo professor psiquiatra Wagner-Jauregg assim como dos ataques à sociedade de psicanálise vienense - WPV - por Wilhelm Stekel e os demais membros da Associação de Analistas Médicos Independentes (Roudinesco e Plon, 2022).

Como coloca Roudinesco (2021), toda sociedade atribui um lugar à figura do charlatão, enquanto aquele, ao fugir das normas que a constituem, apresenta-se ameaçador para sua integridade, devendo ser eliminado. Ele é, portanto, aquele que escapa à razão ou ao logos; uma ameaça - a droga, o bode expiatório, o mártir - de cuja a punição depende a regeneração da cidade; o outro da ciência, da razão, de nós mesmos - e, nesse sentido, ninguém melhor do que Freud, pai da psicanálise, "homem do iluminismo sombrio", e sua teoria para ocuparem esse lugar. À psicanálise, que em um momento onde a medicina se tornava cada vez mais científica, surgia da prática médica mas, também de início,

diferenciava-se dela, constituindo algo novo, original, de uma outra ordem epistêmica, não cabia outro lugar que não o da crítica, do enquadramento, da tentativa de regulamentação às normas e até, eventualmente, da proibição.

A resposta de Freud para tal movimento proibitivo e acusatório foi *A questão da análise leiga*, escrita em um mês e publicada em 1926. A obra, como aponta Gay (2021), ainda que impulsionada pelos acontecimentos envolvendo Reik - discípulo a quem Freud se dedicou firmemente, insistindo para que se empenhasse exclusivamente à psicanálise, inclusive, financiando seus estudos -, defende um interesse freudiano anterior aos mesmos, de separar a psicanálise da medicina, instituindo uma prática autônoma e específica, dotada de formação, instituições e regulamentações próprias. Em uma carta escrita a Paul Federn, logo após a publicação do ensaio, demonstrando não só que seu interesse pela questão vinha de antes, como essa extrapola o recente ocorrência, Freud afirma:

Não peço que os membros [da Sociedade Psicanalítica de Viena] adiram às minhas opiniões, mas vou sustentá-las em particular, em público e perante os tribunais. [...] A luta pela análise leiga deve ser travada uma hora ou outra. Melhor agora do que depois. Enquanto eu estiver vivo, vou impedir que a psicanálise seja tragada pela medicina (Freud *apud* Gay, 2021, p. 494)

Em seu objetivo, o artigo, portanto, supera em muito a simples defesa de Theodor Reik e dos demais analistas leigos, tratando na realidade de um debate concernente ao movimento psicanalítico internacional que gira em torno da formação dos psicanalistas e, com isso, também dos contornos institucionais, fundamentos epistemológicos e caráter universalista próprios da psicanálise. Diante disso, leigo seria portanto, aquele que não tenha adquirido formação teórica e técnica suficiente em psicanálise, sendo ele médico ou não médico. Em outros termos, não mais bastava um diploma de medicina para que se tornasse um psicanalista, ainda que tal prática tenha se originado da lógica médica (Roudinesco e Plon, 2022).

6.1 O FUTURO DE UMA ILUSÃO

Com a expansão teórico-institucional da psicanálise, expandiram-se também as críticas voltadas à mesma, diante das quais se faz necessário protegê-la nos mais diversos âmbitos, não apenas o médico. *O futuro de uma ilusão* (1927), cuja principal temática se volta para a questão da religião, é publicado dentro desse contexto, logo após *A questão da análise leiga* (1926) e pouco antes de *mal-estar na civilização* (1930), com a mesma função protetiva que a obra que o antecede, mas dessa vez, voltando-se para outro público ameaçador que não os médicos e filósofos.

Em uma carta escrita ao pastor e psicanalista Oskar Pfister, ao final de 1928, Freud aponta que, da mesma forma como o texto que o antecede, tratando da análise leiga, tinha como objeto proteger a psicanálise dos médicos, *O futuro de uma ilusão*, publicado um ano depois, tinha o objetivo de protegê-la dos padres (Roudinesco e Plon, 2022). Assim:

Após a batalha e defesa da psicanálise leiga contra os médicos, Freud decidiu atacar a religião. Queria proteger a análise contra os padres, que se pretendiam confessores ou pastores da alma, conforme fossem católicos ou protestantes. Temia que, tal como os médicos, eles também quisessem infiltrar sua doutrina na prática da religião (Roudinesco, 2021, p. 369)"

Curiosamente, diferentemente do ensaio anterior, *O futuro de uma ilusão*, publicado em 1927, foi veementemente criticado pelo próprio autor em diversas cartas que enviara a seus discípulos, sendo que em uma delas, destinada a Laforgue, avaliou-o como seu pior livro, afirmando inclusive que a obra já não mais seria do grande e autêntico Freud, que para ele estaria morto, mas de um homem velho (Iannini, 2023, Gay, 2021). Sobre isso, ainda que envolva diversas questões - de ordem pessoal à epistemológicas - acredito ser interessante fazer um apontamento.

Ainda que houvesse uma semelhança entre essa obra e a anterior, no que diz respeito à função defensiva que ambas representam para a psicanálise - presente, inclusive, no estilo textual das mesmas, que compreende a interlocução com um personagem externo, no primeiro caso, Durling e Tandler, no segundo, Pfister⁵³ - "a pré-história da ilusão foi muito mais longa e mais íntima do que isso", como coloca Gay (2021), na medida em que "décadas de ateísmo por princípio e de reflexão o haviam preparado para tal (p. 528)". O psicanalista, ainda que fosse judeu, sempre manteve uma postura ateísta declarada, a qual permaneceu evidente também através de sua produção teórica, direta ou indiretamente.

Vinte anos antes da publicação de *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud já pensava a questão da religião, explorando-a através de uma comparação a neurose obsessiva, no artigo *Atos religiosos e práticas obsessivas* (1907) - texto esse que, inclusive, poderia ser considerado um dos pioneiros em que se pôs em prática o exercício de pensar a cultura a partir da psicanálise⁵⁴ - podendo a obra de 1927 ser pensada enquanto continuação ou até retomada da discussão estabelecida em 1907, ainda que sob outro ponto de vista (Roudinesco e Plon, 2021). Isto posto, ao longo desses vinte anos Freud não deixou a questão religiosa totalmente de lado, sendo que, como vimos nos capítulos anteriores, em 1913, ao publicar *Totem e tabu*, a temática da religião é explorada no âmbito de sua origem enquanto produto

⁵³ ainda que essa informação nunca tenha sido declarada pelo próprio Freud - que, portanto, não dialogou direta e explicitamente com tais personalidades -, advinda de fontes externas e pesquisas históricas

⁵⁴ ver capítulo 3.1 *Cultura e psicanálise* e 4. *Freud e a cultura*

cultural assim como, em 1921, em *Psicologia das massas*, ela se faz presente na medida em que a análise utiliza-se da Igreja para fundamentar e exemplificar as hipóteses investigativas a respeito da estrutura libidinal das massas.

Se no artigo de 1907 a tentativa de Freud consistia em estabelecer uma analogia entre religião e neurose obsessiva ao ponto que pudessem ser consideradas enquanto do mesmo domínio⁵⁵, em 1927, partindo das mesmas premissas, ele elabora as origens da religião nas pulsões, cumprindo uma promessa que fizera a si mesmo em uma carta de 1911 endereçada à Ferenczi, onde dizia estar ruminando sobre tais origens, as quais acreditava poder desvendar algum dia, no futuro. Como coloca Gay (2021), "demolir a religião com armas psicanalíticas estava, pois, havia muitos anos na agenda de Freud (p. 529)".

Sobre *O futuro de uma ilusão*, um texto polêmico de argumentação complexa e primordial, não vale adentrar na validade da tese defendida por Freud propriamente dita - até porque, diferente das demais obras aqui trabalhadas, ela se apresenta em alguns pontos controversia e de certa forma mais "ousada" ao presumir o futuro das religiões -, mas analisar alguns aspectos específicos, visando os objetivos de melhor compreender a forma como o texto se situa dentro da psicanálise e teoria freudiana como um todo, para além do que já foi trabalhado.

O primeiro ponto a ser destacado como orientador de nossa leitura diz respeito à definição que estabelece a respeito da cultura, que, pela primeira vez em toda a teoria, aparece de forma objetiva e com uma série de pormenores envolvidos, os quais serão devidamente contemplados. Relacionado ao anterior, o segundo aspecto consiste no entendimento da obra enquanto um ensaio para *O mal-estar na civilização* (1930), na medida em que não só introduz uma discussão essencial para o mesmo acerca da definição e função, mas serve diretamente de base para elaborar as questões a serem nele investigadas - que partem de uma colocação de Romain Rolland às ideias defendidas em *O futuro*. O último corresponde a forma como o texto trabalha a aplicação do método de investigação psicanalítico em sua radicalidade, permitindo suposições que transitam do passado ao presente e ao futuro - ponto esse valiosíssimo para nossa pesquisa, na medida em que, como coloca Gay (2021), em *O futuro de uma ilusão* "suas conclusões podiam não ser originais, mas suas formas de alcançá-las eram características da psicanálise (p. 529)".

⁵⁵ Ao estabelecer tal comparação, Freud conclui que a neurose obsessiva representaria a contrapartida patológica da formação da religião, de modo que, assim como a primeira pode ser pensada enquanto uma espécie de religiosidade individual, a segunda, quanto neurose obsessiva universal (Freud, 1907/2020)

Aqui vale ressaltar que, logo de cara, ao tratar da cultura Freud recusa-se explicitamente a diferenciá-la de civilização. Para isso, ele se utiliza dos termos em alemão *Kultur* e *Zivilisation*, cuja significação pode ser a mesma, a depender do contexto, mas opta por utilizar-se exclusivamente do primeiro, tomando-o em uma concepção que abrange o segundo mas não se resume ao mesmo. Sobre esse ponto, é válido se debruçar mais cuidadosamente, merecendo um breve desvio no curso da análise, na medida em que nos indica pormenores importantes voltados a um certo posicionamento freudiano acerca de debates político-filosóficos importantes de sua época.

Em uma nota de tradução de *O mal-estar na civilização* (1930), Paulo César Souza (2020) aponta que tal recusa estabelecida por Freud em 1927 poderia estar relacionada com a negação de uma oposição própria de um determinado momento da cultura germânica, em que *Kultur* teria que ver se com algo interior, profundo, de ordem germânica, enquanto *Zivilisation*, com algo externo, superficial, de ordem francesa.

Tal oposição compõe, na realidade, um debate político filosófico do final do século XIX onde os termos *Kultur* e *Zivilisation* estariam banhados de significado propagandista pelos países de língua alemã, onde o primeiro "remeteria ao conjunto dos altos valores espirituais germânicos, ligados às artes e às ideias, cujas finalidades seriam irredutíveis à natureza e ao reino dos fins", enquanto o segundo "designava o mundo franco-inglês, utilitarista, caracterizado pelo domínio da técnica, da economia e da política (Iannini e Tavares, 2023, p. 15) - diante do qual qual Freud, ao enfatizar tal recusa, buscaria se ausentar, de acordo com Fuks (2003)⁵⁶, ou tomar partido, de acordo com Iannini e Tavares (2023). De acordo com esses últimos autores, a recusa freudiana, longe de se tratar de um mero desconhecimento ou indiferença em relação à distinção terminológica, voltaria-se, portanto, para dois possíveis motivos:

- 1) em um primeiro nível, trata-se de dizer que a recusa de Freud não se encerra em uma questão meramente terminológica ou semântica, mas implica uma posição política e uma decisão, que, aliás, se mostraria acertada quanto ao sentido da história; 2) numa segunda camada, a acepção de cultura empregada por Freud pode prescindir da oposição à civilização porque ela parece ser importada de uma fonte etnográfica inglesa, indiferente ao debate filosófico intrinsecamente alemão (p. 17 e 18)

Deste modo, a recusa da dicotomia *Kultur/Zivilisation* pode ser entendida como a recusa do *pathos* nacionalista germânico presente tanto na Primeira Guerra - mais precisamente no ano de 1914 -, como no discurso nazista e na violência praticada durante o

⁵⁶ ver parágrafos 4 e 5 no capítulo 2. *Freud e a Cultura*, onde é apresentada a questão pelo olhar da psicanalista brasileira Beth Fuks (2003)

III Reich e, com isso, da ilusão nacionalista de que os povos de cultura se restringiram exclusivamente aos indo-germânicos, ou à raça ariana como viriam a ser chamados⁵⁷ - explicitando seu posicionamento político diante do nacionalismo crescente da época. Neste sentido, "é preciso reconhecer que Freud se empenhou muito mais em "civilizar" a cultura do que em "culturalizar" a civilização", no sentido de "desativar na Kultur tudo aquilo que, ao ser instrumentalizado, pudesse reativar fantasmas totalitários adormecidos (Iannini e Tavares, 2023, p. 24)".

Assim, tendo esclarecido essa problemática que, ainda que abordada por Freud apenas em duas linhas, é muito mais extensa do que isso, voltamos a exposição da abertura do ensaio, a qual merece uma maior atenção à medida que não só abrange o primeiro ponto que buscamos investigar - a concepção freudiana acerca da cultura -, como "mostra como Freud concebia sua tarefa: ao colocar a religião no contexto mais amplo possível, ele a torna acessível, como toda conduta humana, à investigação científica (Gay, 2021, p. 530)". Isso demonstra não só a forma como concebe sua tarefa, mas a posição que ocupa diante objetos de investigação - postura essa de origem iluminista, que parte da premissa de que não haveria nada que não pudesse ser alvo de críticas e objeto de pesquisa das ciências, nem mesmo a fé.

Assim, influenciado por antecessores como Spinoza, Voltaire, Diderot, Feuerbach e Darwin, e contemporâneos como Frazer, Robertson Smith, Weber e Durkheim (Gay, 2021), Freud (1927/2020), abre o ensaio definindo a cultura enquanto aquilo que, erguido pela humanidade acima de suas condições animais e, portanto, diferenciando-a destas últimas, abrange duas faces distintas, mas interdependentes uma da outra, voltadas tanto os conhecimentos e habilidades adquiridos pela mesma voltados ao controle da natureza - e, conseqüentemente, extração dos bens necessários para a satisfação de suas necessidades - quanto a constituição de todas as instituições necessárias para a regulamentação das relações sociais. Essa definição, posteriormente precisada pelo autor como de âmbito econômico, passa então por uma investigação mais aprofundada, principalmente no que diz respeito a interdependência de ambas as faces da cultura, de modo a se desdobrar, ao fim da seção, em uma definição de domínio psicológico - movimento esse importante para que sejam estabelecidas as bases de investigação tais quais foram colocadas por Gay (2021) no parágrafo anterior.

⁵⁷ o que fica claro através da passagem em *O futuro de uma ilusão* em que Freud, ao definir o que entende por ilusão, afirma que seria possível indicar por ilusão a afirmação de certos nacionalistas de que a única raça humana apta à cultura corresponderia aos indo-germânicos (Iannini e Tavares, 2023)

Sobre a natureza dialética da relação entre ambas as faces da cultura, Freud (1927/2020) justifica se deve aos fatos de que 1. as relações sociais entre indivíduos dependem da satisfação das necessidades de todas as partes, através do domínio da natureza, 2. dentro dessas relações, os próprios indivíduos podem ser tomados enquanto bens necessários para tal satisfação - como objeto sexual ou mão de obra, por exemplo - e 3. essencialmente todo ser humano é inimigo da cultura, o que impõe à necessidade de que essa seja defendida dos mesmos - ao mesmo tempo em que deve, também, servi-los -, e para isso servem as instituições.

Este último ponto faz-se essencial para que seja estabelecida uma compreensão de âmbito psicológico acerca da cultura que altera a questão principal em torno de sua avaliação, deixando de ser o domínio da natureza para a obtenção dos bens vitais e a forma como os estes últimos são distribuídos entre os homens enquanto aspecto que pode vir a ameaçá-la, e voltando-se para possibilidade de amenizar as consequências da imposição da renúncia instintual pela cultura à humanidade, ao mesmo tempo que concilia-la com os instintos não renunciados e compensá-la por isso.

Isso se dá na medida em que, ao explorar tais impulsos agressivos da humanidade para com a cultura, Freud (1927/2020) percebe que toda cultura - ainda que pensada em sua forma mais ideal - tem de se basear na coação ao trabalho e na renúncia instintual, na medida em que em todo indivíduo se acham tendências destrutivas, no sentido de antissociais e anticulturais, fortes o bastante para determinarem a conduta da cultura e sociedade humana caso não sejam devidamente coagidas e renunciadas - dado que nenhum indivíduo se inclina espontaneamente a trabalhar, da mesma forma como a razão não se sobrepõe às "paixões", no sentido dos impulsos instintuais. Sobre tal processo - de passar do âmbito da economia para o da psicologia -, essencial para que a cultura e, posteriormente, a religião pudessem se tornar objetos passíveis de investigação psicanalítica, vale demonstrar a forma como é exposto pelo autor, na medida em que o seguinte trecho nos demonstra a forma de conceber a tarefa freudiana de investigação, apoiada em uma postura iluminista anteriormente mencionada:

Inadvertidamente, passamos do âmbito da economia para o da psicologia. No começo nos inclinamos a enxergar o patrimônio da cultura nos bens disponíveis e nas instituições destinadas à sua distribuição. Mas, com o entendimento de que toda cultura se baseia na coação ao trabalho e na renúncia aos instintos e, portanto, inevitavelmente provoca a oposição daqueles atingidos por tais exigências, tornou-se claro que os próprios bens, os meios para a sua aquisição e os regulamentos para a sua distribuição não podem constituir o essencial ou o único elemento da cultura. Pois eles se acham ameaçados pela rebeldia e pela ânsia destrutiva dos participantes da cultura. Ao lado dos bens, há agora os meios que podem servir para defender a cultura, os meios de coação e de outro tipo, que devem reconciliar os homens com ela e indenizá-los por seus sacrifícios. Esses

podem ser caracterizados como o patrimônio psíquico da civilização (Freud, 2020, p. 239)

Vale indicar, neste momento, que nosso primeiro ponto orientador da leitura, a definição freudiana de cultura, já se vê praticamente contemplado, de modo que partimos, assim, para a exploração acerca da forma como o método psicanalítico é aqui aplicado - já que o aspecto introdutório de *mal-estar* só poderá ser melhor apreendido ao tratar desse último.

Diante dessa cuidadosa exposição acerca do que consistiria a cultura, a impressão pode ter o leitor desavisado, em um primeiro momento, é de que é sobre essa última que Freud pretende tratar ao longo do ensaio. No entanto, como já se sabe, a problemática principal da qual se pretende tratar no ensaio consiste na religião - ou ideias religiosas -, nos termos freudianos, "o mais importante elemento do inventário psíquico de uma cultura (p. 245)", e isso só fica claro mais para frente, a partir do momento em que essa última é concebida enquanto produto cultural, portanto, igualmente passível de investigação. Tal possível confusão tem relação com o fato de que Freud (1927/2020) demora para anunciar o problema de pesquisa que pretende abordar, e isso se deve em muito com a discussão anteriormente apresentada, voltada para a necessidade de transformar a cultura e a religião em objetos plausíveis de serem abordados cientificamente para que, então, a concepção da tarefa de análise seja estabelecida (Gay, 2021). Deste modo, fica claro porque o problema a ser analisado é apresentado apenas mais para frente, pois, sem antes realizar esse movimento de tornar os objetos dos quais pretende tratar acessíveis ao exame científico, o mesmo não poderia ao menos ser idealizado - e é explicitamente por este motivo que o início de *O futuro* se mostra tão significativo para nosso trabalho, sendo essencial para a produção de *mal-estar*.

Isto posto, as questões que Freud (1927/2020), em um primeiro momento, busca responder, voltam-se, assim, para: "Em que reside o valor especial das ideias religiosas? (p. 245)" posteriormente reformulada como "o que são essas concepções [religiosas no sentido mais amplo] à luz da psicologia, de onde vem sua alta estima, e, arriscando timidamente, qual o seu real valor? (p. 253)". Diante desses questionamentos, Freud (1927/2020) traça um caminho onde investiga os laços entre religião e cultura - e, com isso, as funções psíquicas que desempenham a primeira - aos quais, ao longo do texto, aponta como necessários de serem revistos, diante do argumento de que a religião deveria ser substituída pela ciência. Deste modo, com coloca Iannini (2023), para além de uma análise rigorosa acerca de fenômenos religiosos, em *O futuro* Freud estabelece uma análise do fundamento religioso dos

vínculos sociais, onde trata, portanto, de conceitos essenciais para a clínica e a crítica social - como desamparo, ilusão, alienação e projeção de desejos

No entanto, como já apontado, essas questões só podem aparecer após o estabelecimento da religião enquanto objeto de pesquisa, a partir do entendimento da cultura em seu âmbito psicológico. Sobre essa passagem, vale adentrar na medida em que irá contribuir, posteriormente, para nossa análise acerca do *mal-estar*, dado que a mesma parte da compreensão dos bens de natureza psíquica a serem considerados na avaliação de uma cultura, no sentido daquilo que a compõe, a qual será também utilizada no mesmo, ainda que com outros objetivos. Sobre estes últimos, Freud aponta que consistem tanto no nível moral dos participantes, expresso pelo grau de internalização dos preceitos culturais, quanto o seu patrimônio de ideias e criações artísticas, que podem ser entendidos como os ideais de uma cultura, suas produções artísticas e suas ideias religiosas, em seu sentido mais amplo.

No que diz respeito ao primeiro tipo, voltado à internalização dos princípios e normas culturais, Freud expõe que decorre das privações existentes na cultura⁵⁸, as quais se distinguem de duas formas: aquelas que se aplicam à todos, igualmente, e aquelas que se aplicam apenas para um grupo restrito. As primeiras, de ordem mais primitiva, correspondem às proibições que deram origem a cultura: de não cometer incesto, não cometer canibalismo e de não matar. Delas, decorrem um fator psicológico significativo para todas as demais, na medida em que, ao longo da evolução humana, sofreram um processo de internalização através da instância psíquica do Super-eu, nos termos freudianos, um "valiosíssimo patrimônio cultural psicológico", à medida que permite a passagem dos indivíduos de adversários a portadores da cultura - ainda que isso não os isente da coação externa como modo de garantir a obediência das exigências culturais. Já as privações que se aplicam apenas a determinadas classes da sociedade produzem um efeito quase contrário, uma vez que sendo de ordem opressiva, não só as proibições não são internalizadas pelas mesmas, mas essas apresentam impulsos extremamente hostis e destrutivos voltados à cultura em si.

Quanto às satisfações que podem ser obtidas diante dos ideais e criações artísticas de uma cultura, pode-se dizer que as decorrentes do primeiro tipo são de ordem narcísica, enquanto as do segundo desempenham um papel substitutivo das satisfações primitivas frustradas. Assim, enquanto as primeiras se responsabilizam por evitar a hostilidade no interior de uma mesma cultura vangloriando-se das próprias conquistas e apresentando

⁵⁸ Vale ressaltar que, neste momento do texto, Freud esclarece os termos que pretende utilizar, para evitar qualquer tipo de confusão. Por *privações*, ele entende o estado produzido pela *proibição*, que, por sua vez, corresponde ao regulamento que determina a *frustração*, enquanto não satisfação de um impulso sexual (Freud, 1927/2020)

hostilidade em relação às demais - benefícios esses dos quais desfrutam ambas as classes privilegiadas e oprimidas, que podem partilhar da satisfação de desprezar os de fora -, as segundas o fazem permitindo com que os sujeitos se reconciliem com os sacrifícios próprios da renúncia dos impulsos instintuais frustrados, ao mesmo tempo que igualmente gerando identificação e satisfação narcísica - por tratarem de experiências emocionais altamente apreciadas por todos e por representarem as realizações próprias de cada cultura, fortalecendo seus ideais.

Esclarecidos os dois tipos bens de natureza psíquica que compõem as diferentes culturas e permitem sua avaliação - sendo que, enquanto *O futuro* terá como objeto principalmente aqueles próprios do segundo tipo, *mal-estar* se voltará mais para os do primeiro -, Freud (1927/2020) finalmente parte para a investigação daquilo que dá o título de sua obra, o mais importante elemento do inventário psíquico da cultura: as ideias religiosas, em seu mais amplo sentido - as quais, mais à frente, denominará justificadamente de ilusões.

Tendo originado a cultura da necessidade de proteção da humanidade diante da natureza, como forma de dominá-la, tornando possível a vida comum, a religião surge da falha da cultura em fazê-lo absolutamente - até porque o controle absoluto da natureza é, de fato, impossível. O fato de que a cultura impõe sobre o homem uma série de privações, impedindo suas satisfações, combinado ao fato de que, por outro lado, não exerce por completo sua função protetiva contra a natureza, abrindo espaço para o destino resultam no que Freud (1927/2020) aponta enquanto "um estado constante de expectativa angustiada e uma severa afronta ao narcisismo natural" - aos quais cabe a religião, como produto da cultura, dar conta.

Sua origem advém, portanto, da necessidade de suportar o desamparo humano, semelhante àquele que sente a criança ao vir ao mundo, as quais, igualmente, provocam uma substituição da "ciência natural" pela psicologia, no sentido de humanizar as forças naturais, desconhecidas e superiores:

De modo semelhante [ao desamparo infantil], o ser humano transforma as forças naturais não simplesmente em indivíduos, com os quais pode lidar como faz com seus iguais — isso não faria jus à impressão avassaladora que elas lhe causam —, mas lhes dá um caráter paterno, transforma-as em deuses, e nisso segue um modelo não apenas infantil, mas também filogenético, como procurei mostrar (Freud, 2020, p. 249).

Tal processo de humanização da natureza e atribuição à mesma de caráter paterno - atuante tanto no início da vida quando no início da evolução humana - produz um alívio quase que imediato na medida em que, ao produzir uma falsa sensação de se estar rodeado

daquilo que conhece, apresenta um caminho para um possível controle da situação. No entanto, ainda que, em um primeiro momento, as figuras divinas representassem as forças naturais diante da tentativa de amenizar os medos e angústias produzidos pelo destino, tanto sua forma como sua função evoluem, adquirindo um caráter um distinto do original: sofrendo um movimento de distanciamento da natureza, os deuses, que antes correspondiam às próprias forças naturais, assumem a posição de criadores, onde intervêm ocasionalmente através dos supostos milagres. Isso atribui a religião funções que, agora, não mais consistem em produzir um mero alívio da angústia, mas que, concentradas em uma esfera moral, se voltam à compensação das falhas e danos da civilização, regulação das interações sociais e garantia das normas culturais. Não à toa, como coloca Freud (1927/2020),

essas concepções - religiosas no sentido mais amplo - são tidas como o mais precioso patrimônio da cultura, a coisa mais valiosa que ela tem a oferecer aos seus participantes, são bem mais apreciadas do que todas as artes para extrair da Terra seus tesouros, para prover a humanidade de alimentos, prevenir suas doenças etc (p. 253)

A partir desse ponto - onde, como coloca Gay (2021), Freud introduziu a religião em sua análise de forma astuciosa, na medida em que, ressaltando o desamparo humano, ele pode vincular a religião às experiências infantis, conduzindo-a a um terreno familiar da psicanálise - inicia-se de fato o projeto de pensar a religião enquanto ilusão e, a partir disso, decorrer sobre seu futuro, como indica o título. Ainda que o caminho argumentativo que se segue seja extremamente interessante, visando nossos objetivos anteriormente apresentados, não vamos abordá-lo em sua integralidade. Sobre o restante da obra, no entanto, vale ainda destacar um último aspecto, que pode nos servir de auxílio para a exploração acerca da aplicação do método psicanalítico - principal objetivo deste capítulo -: o acréscimo de uma figura oponente na argumentação, que, até então, procedia como um monólogo, cuja função consiste em, via diálogo com o autor, problematizar a exposição até onde foi estabelecida e produzir certos esclarecimentos aparentemente essenciais para sua continuidade.

Esse recurso, operado em alguns momentos da obra, apesar de pouquíssimo utilizado pelo autor, não é de todo novo, fazendo-se presente também na obra anterior, *Questão da análise leiga* (1926) - o que nos indica alguns pontos interessantes. A começar pelo aspecto protetivo que confere a argumentação e, portanto, a tese defendida, na medida em que antecipa e responde adequadamente muitas das críticas que poderiam vir a surgir voltar-se contra a mesma após sua publicação - o que se mostra extremamente coerente com os objetivos de ambas as obras, posteriormente enunciados por Freud, de proteger a psicanálise dos médicos e dos padres (Roudinesco, 2021). No entanto, ao longo da leitura, podemos

pensar que tal aspecto protetivo, aparentemente restrito às ideias defendidas nas respectivas obras, na realidade se expande, abrangendo a psicanálise como um todo - o que também se mostra coerente ao considerar o momento histórico vigente, no qual, na medida em que se expandia e se consolidava, a mesma se via cada vez mais ameaçada. Isto fica claro quando, em dado momento da obra⁵⁹, Freud (1927/2020) expõe uma preocupação acerca da influência que a publicação de *O futuro de uma ilusão* poderia ter sobre a aceitação da psicanálise de modo geral, diante da qual afirma que "a psicanálise é um método de pesquisa, um instrumento imparcial, como o cálculo infinitesimal (Freud, 2020, p. 275)", de modo que as afirmações estabelecidas até então não são próprias da psicanálise, não correspondem a afirmações de natureza psicanalítica, mas argumentos cuja aplicação do método psicanalítico veio a proporcionar.

Tal passagem se mostra essencial para nossa análise na medida em que, a fim de defender a psicanálise e evitar com que sua aceitação seja, de algum modo, prejudicada por tal publicação, Freud trabalha a questão da aplicação do método psicanalítico, fornecendo-nos não apenas dados importantes acerca da forma como o mesmo se dá e se relaciona com os objetos sobre os quais se debruça - de modo absolutamente imparcial, como a matemática -, quanto nos demonstra que, como defendemos no presente capítulo, *O futuro de uma ilusão* é uma obra que se caracteriza pela aplicação de tal método.

O texto nos apresenta ainda alguns aspectos interessantes, dos quais vale mencionar brevemente, ainda que não adentraremos nos mesmos propriamente ditos. A começar pela importância que Freud atribui à razão e à lógica científica, ao propor o apagamento e substituição da religião diante da mesma enquanto um processo necessário e quase que inerente à evolução cultural humana, o que se dá a partir da comparação desta última com o desenvolvimento individual do sujeito que, em determinado momento da vida se vê obrigado a superar o infantilismo, tendo que se a ver com o desamparo previsto pela existência. Esse ponto se mostra importante na medida em que, relacionando-o com o que foi anteriormente apresentado - mais especificamente o momento em que Freud trabalha a objetividade da psicanálise ao afirmá-la enquanto instrumento imparcial, portanto, de algum modo científico - ao postular a ciência como um esforço humano para ir além da infantilidade, ele também afirma a cientificidade da psicanálise - e fazendo-o, legitima essa última (Gay, 2021).

Apesar de parecer um salto significativo, isso se torna mais claro ao considerar que a postura de Freud de tratar a psicanálise como uma ciência esteve presente em vários outros

⁵⁹ mais precisamente na seção VII

momentos de sua obra e vida, assim como sua atitude crítica em relação ao sistema religioso, de modo que, nos termos de Gay (2021), "ao se juntar à luta contra esse inimigo", a religião, "Freud alistou de bom grado sua psicologia sob bandeira da ciência (p. 536)" - e isso condiz perfeitamente não apenas com seus objetos de defender a psicanálise da religião, como com seu projeto maior de consolidá-la enquanto científica, sendo esse texto um passo interessante que compõe essa longa e, talvez, inconclusa jornada. Junto disso, no momento que Freud aponta para a importância de um futuro onde a religião fosse substituída pela ciência, ele insere nessa lógica a psicanálise tanto como saber, quanto como cura frente ao desamparo resultante de tal substituição. Como coloca Roudinesco (2021), "sem dúvida alguma, Freud pensava que a psicanálise poderia curar o sujeito moderno da perda da ilusão religiosa: sob o risco de tomar seu lugar e fracassar, tal como o socialismo, que não conseguira erradicá-la (p. 371)". Sua aposta estava dada: uma psicanálise científica, universalmente legítima em seus três aspectos, e ia se concretizar ainda mais dois anos depois, com a escrita de *O mal-estar na civilização* (1930).

Um segundo ponto interessante se volta ao fato de que mais uma vez, como percebemos nos demais textos analisados, o recurso de se voltar ao âmbito individual, recorrendo a exemplos clínicos de processos psíquicos, é utilizado para solucionar as problemáticas que vão surgindo e barrando a investigação - o que condiz com o princípio metodológico de investigação psicanalítica estabelecido em *Psicologia das massas*, contribuindo mais uma vez com a afirmação de que a presente obra desdobra-se enquanto aplicação do mesmo.

6.2 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Em 1929, momento marcado pela crise econômica dos Estados Unidos, a instauração do regime facista na Itália e o fortalecimento do nazismo nos países germânicos, Freud escreve *O mal-estar na civilização*⁶⁰, uma obra de impacto imensurável até os dias de hoje, considerada por muitos sua melhor realização literária. Publicada três anos após *O futuro de uma ilusão*, em 1930, a obra repercutiu de diversas formas, sendo sua influência para o desenvolvimento das ciências humanas nos séculos XX e XXI inegável: as ideias que abrange e a noção de mal-estar serviram de base e intitularam obras de autores pós-modernos

⁶⁰ Aqui vale ressaltar que tanto no título original da obra, *Das Unbehagen in der Kultur*, quanto no corpo do texto, Freud utiliza-se do termo *Kultur* - tal qual no restante de suas produções - para se referir tanto à cultura quanto à civilização. Ainda que, de acordo com Iannini e Tavares (2023), a tradução mais correta seja para a terminologia cultura, no presente trabalho, ao se referir à obra, utilizaremos a terminologia civilização tal qual foi traduzida por Paulo César de Souza, dado que a tradução utilizada é a das *Obras Completas v. 18* produzida pela *Companhia das Letras*.

importantíssimos, como Zygmunt Bauman, Marcuse, Adorno, Horkheimer entre muitos outros⁶¹. Por muitos a obra foi considerada sociológica, ausente de valor psicanalítico e, portanto, desprovida de interesse clínico e metapsicológico - discussão essa que, inclusive, figurou-se dentre os pós-freudianos enquanto um dos campos mais disputados. Foi Lacan, em seu seminário sobre a ética da psicanálise (1959-1960), que alterou o curso das recepções da mesma, recuperando-a no âmbito da psicanálise ao afirmá-la enquanto síntese da experiência freudiana, deslocando-a do plano sociológico para o horizonte da ética psicanalítica (Iannini, 2023).

Também o próprio Freud apresentou dificuldades em reconhecer o valor de sua produção, pontuando em cartas e comentários que a mesma tratava de verdades banais, das quais todos já conheciam, não fornecendo nada de novo e servindo apenas para desperdiçar material de escrita e tinta dos editores. A questão, no entanto, é que, ainda que as ideias das quais Freud trata não fossem de fato absolutamente inovadoras - já tendo sido exploradas por ele próprio desde 1897 em trocas de cartas com Fliess, assim como na publicação de obras como *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna* (1908) e *O futuro de uma ilusão* (1927) -, a forma como ele as analisou, extraindo as implicações de seu pensamento, foi absolutamente singular e inovadora (Gay, 2021).

Deste modo, de acordo com nossos objetivos e seguindo a mesma lógica utilizada ao tratar das obras anteriores, seguiremos construindo uma análise de *O mal-estar* orientada pela sua inserção na composição da teoria psicanalítica e na forma como o método se vê aqui aplicado, na medida em que, como aponta Gay (2021),

Como O mal-estar na civilização faz parte integrante de seu pensamento mais amplo, ele só alcança seu pleno impacto quando se leva em conta o pensamento psicanalítico de Freud. O ensaio traça o contorno do homem freudiano na cultura — qualquer cultura. É um homem assediado por necessidades inconscientes, com sua incurável ambivalência, seus amores e ódios primitivos e apaixonados, mal contido por coerções externas e sentimentos de culpa internos (p. 549)

Partindo da "psicanálise da religião" que havia se estabelecido em *O futuro de uma ilusão*, em *O mal-estar* Freud estabelece uma "psicanálise da cultura", uma teoria psicanalítica da política, onde trata dos seres humanos e de sua relação com o mundo de forma ampla através da psicanálise, e enquanto psicanalista - não teórico político, arqueólogo ou historiador. Tal feito, ainda que materializado apenas em 1930, consistia em um objetivo

⁶¹ como coloca Iannini (2023), "a primeira coisa que salta aos olhos é como o conceito chave do título espalhou-se na cultura, fornecendo o termo central para títulos os mais diversos: *mal-estar na estética*, *mal-estar na modernidade*, *O mal-estar da pós-modernidade*, *mal-estar na democracia*, *mal-estar na educação*, etc (p. 407)"

peçoal antigo e declarado que se fez presente ao longo de toda sua teoria, ainda que sob outras formas e pontos de vista (Gay, 2021). Como coloca Safatle (2009),

ele [mal-estar na civilização] é resultado de um longo movimento de reflexão sobre a natureza dos vínculos sociais na modernidade que se iniciara, de maneira mais sistemática, com *Totem e tabu*, de 1913 e que encontrara em *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921, um de seus momentos mais bem-acabados. Neste sentido, *O mal-estar na civilização* só pode ser compreendido à condição de reconstruirmos esta linha de produção que atravessa a reflexão freudiana (p. 85)

Ou seja, não caberia tratá-lo enquanto "obra sociológica" ausente de valor psicanalítico, como fizeram muitos, na medida em que, assim como todo resto das produções freudianas, *O mal-estar na civilização* não só 1. compõe a teoria psicanalítica por decorrer de um pensamento que só pode ser considerado em seu movimento, onde uma produção e a trama de conceitos que abrange dependem das anteriores e possibilitam as posteriores (Monzani, 2023), como 2. corresponde diretamente a aplicação do método ou processo de investigação psicanalítico, um dos três âmbitos que compõem a psicanálise e 3. apresenta-se essencial para a tentativa freudiana de validação universal da psicanálise. Todos esses aspectos ficarão mais claros e serão melhor trabalhados ao longo da exposição, de modo que sua ênfase aqui tem como função apenas o estabelecimento de pontos de partida para nossa investigação, servindo-nos como orientadores.

Partindo para uma análise mais minuciosa da obra em si, já de início, vale pontuar que, quando mencionamos que *O futuro* serve de base para *O mal-estar*, é porque o segundo apresenta-se, de início, quase como uma continuação direta do primeiro. Isto pois, para além de utilizar-se da definição então estabelecida de cultura e suas implicações para a humanidade, Freud parte objetivamente de uma indagação direta feita por Romain Rolland acerca da obra recém publicada, onde o mesmo, através de uma carta enviada em 1927, lamenta uma falta de apreciação correta da fonte da religiosidade, que, a seu ver, decorreria do que denomina "sentimento oceânico". A carta, ainda que diretamente retornada dois anos depois, em julho de 1929, teve como principal resposta a publicação de um ensaio que veio a se tornar um dos mais famosos e importantes de Freud (Iannini, 2023).

No entanto, é importante ressaltar que, embora a colocação de Rolland tenha influenciado diretamente a formulação de *O mal-estar na civilização*, ela também ocupou um lugar de destaque, no sentido de um impasse argumentativo que precisava ser superado. Na carta de resposta ao colega, Freud afirmou que, não tendo ficado em paz com as afirmações acerca do sentimento oceânico ao longo dos últimos dois anos, ele as aborda apenas com o objetivo de, por meio de uma "derivação analítica", descartá-las de seu caminho, tornando

possível a análise dos temas que efetivamente pretendia abordar, como a felicidade, a cultura e o sentimento de culpa (Freud *apud* Iannini, 2023).

De fato, partindo de uma análise do que Rolland denomina "sentimento oceânico", Freud (1930/2020) não apenas descarta a hipótese de que o mesmo corresponderia a fonte da religiosidade - que, ao seu ver, decorreria do desamparo infantil e da nostalgia do pai, podendo esse se ligar a mesma posteriormente, mas não de modo primário - como expande seu problema de pesquisa, deslocando-o da religião para a cultura de modo geral. Para isso, ele realiza um movimento semelhante àquele que analisamos no capítulo sobre *O futuro de uma ilusão*⁶² - de tornar o objeto que pretende investigar plausível de ser abordado cientificamente - mas através de uma lógica oposta: partindo da problemática da religião tal como abordada em 1927, Freud (1930/2020) amplia seu horizonte, transformando-a em uma problemática voltada ao desenvolvimento cultural e pensando a forma como a mesma, abordada sob a ótica psicanalítica, pode se revelar enquanto um processo peculiar, de valor específico.

Assim, compreendendo a religião como uma dentre as diversas formas culturais de suportar a existência, cuja principal peculiaridade e valor residem no fato de que consiste na única capaz de fornecer uma resposta à questão constantemente posta a respeito da finalidade da vida, Freud (1930/2020) parte, então, para uma investigação voltada ao que poderia revelar a conduta humana diante dessa última, no sentido de buscar compreender o que pretendem os homens, de modo geral, alcançarem ao longo de sua existência. Esse caminho revela justamente a habilidade de Freud em estruturar as questões das quais pretende tratar de modo a inseri-las no âmbito psíquico, tornando-as passíveis de análise psicanalítica: ao invés de se debruçar na questão da finalidade da vida em si, própria da religião, ele busca entender sua função para a humanidade, retirando-a, portanto, do âmbito religioso e estruturando-a de tal modo que possa ser analisada a partir de analogias com os processos psíquicos.

Retirando o problema da finalidade da vida do âmbito religioso e inserindo-o no psíquico, Freud (1930/2020) associa-o ao desenvolvimento individual ao afirmar que essa última seria determinada pelo programa do princípio de prazer - do mesmo modo como é o aparelho psíquico desde o início da vida - o que, por sua vez, lhe possibilita pensar a existência de um mal-estar inerente à existência humana a partir da relação entre ambos os princípios de prazer e de realidade, na medida em que o primeiro se vê constantemente substituído pelo segundo, resultando em uma constante sensação de infelicidade. Essa

⁶² cap. 5.1 *O futuro de uma ilusão*

analogia permite-lhe finalmente formular sua principal questão: "saber que valor pode reivindicar nossa concepção do desenvolvimento cultural como um processo peculiar, comparável à maturação normal do indivíduo (Freud, 1930/2020 p. 60)", ou seja, apreender a relevância da compreensão psicanalítica da cultura, que pensa o seu desenvolvimento enquanto um processo singular semelhante ao individual.

A fim de resolver o problema tal como acima apresentado, em um primeiro momento da obra, Freud (1930/2020) busca uma compreensão abrangente do desenvolvimento cultural, explorando suas características fundamentais e investigando as possíveis influências que o moldaram e determinam seu curso - análise essa que o permite estabelecer o sentido da evolução cultural e, conseqüentemente, examinar suas conseqüências. Então, utilizando uma variedade de conceitos e teorias psicanalíticas, ele estabelece uma compreensão de que o cerne do problema na evolução cultural, cujo custo é um perpétuo estado de mal-estar ou, em outras palavras, a perda da felicidade, residiria na consciência de culpa. De fato, colocando dessa forma, a obra não aparenta representar nada de especial nem em sua construção - que parece repetir o mesmo movimento de colocar a cultura no divã, apenas ampliando o problema analisado - nem em sua conclusão - que já estaria exposta, ainda que de modo diferente, em *Totem e tabu* e também, mais indiretamente, em outras produções -, salvo talvez a alegação de que vivemos um eterno estado de mal-estar, que poderia ser pensada como inovadora, ao menos no uso do termo.

O ponto que faz de *O mal-estar* uma obra essencial para nossa análise - assim como para a compreensão da teoria freudiana e da psicanálise como um todo - não está exatamente na introdução de novos princípios, como vemos acontecer em *Totem e tabu* e *Psicologia das massas*, mas na forma como os pilares fundamentais do sistema freudiano são entrelaçados a partir do exercício nele realizado de se pensar a cultura em comparação ao desenvolvimento individual. Tratando da própria discussão proposta no ensaio, Freud (1930/2020) aponta que, sem expor novas ideias, sua função não corresponderia em efetivamente produzir alguma mudança na teoria psicanalítica, mas de "captar mais nitidamente uma alteração há muito efetuada e de lhe tirar conseqüências (p. 84)", uma vez que, "de todas as partes que gradualmente se desenvolveram na teoria psicanalítica, a teoria dos instintos foi a que tateou mais penosamente seu caminho. E no entanto era tão indispensável ao conjunto, que alguma coisa teve que ser posta em seu lugar (Freud, 1930/2020, p. 84)" - referindo-se à alteração tópica proposta alguns anos antes, por muitos criticada e negada.

Relacionando a teoria pulsional tal qual foi concebida na década de 20 com a origem e desenvolvimento da cultura e colocando-a como ponto nodal, portanto, que une o processo

cultural, o desenvolvimento do indivíduo e o segredo da vida orgânica, na medida que os constitui, Freud (1930/2020) novamente coloca a psicanálise no lugar de universal, mas sob uma outra ótica - dessa vez, abordando-a em seus três âmbitos. Nos termos de Iannini e Tavares (2023), "*O mal-estar na cultura* retoma e aprofunda um *topos* central do pensamento de Freud: a vida social se funda numa espécie de renúncia, ou, mais precisamente, no impedimento da satisfação pulsional (p. 7)". Assim, se em 1920 Freud introduz o conflito na teoria psicanalítica, em 1930, dez anos depois, ele amplia essa noção do sujeito para a sociedade e a cultura, tornando-a estrutural tanto nas relações sociais e instituições culturais como no interior dos próprios indivíduos - de modo que vale adentrar nos conteúdos por ele trabalhados ao longo da obra tendo em vista disso.

Partindo da ideia de que o sentido da vida seria regido pelo princípio de prazer, do mesmo modo como é a psique humana, Freud (1930/2020) aponta que todos os traços que caracterizam uma cultura tem dois pontos em comum profundamente interligados que os atravessam: 1. a presença da inibição da sexualidade, a qual exprime o conflito originário entre as pulsões sexuais e a moral cultural - aspecto esse já trabalhado anteriormente, principalmente em *Totem e tabu* (1913) - e 2. a existência de uma agressividade que marca todas as relações sociais a qual, muitas vezes, se volta contra o próprio indivíduo - ponto esse que introduz no jogo o dualismo pulsional apresentado em *Para além do princípio de prazer* (1920). Isso permite com que seja estabelecida uma visão geral acerca da evolução cultural: um processo peculiar caracterizado pelas mudanças que efetua nas disposições instintuais humanas o qual, construído sobre a renúncia instintual, produz uma importante frustração que não apenas domina as relações sociais, como gera uma hostilidade contra a própria cultura que terá de ser por ela combatida.

Tal percepção, no entanto, amplia a compreensão acerca do antagonismo próprio da cultura: antes, reduzido ao conflito entre moral cultural e pulsões sexuais⁶³, agora, o mesmo se via também presente na oposição entre Eros e pulsão de morte - o que por sua vez permite a construção de uma apreensão psicanalítica do sentido da evolução cultural:

Ela [evolução cultural] nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana (Freud, 1930/2020, p. 91)

Tendo estabelecido tal entendimento acerca da progressão da cultura, Freud (1930/2020) parte para a investigação de suas consequências - o mal-estar por ela produzido

⁶³ em *Totem e tabu*, 1913.

-, o que implica novamente recorrer ao desenvolvimento individual, mas dessa vez através da instância Supereu e sua relação com o Eu. Isto pois, Freud (1930/2020) percebe o Supereu como o principal meio ao qual se vale a cultura para conter a agressividade que a ameaça, servindo-se do mesmo para introjetar os impulsos agressivos que saem do indivíduo e voltá-los contra ele próprio na forma de uma suposta consciência moral, enquanto sua relação conflituosa com o Eu, manifestada sob a necessidade de punição, é o que produz o sentimento de culpa, diretamente associado ao estado de infelicidade inerente à existência humana.

Buscando estabelecer a origem da consciência moral, Freud (1930/2020) explora diferentes aspectos e percorre alguns caminhos. No entanto, o mais eficaz, que reúne e sintetiza os demais, consiste naquele já conhecido das obras anteriores: de recorrer ao desenvolvimento filogenético da humanidade tal qual formulado pelo mito da horda primitiva em *Totem e tabu*. Valendo-se do mito, Freud (1930/2020) percebe que na gênese da consciência, estariam envolvidos tanto o amor quanto o sentimento de culpa: enquanto o primeiro toma lugar da agressividade diante do arrependimento de cometer parricídio, instituindo o Supereu via identificação com o pai, o segundo exprime a ambivalência afetiva decorrente de tal assassinato, cujas forças atuantes não seriam nada menos do que conflito estruturante da psiquê humana entre Eros e pulsão de morte.

O que teve início com o pai se completa na massa. Se a cultura é o curso de desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está intrinsecamente ligado a ela - como consequência do inato conflito ambivalente, da eterna disputa entre amor e busca de morte - o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil de tolerar (Freud, 1930/2020, p. 105).

Ou seja, o problema mais importante da evolução cultural, cujo sentido se desdobra na luta vital da espécie humana, consiste no sentimento de culpa, íntima e diretamente ligado à perda da felicidade, por sua vez, entendida como o preço que se paga pela mesma. Com isso, Freud (1930/2020) não apenas conclui sua investigação, como arquiteta sua tentativa de universalização e validação dos princípios desenvolvidos ao longo de sua produção teórica, em especial pela segunda tópica. Isso fica evidente na construção "o que teve início com o pai se completa na massa", uma vez que o parricídio, representante do principal marco do desenvolvimento humano, é posto como intrinsecamente associado à evolução cultural, representada através da massa, de modo que, a conclusão do primeiro é construída como dependente da segunda. Assim,

introduzindo a angústia em sua análise tanto da cultura como do superego individual, mostrando o trabalho tanto da agressão como do amor, refletindo uma

vez mais sobre as respectivas participações da constituição e do ambiente no desenvolvimento mental, Freud entrelaçou em *O mal-estar na civilização* as principais linhas de seu sistema. O livro é uma súpula grandiosa do pensamento de uma vida (Gay, 2021, p. 553)

Ainda que, nesse ponto do texto, a tentativa freudiana de universalizar e validar a psicanálise se mostre minimamente fundada, a mesma vai se consolidar de fato através dos esclarecimentos, onde Freud (1930/2020) associa direta e objetivamente o progresso cultural, o desenvolvimento individual e o segredo da vida orgânica.

Até aqui, podemos pensar que foi esclarecida a forma como mal-estar 1. se insere na constituição da psicanálise, 2. enquadra-se como aplicação do método de investigação psicanalítico e 3. contribui para a tentativa freudiana de validar e universalizar a psicanálise enquanto método e enquanto disciplina, mas não enquanto clínica. O primeiro ponto pode ser pensado a partir dos demais: a obra, para além de corresponder ao método psicanalítico em si, compõe a instituição da psicanálise na medida em entrelaça todas as linhas de seu sistema (Gay, 2021), contribuindo para a validação da segunda tópica dentro da teoria ao relacioná-la com os demais pressupostos trabalhados até então e evidenciá-la enquanto fundamentalmente atuante tanto no desenvolvimento individual como na evolução cultural. No que diz respeito a aplicação do método em si, fica claro como os princípios estabelecidos em *Psicologia das massas* estão aqui presentes: desde o início toda a questão da cultura e seu progresso foi pensada a partir do processo individual e vice-versa, sendo ambos postulados enquanto intrinsecamente ligados a partir do conflito ambivalente fundamental que os constitui, de modo que tudo que envolve o indivíduo reflete na sociedade e também o oposto, incluindo as neuroses. Isso nos leva ao último ponto, ainda não integralmente contemplado.

Relacionando o processo cultural, o desenvolvimento individual e o segredo da vida orgânica a partir da fórmula comum da luta entre Eros e instinto de morte sob a justificativa de que ambas evoluções cultural e individual seriam também processos vitais, Freud (1930/2020) estabelece uma tentativa clara de validação e universalização da psicanálise enquanto método e enquanto disciplina, mas não enquanto clínica - o que não signifique que esse último aspecto não se faça presente, mas apenas que isso não se dá de forma escancarada como nos demais. Isso pois, como trabalhado no primeiro capítulo, a psicanálise tal como concebida por Freud compreende algo que se constitui e opera através de uma pluralidade, onde teoria e clínica estão absolutamente intrincadas, ainda que sejam duas coisas distintas, na medida em que uma fundamenta a outra (Dunker, 2021). Retomando a colocação de Safatle (2009), "a psicanálise não se contenta em ser apenas uma clínica da subjetividade,

mas quer ser reconhecida também como teoria das produções culturais que procura desvendar aquilo que poderíamos chamar de "economia libidinal" dos vínculos sócio-políticos (p. 2)".

Assim, ainda que, ao longo dessa pesquisa a clínica não tenha sido o objeto principal - pelo contrário, praticamente não houveram menções a respeito da mesma -, penso que seria interessante abordá-la, ainda que muito brevemente, através de *O mal-estar na civilização*, na medida em que, dos textos que foram aqui trabalhados, é o único que trata das neuroses de forma mais objetiva e diretamente relacionada à cultura, do mesmo modo como propõe mais enfaticamente que se pense em diferentes formas de tratamento.

Isso se dá mais especificamente no capítulo final destinado aos esclarecimentos, onde, trabalhando as relações entre a cultura, o indivíduo e a vida orgânica, Freud (1930/2020) aponta para a existência de um Supereu cultural. Fundado a partir de lideranças externas, o mesmo o se assemelha ao individual tanto em suas funções de, sob a forma de regulamentos éticos, produzir sentimento de culpa e controlar os impulsos individuais e coletivos, como também ao apresentar exigências equivalentes ao primeiro, pouco se preocupando com a felicidade e bem estar do Eu ou da sociedade, constituindo-se enquanto "antipsicológico" e contribuindo para a produção de neuroses, para além do mal-estar.

Essa passagem se mostra para nós como algo interessante na medida em que não apenas aponta para a influência da cultura na formação de doenças mentais, como, em seguida, abrange novas possibilidades de tratamento que levem isso em conta: tendo em vista que a investigação e a terapia das neuroses resultam na sustentação de objeções contra o Supereu individual, as quais levam o tratamento analítico a orientar-se pelo combate do mesmo, visando a redução de suas exigências, Freud (1930/2020) não apenas aponta para o fato de que "recriminações idênticas podem ser feitas às reivindicações éticas do Super-eu cultural (p. 118)", como defende que "a linha de abordagem que procura estudar nos fenômenos da evolução cultural o papel de um Supereu me parece prometer ainda outros esclarecimentos (p. 119)".

Então, ele expande ainda mais a questão, apontando para a possibilidade das próprias culturas tornarem-se elas próprias neuróticas:

Se a evolução cultural tem tamanha similitude com a do indivíduo e trabalha com os mesmos recursos, não seria justificado o diagnóstico de que muitas culturas — ou épocas culturais, ou possivelmente toda a humanidade — tornaram-se "neuróticas" por influência dos esforços culturais? A dissecação analítica dessas neuroses poderia ser acompanhada de sugestões terapêuticas que reivindicariam muito interesse prático. Não posso dizer que uma tentativa dessas, de transferência da psicanálise para a comunidade cultural, não teria sentido ou estaria condenada à esterilidade. Mas teríamos de ser muito prudentes, e não esquecer que se trata apenas de analogias, e que não apenas com seres humanos, também com conceitos é

perigoso retirá-los da esfera em que surgiram e evoluíram. O diagnóstico das neuroses da comunidade também encontra uma dificuldade especial. Na neurose individual nos serve de referência imediata o contraste que distingue o enfermo de seu ambiente, tido como "normal". Tal pano de fundo não existe para um grupo igualmente afetado, teria que ser arranjado de outra forma. E no que diz respeito à aplicação terapêutica da compreensão, de que adiantaria a mais pertinente análise da neurose social, se ninguém possui a autoridade para impor ao grupo a terapia? Apesar de todas essas dificuldades, pode-se esperar que um dia alguém ouse empreender semelhante patologia das comunidades culturais (Freud, 1930/2020, p. 119-120)

O conteúdo da segunda tópica é aqui inserido de tal forma que, "sem essa camada de reflexão - sobre a face obscura do gozo, sobre as exigências obscenas do Supereu - não é possível compreender como sociedades que se autorrepresentam como hedonistas e permissivas não conseguiram promover a felicidade pessoal ou eliminar o sofrimento neurótico", pelo contrário, "os novos sintomas então aí, ao lado dos velhos, para mostrar isso (Iannini e Tavares, 2023, p. 8)". Ou seja, do mesmo modo como as sociedades não poderiam ser compreendidas sem essa camada de reflexão psicanalítica que institui na análise aspectos negativos - os quais explicam o mal-estar por elas produzido -, os processos psíquicos individuais e a clínica psicanalítica também não poderiam ser pensados como desinstituídos e independentes da lógica de evolução cultural. Isso fica claro pelo surgimento de novos sintomas, pela mudança das urgências mentais e pela ascensão de novas patologias que se adequam perfeitamente ao nosso tempo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que a psicanálise, desde o início de sua construção, tanto epistemologicamente quanto historicamente, não se limita ao tratamento de pessoas com doenças mentais, mas extrapola a lógica médica ao abranger também aspectos relacionados à sociedade, cultura e civilização, esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de compreender melhor essa faceta - frequentemente negligenciada em favor da clínica. A fim de explorar as relações existentes entre a psicanálise e a cultura a partir de seu fundador, Freud, foi possível levantar alguns questionamentos, os quais foram sendo elaborados e melhor compreendidos conforme o avanço da investigação, mas que, desde o início, serviram como orientadores.

Baseando-se na inquietação acerca de como o exercício de pensar a cultura e a sociedade compõe a psicanálise, tanto em sua constituição quanto em sua concepção da clínica, foi possível ao longo do trabalho formular questões mais específicas - as quais permitiram com que a indagação inicial, demasiadamente complexa e ampla, fosse abordada de maneira fundamentada e coerente. Na medida em que a intenção inicial consistia em analisar a relação da psicanálise com aspectos extra-clínicos a partir de sua constituição, a pesquisa focou exclusivamente em Freud e nas obras por ele produzidas. Assim, todos os conceitos, noções e ideias teóricas abordados foram extraídos exclusivamente dele, com apoio de alguns de seus comentadores - sem envolver outras escolas pós-freudianas -, iniciando pelas definições freudianas acerca do que consiste a psicanálise e o que se entende por cultura.

Para definir a psicanálise, foi utilizada a passagem de um dicionário de 1923 onde Freud aponta para a mesma enquanto procedimento de investigação, método de tratamento e uma nova disciplina científica (Freud, 1923/2021). Em relação à cultura, foram adotadas definições estabelecidas ao longo das obras estudadas - em especial *O futuro de uma ilusão* - nas quais Freud concebe algo equivalente à civilização, no sentido de tudo aquilo que diferencia o homem dos animais (Freud, 1927/2020).

A partir de tais definições, foram exploradas algumas problemáticas que as envolviam, mais especificamente: no que diz respeito a psicanálise e sua inserção na ciência, em seu desdobramento enquanto método e no que implica o exercício de se pensar a cultura a partir da mesma - o que possibilitou a construção de duas principais questões orientadoras da leitura dos textos freudianos analisados. Foram elas: 1. demonstrar como a psicanálise, enquanto método e processo de investigação, se constitui através da análise da cultura e 2. investigar como o exercício freudiano de pensar a cultura se insere na constituição da

psicanálise em seus três âmbitos, contribuindo para a garantia de sua validade e universalidade.

Assim, foi realizada uma análise minuciosa dos quatro principais textos freudianos que pensam a relação entre cultura e psicanálise - *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930) -, pautada em especial pela forma como os mesmos foram construídos do ponto de vista argumentativo e pelo contexto histórico em que foram produzidos e publicados, orientado sobretudo pelos momentos da vida de Freud e da psicanálise em sua construção teórico-clínica e inserção no mundo. Isto pois, para pensar tais textos a partir de sua relação com o método de investigação psicanalítico e da função apresentam para a constituição da psicanálise, é essencial que os mesmos sejam abordados a partir de sua inserção no contexto histórico psicanalítico e em sua construção argumentativa, na medida em que uma leitura desta natureza possibilita um estudo que conecta o autor ao seu contexto histórico e aos quadros conceituais mais amplos, dentro dos quais seu discurso se torna compreensível.

No que diz respeito a relação dos textos com a psicanálise enquanto método de investigação, foi percebido que existem três momentos dos quais os mesmos participam: *Totem e tabu* elabora e desenvolve as bases para uma investigação psicanalítica da cultura, *Psicologia das massas e análise do eu* instaura os princípios metodológicos para a mesma e *O futuro de uma ilusão*, seguido de *O mal-estar na civilização*, correspondem a aplicação desse método - o que cronologicamente condiz com a definição que Freud estabelece de psicanálise abordando-a enquanto processo de investigação, que se dá em 1923, após *Psicologia das massas*.

No contexto do movimento em direção à universalização da psicanálise, que se manifesta ao longo de toda a teoria freudiana e se caracteriza pela sua validação em seus três âmbitos, percebe-se que as obras analisadas contribuem para esse processo a partir de perspectivas distintas, mas que se interligam. Junto de outras produções, *Totem e tabu* constitui um marco importante do início dessa validação no domínio do saber, ao universalizar o complexo de Édipo, enquanto *Psicologia das massas e análise do eu*, ao estabelecer os princípios metodológicos da investigação psicanalítica, busca validá-la tanto no campo teórico quanto como método, destacando a importância do saber psicanalítico para outros campos do conhecimento. *O futuro de uma ilusão*, por sua vez, aponta para a validação da psicanálise no contexto clínico ao considerá-la uma ciência e sugerir que a ciência oferece uma solução para as ilusões humanas, e também, junto de *O mal-estar*, no âmbito metodológico, por consistirem em aplicações do método investigativo psicanalítico.

Por fim, em *O mal-estar na civilização*, Freud articula essa tentativa de validação em três frentes: enquanto clínica, disciplina e método, sintetizando em sua análise da cultura as linhas fundamentais de seu sistema.

Tendo estabelecido isso, partiu-se para uma análise um pouco mais minuciosa a respeito do que se percebeu acerca de cada obra ao longo da pesquisa.

Como principal marco da psicanálise aplicada à investigação cultural, *Totem e tabu* (1913) não apenas estabeleceu os fundamentos para uma nova abordagem na compreensão das origens da civilização, mas também desencadeou uma série de reflexões que ecoam até os dias atuais. Ao transitar entre a análise da psique individual e a interpretação dos fenômenos culturais, Freud não apenas delineou os contornos de uma nova disciplina, mas também forjou uma abordagem metodológica que buscava integrar diferentes campos do conhecimento: por meio de uma síntese entre psicanálise, biologia, etnografia e pré-história, elaborou um mito fundador da cultura que, embora criticado e debatido, lançou as bases para uma compreensão mais profunda das origens da sociedade humana. Isso se deu mais objetivamente através da proposição freudiana de que o complexo de Édipo, conceito central na psicanálise, não seria apenas uma experiência individual, mas um fenômeno cultural universal, inerente à condição humana - cuja resolução apresenta efeitos para a formação da identidade não apenas individual, mas social, o que faz do mesmo, portanto, essencial para a compreensão das estruturas sociais e instituições culturais. Isso se demonstra na medida em que a obra é utilizada em todas as demais enquanto recurso para a resolução dos problemas respectivamente propostos. Além disso, ao confrontar as teorias predominantes de seu tempo e ao estabelecer uma nova relação entre a psicanálise e outras disciplinas, Freud contribuiu para a consolidação da psicanálise como uma ciência autônoma e relevante para a compreensão da complexidade humana.

Visando a construção de uma metapsicologia das relações entre indivíduo e sociedade, pautada pela análise das massas e do Eu, *Psicologia das massas e análise do eu* é um texto que promete à investigação das relações entre psicanálise e cultura uma série de esclarecimentos importantes. Isto pois, para além de estabelecer os princípios metodológicos para se realizar investigações psicanalíticas de fenômenos clínicos e extra-clínicos, o mesmo também entra enquanto estrutural para a constituição da teoria psicanalítica freudiana. A análise aqui estabelecida da obra baseou-se em pensar sua construção argumentativa e a forma como a mesma noticiava os projetos freudianos tanto de reformular sua teoria e repensar a clínica, como de pensar a universalidade e validação do saber psicanalítico via estabelecimento do método investigativo. No que diz respeito ao primeiro ponto, *Psicologia*

das massas apresenta-se enquanto essencial para a psicanálise freudiana na medida em que compõe a segunda tópic: partindo do dualismo pulsional apresentado em 1920, a mesma prepara o terreno para a construção teórica de instâncias psíquicas Eu, Isso e Supereu da forma como se dá em 1923. Quanto ao último aspecto, o ensaio aborda o que chamamos de princípio metodológico tanto ao negar explicitamente a dicotomia entre psicologia individual e social, mas também através de sua estrutura argumentativa, na medida em que baseia-se em tal negação para resolver o problema das massas, abordando-o analogamente ao problema da análise do Eu. Assim, foi possível perceber como a obra confere à psicanálise uma especificidade no entendimento do sujeito e na intervenção sobre ele, enfatizando a inter-relação entre estruturas da subjetividade e modos de interação social tanto teórico como clinicamente.

Ambos *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização* foram aqui trabalhados conjuntamente no que diz respeito à forma como os mesmos se enquadram enquanto aplicação do método psicanalítico - ainda que, no que diz respeito ao segundo aspecto que buscamos investigar, os mesmos apresentem diferenças e especificidades. Publicadas em um contexto ambivalente de expansão territorial e institucional da psicanálise - marcado pelo advento das clínicas públicas - junto do aumento e fortalecimento das críticas e ameaças à mesma - advindas de médicos, padres, antissemitas, nazistas, entre outros -, ambas as obras foram construídas sob a peculiaridade de um momento extremamente delicado para o estabelecimento da psicanálise em seus três âmbitos - e isso fica perceptível em sua estrutura argumentativa. As duas obras, diferentemente das anteriores, se destacam mais pela forma como tratam os problemas do que pelo conteúdo propriamente trabalhado - que não apresenta nada de muito inovador -, na medida em que os constroem de tal modo a torná-los acessíveis à investigação científica e psicanalítica, inserindo-os no domínio psicológico e tornando-os passíveis de associação com os processos psíquicos estudados pela psicanálise. Isso atribui a mesma o estatuto científico de ser capaz de abordar, via metodologia própria, qualquer temática.

Em *O futuro de uma ilusão* a aplicação do método tal qual acima explicitada se mostrou tanto através da complexidade do problema tratado, a religião, quanto pelo recorte temporal contemplado, que aborda passado, presente e futuro. Outro ponto a ser destacado consiste na forma como o texto legitima a psicanálise também seu âmbito clínico, para além do saber e do método, ao defender a primazia da ciência sobre a religião em relação ao papel que cada uma desempenha no desenvolvimento humano. Isto pois, equiparando os processos evolucionários cultural e individual, Freud aponta que, do mesmo modo como o indivíduo

supera o infantilismo, a sociedade deveria substituir a religião pela ciência - e tendo afirmado a cientificidade da psicanálise, ao pensá-la enquanto instrumento imparcial, essa última é validada como uma das formas de promover tal transição.

Do mesmo modo, a especificidade e valor de *O mal-estar* se mostrou muito mais através da forma como as ideias principais analisadas, das quais foram sendo extraídas as implicações boa parte do pensamento freudiano ao longo da argumentação, do que em relação ao conteúdo trabalhado. Tendo como objetivo apreender a relevância da compreensão psicanalítica acerca da cultura, pensando sua evolução enquanto um processo singular semelhante ao individual, Freud estabeleceu uma psicanálise da cultura que sintetizou seu pensamento, entrelaçando as principais linhas teóricas de seu sistema. Reconhecendo um mal-estar inerente à condição humana, por vezes responsável pelas neuroses, a clínica psicanalítica valida-se enquanto possibilidade de mitigá-lo, e relacionando a evolução cultural, o desenvolvimento individual e a vida orgânica, os princípios teóricos até então formulados ao longo de sua produção - em especial àqueles relacionados à segunda tópica - são legitimados e universalizados. Isto pois, ao identificar a luta entre Eros e instinto de morte como essencial para a evolução cultural, Freud lança luz sobre as raízes do mal-estar presente na sociedade, de modo que a análise que estabelece acerca da formação do Supereu cultural e sua influência na produção de neuroses oferece uma nova perspectiva sobre as doenças mentais e as possibilidades terapêuticas.

Ainda que o âmbito clínico tenha sido brevemente abordado - mais ao final da pesquisa, a partir das duas últimas obras -, penso que seria de extrema importância tê-lo abordado mais a fundo, na medida em que, como defendido, na psicanálise teoria e clínica andam juntas, e devem ser pensadas conjuntamente. Isto posto, o fato do tratamento psicanalítico não ter sido detalhada e objetivamente trabalhado, não significa que o mesmo não se faça presente. Como explicitado desde o início, as motivações que originaram essa pesquisa envolviam em grande parte pensar a psicanálise enquanto uma clínica da transformação, no sentido de uma clínica que leve em consideração os laços sócio-políticos-culturais ao pensar a saúde mental; que entenda a promoção de saúde não como um processo de cura ou restauração, mas de transformação; que vise a desalienação dos sujeitos em todos os sentidos possíveis - e acredito que, nesse sentido, ficou claro que a psicanálise não corresponde a uma simples clínica da subjetividade, como as demais psicoterapias.

Nesse sentido, o estudo dos textos aqui abordados se faz essencial para pensar a clínica, na medida em que, como coloca Safatle (2009), "o que Freud nos fornece através de

seus textos sociológicos é, em última instância, uma completa teoria das patologias dos processos de modernização com suas lógicas de normatividade (p. 5)", o que implica pensar um tratamento pautado não apenas nas questões subjetivas dos sujeitos, mas que considere também o investimento libidinal particular dos mesmos nos vínculos sócio-políticos, levando-os a reconfigurá-los e produzindo, em última instância, algum tipo de mudança a nível social. Deste modo, pensar uma clínica da transformação e conceber novas formas de se fazer psicanálise envolvem uma compreensão anterior voltada à teoria já produzida, suas limitações e as implicações que atravessam e deixam de atravessar tal prática. Essa pesquisa se insere nesse percurso como um primeiro e pequeno passo de um longo e árduo caminho, mas que aos poucos vai se consolidando e nos permitindo pensar uma outra psicanálise, fora dos consultórios, que não apenas se distancie, mas se oponha a lógica hierárquica e segregacionista que domina a sociedade em que vivemos.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Fernando; Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39(70), p. 105-131, jun. 2006.

ALVES LIMA, Rafael; Clínicas públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 292-314, abr./2019. Disponível em <<https://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/292/242>> Acesso em: 12 set. 2022.

ALVES LIMA, Rafael; FERNANDES, Marco; Posfácio: Psicanálise Para Quem?. *In* DANTO, Elizabeth Ann; **As Clínicas Públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social**. Trad. Margarida Goldsztajn. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2022. Pg. 389 - 394.

BROIDE, Jorge; A Escuta nas Ruas. *In* **A Psicanálise na Cidade**. 1 ed. São Paulo: Escuta, 2022. p. 133-162.

BROIDE, Jorge; Prefácio. *In* DANTO, Elizabeth Ann; **As Clínicas Públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2022. p. XIII - XVIII. Trad. Margarida Goldsztajn.

COUTO, Luis Flávio S; Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. *In* NETO, Fuad Kyrillos e MOREIRA, Jacqueline; **Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade**. Minas Gerais: EdUEMG, 2010. p. 59 - 81

DANTO, Elizabeth Ann. **As Clínicas Públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2022. Trad. Margarida Goldsztajn.

DEBIEUX, Miriam. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

DEBIEUX, Miriam; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade** - v. 22, 2010. p. 180-188

DUNKER, Christian. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento**. 2ª edição. São Paulo: Zagodoni, 2021

DUNKER, Christian; IANNINI, Gilson. **Ciência pouca é bobagem**: porque psicanálise não é pseudociência. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

DUNKER, Christian; Prefácio: Uma História do Porvir. *In*: GARCIA, Florent Gabarron. **Uma história da psicanálise popular**. 1a. ed. São Paulo: Ubu, 2023. p. 7 - 13.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas** (1907). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 8. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 300 - 313.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise** (1940 [1938]). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 19. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 189 - 273.

FREUD, Sigmund. **Contribuição à história do movimento psicanalítico** (1914). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 11. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 245 - 327.

FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 1ª edição.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo** (1939). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 19. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 13 - 188.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão** (1927). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 17. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 231 - 301.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 18. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 13 - 123.

FREUD, Sigmund. **Para além do princípio de prazer** (1920). *In*: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 14. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 121 - 178.

FREUD, Sigmund. **Prefácios e textos breves:** prólogo a dez anos do instituto psicanalítico de Berlim (1935). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 18. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 454 - 455.

FREUD, Sigmund. **"Psicanálise" e "Teoria da Libido"** (1923). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 15. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 273 - 308.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu** (1921). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 15. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 13 - 113.

FREUD, Sigmund. **Questão da análise leiga:** diálogo com um interlocutor imparcial (1926). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 17. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 124 - 230.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu** (1913). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 11. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 13 - 244.

FREUD, Sigmund. **Uma dificuldade da psicanálise** (1917). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, Volume 14. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 241 - 151.

FUKS, Betty B. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GABRIEL, Yannis. **Freud e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. Tradução Vera Ribeiro.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. 2 ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2021. Tradução Denise Bottmann.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro H. Para ler o mal estar. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião:** O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 1ª edição.

IANNINI, Gilson. Notas editoriais. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião:** O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 1ª edição.

JONES, Ernest. **A Vida e Obra de Sigmund Freud**. Vol. 2: A Maturidade 1901 - 1919. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989a. Tradução Júlio Castafion Guimarães.

JONES, Ernest. **A Vida e Obra de Sigmund Freud**. Vol. 3: Última Fase 1919 - 1939. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989b. Tradução Júlio Castafion Guimarães.

LAPLANCHE, Jean. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992. Tradução Claudia Berliner.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 5. ed. São Paulo: Martins Fones, 2022. Trad. Pedro Tamen

LEITE, Sonia. A peste: breves reflexões sobre psicanálise, arte e cultura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 161-167, 2020.

MEZAN, Renato; **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006. 4a Edição.

MEZAN, Renato. **Freud, Pensador da Cultura**. São Paulo: Blucher, 2019. 8a Edição.

MONZANI, Luiz Roberto. Totem e tabu: uma revisão. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 23, n. 33, p. 243-255, 2011.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: movimento de um pensamento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2023.

ROAZEN, Paul. **Freud: Pensamento Político e Social**. São Paulo: Brasiliense, 1973. Tradução Maria Helena Rodrigues Muus.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 6a ed., 2021. Tradução André Telles.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2022. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães.

SAFATLE, Vladimir. **Curso Integral: Freud como teórico na modernidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/6160441/Curso_Integral_Freud_como_te%C3%B3rico_da_modernidade_2009_>, último acesso em 04/2024

SOUZA, Paulo César. **As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2008.